

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**DA HISTÓRIA CONTADA AO SUJEITO DA CONTAÇÃO: COMO
ME FIZ CONTADORA DE HISTÓRIA...**

ELIANDRA CARDOSO DOS SANTOS VENDRAME

**MARINGÁ
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**DA HISTÓRIA CONTADA AO SUJEITO DA CONTAÇÃO: COMO ME FIZ
CONTADORA DE HISTÓRIA...**

Dissertação apresentada por ELIANDRA CARDOSO DOS SANTOS VENDRAME, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora Prof^a. Dr^a. ERCÍLIA MARIA ANGELI TEIXEIRA DE PAULA

MARINGÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

V453d Vendrame, Eliandra Cardoso dos Santos
Da história contada ao sujeito da contação: como
me fiz contadora de história... / Eliandra Cardoso
dos Santos Vendrame. -- Maringá, 2015.
132 f. : il. col., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Ercília Maria Angeli
Teixeira de Paula.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

1. Contação de histórias. 2. Contador de
histórias - Estudos autobiográficos. 3. Contar
histórias - Educação. 4. Estratégias de contação de
histórias. I. Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira
de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa
de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 21.ed. 371.1

ECSL

ELIANDRA CARDOSO DOS SANTOS VENDRAME

**DA HISTÓRIA CONTADA AO SUJEITO DA CONTAÇÃO: COMO ME FIZ
CONTADORA DE HISTÓRIA...**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula (Orientadora)
– UEM

Prof^a. Dr^a. Renata Junqueira de Souza – UNESP – Presidente
Prudente

Prof^a. Dr^a. Verônica Regina Muller – UEM

Prof^a. Dr^a. Cyntia Graziella Simões Girotto – UNESP – Marília
(Suplente)

Prof^a Dr^a. Geiva Carolina Calsa – UEM (Suplente)

14 de Dezembro de 2015



E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração...

(Caminhos do coração – Gonzaguinha 1982).

AGRADECIMENTOS

É momento de agradecer e, para iniciar, trago um provérbio africano que diz “A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada”. Assim, do processo de seleção até a conclusão do Mestrado, foi um longo caminho percorrido, repleto de emoções.

Há muitos a quem agradecer, já que uma vida só é completa com a presença marcante de várias outras pessoas. Logo, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram com a minha formação como ser humano e como profissional: a eles, meu respeito e eterna gratidão.

Contudo, devo destacar particularmente algumas pessoas que, de forma mais pujante, fazem parte desta caminhada.

Aos meus pais, Leonardo e Carmelita, pela minha existência.

Pai, o seu contar me fez ... contar. Hoje, conto pelo mundo afora na itinerância da vida.

Ao meu companheiro de todas as aventuras, Jaime, por confiar, crer e incentivar a todo momento, acreditando que sou capaz. A você, meu Amor, toda gratidão.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, amores que foram companheiros nos momentos em que precisei ausentar-me.

À querida Luana Nazário e sua família, que me acolheu em sua casa e tornou-se uma amiga especial, a qual não tenho como retribuir, por isso tudo que desejo é registrar a importância que você tem nessa caminhada.

À professora Dr^a. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, minha orientadora, que desde o momento em que nossas linhas se cruzaram passou a ser grande incentivadora da minha busca pela formação e humanização. Além de grande amiga e parceira em empreitadas educacionais, pelas suas mãos, ganhei o meu maior presente: a oportunidade de desenvolver a escrita com base nas minhas experiências e, a partir disso, o meu reconhecimento é eterno.

À professora Dr^a. Verônica Regina Muller, pela acolhida no PCA, em um grupo que tem me oportunizado aprendizados e vivências de grandiosa contribuição à minha formação humana, por seu olhar de sabedoria e de sensibilidade a esta pesquisa.

À Professora Dr^a. Renata Junqueira de Souza, pela dedicação ao processo de formação de contadores de histórias e sua atuação ao CELLIJ, que foi uma

descoberta incrível para mim. Agradeço em especial pelas contribuições no processo de qualificação.

À professora Dr^a. Geiva Carolina Calsa, pelo incentivo aos estudos e sua maneira ímpar de buscar a compreensão dos alunos. Seja nas disciplinas cursadas, seja no processo de qualificação, suas contribuições foram necessárias à produção dessa dissertação. E, meu agradecimento particular, pela preocupação e pelo carinho com o processo que vivenciei no mestrado.

À professora Dr^a. Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, pela participação nas brincadeiras e nas viagens a Marrocos, além de seu olhar carinhoso com essa contadora.

Às colegas do colegiado do curso de Pedagogia da Faculdade Integrado de Campo Mourão, pelas horas de escuta e de incentivo a fazer parte do PPE.

Às professoras Dr^a. Terezinha Galuch, Dr^a. Maria Cecílio, Dr^a. Nerli Mori pelas disciplinas que foram fontes de conhecimento e de sabedoria.

À professora Dr^a. Olinda Kajihara, pela presença amiga e pela alegria partilhada ao longo do mestrado, sendo que durante a disciplina e na continuidade do processo, seu carinho e seu cuidado foram de grande valia.

À direção da Escola Municipal Professor Domingos José de Souza, pela possibilidade de estar neste espaço e de vivenciar o mestrado. Lembrando que, Lauricy e Edna, sem vocês isso não seria possível. Aos amigos e colegas de escola que, de forma direta ou indireta, contribuíram e estão aqui representados.

Ao município de Campo Mourão, por atender ao pedido do Projeto Hora Atividade, em função da Formação continuada.

Aos colegas de disciplinas do mestrado, em especial aqueles que tornaram os estudos momentos de alegrias e de emoções. À Vânia Regina Machado por tudo que representa nesta trajetória. Ao Vânio Borges pelas “locuragens” e pela parceria sempre. À Mariana Costa Nascimento pela disponibilidade em auxiliar os colegas e apresentar-nos as dependências da UEM.

A todos os meus professores de toda a vida, que serviram de exemplo, de modelo e de incentivo e, aos meus alunos queridos, “os pequenos” e “os grandes”, que são a razão de ser da minha vida profissional, ou seja, vocês fazem valer a pena. À minha querida e inesquecível professora Zaída, minha fada, a quem não tive a chance de agradecer.

Aos colegas “Encantadores de Palavras”, pelos momentos vividos em formação, a alegria de compartilhar histórias pela vida afora. À Viviane Lima, que nos apresentou possibilidades e estudos.

Aos profissionais do PPE, Hugo e Marcia, pelas informações e toda a atenção que dedicam aos alunos da pós-graduação.

Aos amigos presentes e ausentes, pela compreensão e pelo apoio, muitas vezes, silencioso.

E, por fim, com toda a força da dádiva da minha existência, pela vida... tão boa e tão intensa.

“O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória, imperecível. ”

(Adélia Prado, 1999)



“Não sei se cada um tem um destino, ou se só flutuamos sem rumo, como numa brisa. Mas acho que talvez sejam ambas as coisas. Talvez as duas coisas aconteçam ao mesmo tempo.” (GUMP, 1994)

VENDRAME, Eliandra Cardoso dos Santos. **DA HISTÓRIA CONTADA AO SUJEITO DA CONTAÇÃO: COMO ME FIZ CONTADORA DE HISTÓRIA...** (132 f). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dr^a. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. Maringá, 2015.

RESUMO

Este é um estudo sobre a arte de contar histórias e sua relação com a construção da identidade do contador de histórias. Ao considerar a contação de histórias como uma arte essencial ao desenvolvimento humano, este trabalho teve como objetivo principal analisar minhas práticas de contação e sistematizá-las como estratégias para tais momentos, que são essenciais na construção da identidade do contador de histórias. A problemática foi originada a partir das seguintes questões: como a arte de contar histórias torna-se ciência e faz-se na história vivenciada? Como constitui-se a identidade do contador de histórias? Quem é o contador de histórias? Quais estratégias de contação de histórias foram encontradas por mim no exercício da prática de contar histórias? Esta pesquisa foi qualitativa e a metodologia desse trabalho teve como base os estudos autobiográficos sobre contadores de histórias e as estratégias utilizadas para a contação de histórias. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: análises dos diários de campo e dos registros do *Blog “Educar é tudo”*. Como resultados foram sistematizadas estratégias para a contação de histórias e os processos de construção da identidade do contador de história. A construção da identidade do contador de histórias, quando pensada na perspectiva dos estudos autobiográficos, permite o olhar sobre a prática, em especial no processo de autoformação e de constituição identitária. A história vivenciada pode tornar-se ciência, pois reflete um processo de investigação de busca pelo conhecimento de *si*. Desta maneira, ela se torna um percurso investigativo de conhecimento e de entendimento da formação pessoal e profissional, que é possível quando ocorre a tomada de consciência como sujeito do processo de formação. Na relação de formação e de construção da identidade do contador de histórias perpassam a consciência de *si*, a convivência com o outro e o modo como compreendemos o mundo a que pertencemos. A arte de contar histórias é comunicação e, junto com as pessoas, o narrador tem a possibilidade do ouvir, já que esses aspectos se entrelaçam para a humanização do homem na arte de viver, de descobrir, de interpretar e de agir no mundo. A palavra, que na sociedade é ferramenta do humano, tem na contação de histórias a sedução e o encantamento, que possibilitam a contação de histórias de forma criativa e dinâmica.

Palavras-chave: Educação; Contação de histórias; Estudos Autobiográficos; Identidade; Estratégias de Contação.

VENDRAME, Eliandra Cardoso dos Santos. **FROM THE STORY TO THE STORYTELLER: HOW I MADE MYSELF A STORYTELLER...** (132 f). Dissertation (Master's Degree of Education) – State University of Maringá. Advisor: Dr. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. Maringá, 2015.

ABSTRACT

This is a study about the art of storytelling and its relationship with the construction of the identity of the storyteller. When considering the storytelling as an art essential to human development, this study aimed to analyze my storytelling practices and systematize them as strategies for such moments, which are essential in the building of the storyteller. The problem originated from the following issues: how the art of storytelling becomes science and make the experienced story? How is the identity of the storyteller? Who is the storyteller? What strategy of storytelling were found by me in the course of the practice of storytelling? This research was qualitative and the methodology of this study was based on autobiographical studies of storytellers and the strategies used for storytelling. The research instruments used were: analysis of field diaries and blog records of "Educar é tudo". As results were systematized strategies for storytelling and construction processes of the identity of the storyteller. The construction of the identity of the storyteller, when thought from the perspective of autobiographical studies, allows the look on the practice, especially in the process of self-formation and identity construction. The experienced story can become science because it reflects a process of research of the knowledge of yourself. In the process, it becomes an investigative journey of knowledge and understanding of personal and professional development, which is possible when there is awareness as subjects of the training process. In the relationship of formation and construction of the identity of the storyteller permeate the consciousness of self, living with each other and the way we understand the world we belong to. The art of storytelling is communication and together with the people the narrator has the possibility of listening as these aspects are intertwined for the humanization of man in the art of living, to discover, to interpret and act in the world. The word in society is the human tool and in the storytelling is the way of seduction and enchantment which allow a creative and dynamic way of storytelling.

Keywords: Education; Storytelling; Autobiographical Studies; Identity; Storytelling Strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meu primeiro certificado pintado a giz de cera pelas mãos da Professora Toninha	24
Figura 2 - Capa da Cartilha com a qual fui alfabetizada, de Doracy de Paula Falleiros de Almeida	26
Figura 3 - Capa do livro que marca meu encantamento pelas histórias	31
Figura 4 - Jornal da Cidade de Campo Mourão com a lista dos aprovados.....	37
Figura 5 - Momento de partilhar com alegria o encerramento do Projeto Brinquedos e o Dia da Criança - Turma B – 2010	40
Figura 6 - Encantadores de Palavras no dia da entrega de certificados do projeto de formação Viva Leitura	44
Figura 7 - Encontro de formação do “Projeto Viva Leitura”, com Lúcia Fidalgo ..	45
Figura 8 - Encantadores de Palavras, com Edmir Perrotti – SESC	46
Figura 9 - Livro recebido como presente de Edmir Perrotti.....	49
Figura 10 – Contação no Parque do Centro de Eventos de Mamborê – Pr	56
Figura 11 – Momento de Contação na escola Casimiro de Abreu – Farol – Pr ..	56
Figura 12 - Momento de contação de histórias em Iretama – PR.	57
Figura 13 - Alunos da Educação Infantil que participaram da contação de histórias – Município de Luiziana - PR.	57
Figura 14 - O caso do bolinho – Município de Roncador – PR	58
Figura 15 - Bolinho, Bolinho ... Eu vou te papar! - Campo Mourão - PR.....	58
Figura 16 - Eu e meu traje de contadora de histórias, contando a história “A primeira Roupinha”, no dia da formatura dos contadores do “Projeto Viva Leitura”.....	62

Figura 17 - Capa customizada do "Livro Mágico".....	64
Figura 18 - Primeira contação com o livro mágico. Aqui a capa do livro ainda não havia recebido a customização	65
Figura 19 – Contação com o momento da história colorida	66
Figura 20 - Momento de contação de “O caso do Bolinho com os fantoches de vara: o avô e a avó”.....	70
Figura 21 - Momento de dramatização da canção.	124
Figura 22 - Alunos em momento de produção do livreto.	124
Figura 23 - Capa do Livreto produzido por Bruno.	126
Figura 24 - Atividade de registro com a canção O cravo brigou com a Rosa	127
Figura 25 - Dados e informações sobre a produção - Ficha catalográfica produzida com as crianças.	128
Figura 26 - Ilustração do trecho da canção.	129
Figura 27 - Registro ilustrativo.	130
Figura 28 – Ilustração.	131
Figura 29 - Informações sobre Edmir Perrotti.	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema de 3 atos.....	83
--	----

LISTA DE SIGLAS

COMCAM - Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão.

CELLIJ – Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva”.

ECA/USP - Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo.

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

FUNDACAM - Fundação Cultural de Campo Mourão.

MEC - Ministério da Educação.

PCA – Programa Multidisciplinar de Estudo, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente.

PPE – Programa de Pós-Graduação em Educação.

SEB/MEC - Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

SESC - Serviço Social do Comércio.

UEM - Universidade Estadual de Maringá.

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

UNESPAR/FECILCAM - Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão.

UNICENTRO - Universidade do Centro Oeste.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. DA HISTÓRIA CONTADA... AO SUJEITO DA CONTAÇÃO/FORMAÇÃO	23
2.1. As delícias de minha infância e adolescência	23
2.2. O encantamento da professora contadora de histórias	35
2.3. A trajetória de formação como contadora de histórias	41
2.4. O <i>BLOG</i> - A necessidade de registro das bonitezas da vida, muito além das experiências, as vivências	54
2.4.1 - As vivências com as itinerâncias do “Projeto Viva Leitura”	55
3. O CONTADOR DE HISTÓRIAS E A “METAMORFOSE” PARA CONTAR HISTÓRIAS: O INÍCIO, O MEIO E O FIM	61
3.1. Início - preparação da contação/sedução	62
3.2. Meio – As histórias que conto... O encantamento	68
3.3. O fim – O convite para uma viagem	74
4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS E A FORMAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	79
4.1. Considerações sobre a arte de contar histórias	79
4.2. Os estudos autobiográficos e a construção de contadores de histórias	86
4.3. A identidade dos contadores de histórias	88
4.4. Estratégias para contar e encantar crianças e adultos: o que os estudos nos contam	91
4.5. Leituras e possibilidades do que contar e para quem contar	102
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	122
ANEXO 1	123

1. INTRODUÇÃO

“Houve um tempo, há muito tempo... e dizem que naquele tempo os animais falavam e viviam juntos numa linda floresta. ”

Esta é uma das frases que introduz uma história que ficou registrada na memória e a qual utilizo no processo de contação de histórias¹. Ela faz parte de minha infância e da minha vida e essas palavras fascinantes permanecem na minha lembrança ao longo dos anos.

As histórias sempre me encantaram e, desde pequena, sonhava em ler para poder levar as histórias que via nos livros da escola para minha família. Quando fiz 18 anos de idade e fui atuar como professora da Educação Infantil pude compartilhar com as crianças as histórias que me fascinavam na infância. Em princípio eu não compreendia as razões das histórias fazerem parte do meu mundo por tanto tempo. Com o passar dos anos, porém, como contadora de histórias e professora, fui percebendo a necessidade de estudar e aprofundar meus conhecimentos nessa temática.

Quando iniciei o processo de contação de histórias na escola, percebi que contar histórias é um processo de criação de elo, de proximidade e de afeto entre o professor/contador e o aluno. Quando contamos uma história e ouvimos as interrogações das crianças, como por exemplo: “Hoje tem história?”, “Conta de novo?”, “Acabou?”, dentre tantas outras perguntas, percebo que, com essas interrogações, as crianças internalizam as histórias contadas pelos professores, assim como os conhecimentos que eles compartilharam com os alunos. Isso não ocorre por acaso. Diante deste aspecto, senti a necessidade de ampliar os estudos sobre estratégias de contação de histórias, como ferramentas para o desenvolvimento integral² do ouvinte e para a formação do contador de histórias³.

Ao Compartilhar do princípio de que contar histórias é uma arte, essa pesquisa teve como objetivo principal analisar minhas práticas de contação de histórias, a fim de sistematizar minhas estratégias para os momentos de contações

¹ No decorrer deste estudo, o vocábulo “história” será, sempre, empregado para designar a história infantil, o conto para adolescentes e adultos, a cantiga de roda, as fábulas, as lendas etc.

² Consideramos desenvolvimento integral os aspectos: biológicos, psicológicos e socioculturais.

³ Gostaria de anunciar que o gênero masculino e feminino será tratado por “contador de histórias”.

de histórias, vivências essenciais na construção da identidade do contador de histórias. Os objetivos específicos foram: compreender as estratégias utilizadas na contação de histórias; descrever a relação das vivências de contação de histórias e a construção da identidade do contador de histórias; além de discutir a influência dos estudos autobiográficos e sua relação na identidade dos contadores de histórias.

Nessa pesquisa busquei analisar minha prática de contação de histórias na cidade de Campo Mourão, uma cidade localizada no interior do Paraná. Assim, serão apresentadas práticas de contação de histórias, bem como, diferentes situações de contação de histórias que realizei ao longo de minha vida profissional e pessoal. Essas práticas estão descritas detalhadamente na dissertação e são essências para o exercício de contar histórias para todas as idades.

As práticas sugeridas estão registradas em diários de campo, fotos e no *Blog*⁴ que construí, denominado: “Educar é tudo”. Esses instrumentos, portanto, foram objeto de estudo dessa pesquisa, sendo que essas práticas correspondem ao período de 2010, quando iniciei a formação como contadora, até os dias atuais.

O *Blog* (VENDRAME, 2010) é um importante instrumento nesta jornada de formação como contadora de histórias, na formação continuada e nas experiências vivenciadas. Esse *Blog* que criei é uma ferramenta que está disponível na *internet* e permite o registro de experiências, informações e ações que constituem uma espécie de “diário das vivências” significativas do percurso de formação e de ações com contações de histórias e assuntos pertinentes ao educar. Tal recurso passou a ser usado por mim no ano de 2010 como uma estratégia para compartilhar estudos e materiais, a fim de contribuir com a minha prática pedagógica e de outras pessoas interessadas. Nele é possível encontrar ações de contação, indicações de textos e leituras, informações a respeito da Educação Infantil, entre outros

⁴Os avanços da internet e a disponibilidade de suas ferramentas possibilitaram uma nova fase para os usuários, que vieram a ser autor e produtor de suas informações. A nova fase ficou conhecida como *Web 2.0*. Os *weblogs*, palavra composta por *web*, que significa página na internet, e *log*, que significa diário de bordo, foi um destes importantes avanços. Quando surgiram no final dos anos 90, os *weblogs*, mais comumente conhecidos como *blogs*, foram vistos como um diário virtual que possibilitava um compartilhamento de pensamentos, relatos e reflexões pessoais, porém neste período era necessário um conhecimento técnico de programação. No ano de 1999, foram criados aplicativos e serviços de *weblog*, como o *Blogger*, do Google, por exemplo. Estes sistemas gratuitos e de baixo custo que facilitaram a disseminação da prática do *weblog*, e permitem que qualquer pessoa seja um *blogueiro* (como é chamado o autor de um *blog*). (PONTES e FILHO, 2011).

assuntos. Esse instrumento, portanto, é uma fonte de registro do processo de conhecimento de si mesmo, como profissional e pessoa.

A busca pela compreensão da relação entre professora e processo de construção de identidade, por meio de formações/estudos e vivências, tem se tornado fonte de conhecimento do processo de construção da identidade e da subjetividade. É possível verificar isso na afirmação de Oliveira (et al), de que “Narrar sua história é um meio de cada pessoa atribuir um sentido à sua experiência, dar um significado a quem ela é e perceber como este é construído no mundo social” (OLIVEIRA, et al. 2006, p.552).

Sendo assim, a presente pesquisa se justifica pelo fato de que as estratégias de contação e reflexões sobre as mesmas são instrumentos de sistematização de minha prática no contexto escolar e extraescolar. Por meio das reflexões sobre esse trabalho, uma das finalidades é compartilhar essas experiências com professores e contadores de histórias, para que possam analisar, criticar, refletir e socializá-las em diferentes contextos, assim como utilizá-las como orientação para outros profissionais. A partilha e a análise dessa proposta é uma tentativa de socialização e também de diálogo dessas práticas sistematizadas, nas quais entendo que a contação é um caminho para a humanização da criança e dos adultos também.

Quando me refiro a humanizar e humanização, estou refletindo sobre a definição encontrada em Houaiss (2001) de que humanizar “torna (se) humano, dar ou adquirir condição humana; humanar (se)” que também afirma “tornar (se) benévolo, ameno, tolerável”. É nesta perspectiva que penso o conceito, conforme Oliveira, Zampieri e Bruggemann (2001), que corroboram com a definição proposta quando sugerem que humanização e humanizar “é tornar humano, dar condições humanas”, ou seja, isso requer afeto e sensibilidade.

Na busca pelo entendimento de humanização, porém, temos as reflexões de Freire (2006), as quais considero fundamentais, pois a humanização ocorre por meio das ações dos homens sobre a realidade social quando eles transformam situações opressoras em situações de liberdade de ação e de pensamento. Nesse sentido, a proposta de humanização na educação “é o ato de conhecer”, que exige um processo de educar, pois “a consciência é intencionalidade até o mundo”

(p.116), sendo assim a contação de histórias surge para mim como uma forma de consciência de mundo, logo, como humanização.

A minha prática de contação de histórias foi sistematizada, em diários de campo e no *Blog*, desde 2010, entretanto, as reflexões teóricas sobre essas práticas foram realizadas na construção da dissertação de mestrado. Desta maneira, por meio da análise, a investigação tem a intenção de registrá-la para nela compreender e identificar, em um primeiro momento, a sequência de ações que são organizadas nas práticas de contação de histórias e, no segundo momento, as estratégias que são utilizadas durante os momentos de contar histórias aos ouvintes.

As estratégias têm como referência as categorias instituídas por Sisto (2005), Moraes (2012) e Silva (1997), isso pelo fato de que durante os estudos sobre estratégias de contação de histórias encontrei naquelas apontadas por eles, pontos importantes que fundamentam a minha prática como contadora de histórias.

Na busca por entender a contação de histórias e a construção da identidade do contador, fez-se necessário conhecer os estudos já realizados na área. Os resultados da busca indicam que o contador de histórias tem sido investigado por diversas áreas do conhecimento e com trabalhos em direções variadas, as quais confirmam a possibilidade de diferentes olhares ao sujeito contador de histórias.

Ao investigar no *site* do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), com base na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com o termo contador de história, no título, foi localizado o primeiro trabalho com data de 2000. Também foram encontrados um total de dezenove trabalhos com título a respeito do contador de histórias até o ano de 2015. Dentre essas produções acadêmicas, encontrei dez dissertações de mestrado e nove teses de doutorado, o que demonstra a necessidade de estudos a respeito da temática. Já quando associamos identidade/contador de histórias foi possível averiguar que não há nenhuma pesquisa a respeito da identidade do contador de histórias o que caracteriza nossa investigação como algo necessário.

No *site* do portal da Capes, foi realizada uma procura por trabalhos que possuem o termo contador de histórias em seu título, independente de tratar-se do objeto principal de pesquisa. A busca incluiu artigos, publicações, teses e dissertações. Encontrei um total de trinta e quatro trabalhos, sendo que nesses

trabalhos há um artigo com publicação no ano de 1990. A busca com termo contador de histórias associado à identidade reduziu os trabalhos em uma tese de doutorado em psicologia social, com publicação em 2012, que teve como objetivo “estudar os contos de tradição oral e sua influência na identidade do contador de histórias moderno...” (GIORDANO, 2012, p.7).

Ao fazer uma busca no *site* da Biblioteca Regional de Medicina (Bireme), na base de dados geral, encontramos cinco estudos com o termo contador de histórias, sendo que, quando a busca foi refinada, o termo contador de histórias, com dado da Literatura Latino Americana de Ciências da Saúde (LILACS), apresenta apenas um artigo que possui no título o termo contador de histórias. Quando relacionado o termo identidade, novamente, não há nenhum registro.

No *site Scientific Electronic Library Online* (SciELO) constamos a existência de três publicações, sendo dois artigos relacionados à atuação do contador de histórias em hospitais e um relacionado ao filme “O Contador de Histórias” (Luiz Villaça, 2009), baseado na autobiografia de Roberto Carlos Ramos. Quando associado o termo identidade, não foi registrada nenhuma publicação.

Nesse contexto, percebe-se a carência encontrada em relação às pesquisas desenvolvidas até o presente momento sobre o tema, alvo de nosso interesse. Esse aspecto confirma a originalidade dessa investigação relacionada à identidade do contador de histórias e à análise de práticas de contação.

Ao considerar as práticas, os conhecimentos, os estudos, as inquietações e as motivações, nesse trabalho dedico-me a levantar alguns questionamentos sobre as contribuições da utilização e da promoção da contação de histórias. Neste momento, busco responder: como a arte de contar histórias torna-se ciência e faz-se na história vivenciada? Como constitui-se a identidade do contador de histórias? Quem é o contador de histórias? Quais estratégias de contação de histórias foram encontradas por mim no exercício da prática de contar histórias?

A metodologia desse estudo foi a revisão de literatura, principalmente no que tange ao entendimento dos estudos autobiográficos sobre contadores de histórias e as estratégias utilizadas para a contação. Como instrumento de pesquisa foram utilizados os diários de campo e registros⁵ do *Blog*.

⁵ As fotos e as imagens dessa pesquisa foram autorizadas pelos Projetos dos quais participei como professora contadora de histórias.

A reflexão sobre vivências e narrativas presentes na formação da identidade do contador de histórias e a metodologia autobiográfica permitiram-me um olhar para a trajetória de vida e a identificação de tudo o que faz a mediação para o acesso ao conhecimento por parte dos docentes.

Dessa forma, a pesquisa teve a perspectiva de um olhar sobre *si*, para a identificação, a descrição, a explicação e a compreensão do sujeito, por meio de narrativas. Para Souza (2007, p.4): “as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento, porque têm na experiência sua base existencial”.

A abordagem desse estudo foi qualitativa, considerando que a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. Prodanov (2013, p. 70) afirma que: “O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”. Nesse sentido, foi necessária uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido como docente e, principalmente, como contadora de histórias na atuação direta, ora na Educação Infantil, ora no Ensino Superior e em diferentes contextos.

Quanto à estrutura dessa pesquisa, em um primeiro momento, descreverei a relação entre as vivências de minha infância e adolescência, junto à formação da identidade da professora contadora de histórias. Neste capítulo também serão apresentadas as descrições de minha vida inicial, que marcaram as experiências vividas ao longo do processo de formação e que são essenciais para a prática pedagógica. Os registros do *Blog expõem* a expressão das ações desenvolvidas na docência, como professora de Educação Infantil e de Ensino Superior. Para este momento, portanto, serão considerados os estudos e também as experiências práticas como contadora de histórias.

No segundo momento, serão analisadas as estratégias de contação e as possibilidades do uso da contação de histórias para os ouvintes e para a formação de professores, por meio das vivências como professora contadora de histórias. Mediante o fazer e fazer muitas vezes, posso considerar como minha metodologia de contar histórias.

No terceiro momento, apresentaremos a revisão de literatura sobre a temática contação de histórias, visando conceituar e também compreender os estudos autobiográficos e sua relação com a formação dos contadores de histórias.

Neste momento, indicarei as estratégias de contação de histórias e as possibilidades de contação para encantar crianças e adultos com a arte de contar histórias, além de sugerir referências de livros de literatura infantil. Essas ações têm importante significado para a formação e para a compreensão do que faz do professor o contador de histórias e a busca por compartilhar as bonitezas da vida.

A seguir, serão descritos os passos para a realização dessa pesquisa.

2. DA HISTÓRIA CONTADA... AO SUJEITO DA CONTAÇÃO/FORMAÇÃO

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam. (...) Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez esse seja o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem... (ROSA⁶, 2006, p.147).

2.1. As delícias de minha infância e adolescência

Feliz é quem tem história para contar, e melhor ainda quando essa história será conhecida por alguém. O trecho de “Grande Sertão Veredas” representa a importância e a satisfação que há na eternidade da memória. É com muito prazer e na certeza de que essa missão não é fácil que, em poucas linhas, contarei um pouco de minha história.

Tudo começou no século passado, precisamente na primavera de 1978. Foi aos 14 dias de dezembro que cheguei ao mundo, no Hospital e Maternidade Anchieta, no município de Campo Mourão, no Paraná. Sou a primeira filha do casal Leonardo e Carmelita. Meus pais são nordestinos que vieram morar no Sul do Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Eliandra foi o nome que meu pai escolheu para mim. Vivíamos em uma casa alugada e minha mãe foi descobrindo, aos poucos, como era cuidar e educar uma criança. Quando eu estava com onze meses de vida, nasceu meu irmão Anderson. Assim, crescemos juntos e, logo depois, chegou meu irmão caçula, Adriano, e foi em 1982 que nossa família se completou.

⁶ Este trecho é do livro de João Guimarães Rosa, “Grande Sertão Veredas” e trata-se de Riobaldo (personagem) revivendo suas memórias.

A luta continuava. A vida no Paraná não estava fácil e fomos para o Estado de São Paulo e lá ficamos por dois anos. Para atender um desejo de minha mãe, porém, de viver onde nasceu, fomos para o Nordeste, mais precisamente para o Estado de Sergipe. Tudo foi muito difícil por lá. Não havia emprego e depois de seis meses, meus pais decidiram voltar para nossa casa no Sul, na cidade de Campo Mourão, onde vivemos até hoje.

Os anos passaram e poucos são os fatos de que me lembro de minha infância. Sempre pergunto aos meus pais como foi nossa meninice. Sei que mesmo em meio às dificuldades, não nos faltou o pão e o amor. Nós somos filhos de semianalfabetos. Eles sempre nos diziam que era preciso estudar e na escola, então, acredito que encontrei o caminho para realizar sonhos. Aos cinco anos de idade cursei o projeto “Casulo⁷”, no qual tive meu primeiro contato com a Educação Infantil.

As recordações são vagas, mas felizes. Nesse projeto, existia um parque, canções, brincadeiras de roda, cantigas, parlendas e diversão com pneus que eu e meus colegas empurrávamos no gramado verde e fresco de nossa escola.

A Escola preparou, no final do ano, a entrega dos certificados. Para nossa família, aquele era o primeiro diploma.



Figura 1 - Meu primeiro certificado pintado a giz de cera pelas mãos da Professora Toninha
Fonte: Acervo pessoal.

⁷ O Projeto Casulo foi lançado em 1977, trata-se do atendimento pré-escolar que tinha duração de período parcial (quatro horas), para crianças a partir dos quatro anos. (ROSEMBERG,1992).

Minha mãe sempre guardava todos os nossos trabalhos e documentos escolares. Quando completei 18 anos ela me entregou tudo e disse: “Agora é sua responsabilidade”. Desde então meu certificado tem um lugar assegurado nos “guardados especiais”. Esse certificado tem um valor inestimável, visto que registra minha primeira conquista da vida escolar.

Com seis anos de idade iniciei a primeira série em uma escola multisseriada. Fui aluna da professora Zaida, responsável pela minha formação. Suas ações me inspiraram e afetaram a ser a professora que sou hoje. Foi com a Professora Zaida que aprendi a ler e descobri a cada dia o prazer da leitura. Suas aulas eram destinadas às crianças da 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental séries iniciais, e com muitas histórias e atividades de brincadeiras passávamos as manhãs a aprender o mundo.

De acordo com Freire (1996, p.42) “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. Digo que hoje sou professora por sentir um prazer imenso ao relembrar um importante fato ocorrido no ano de 1985, quando participei de um curso de formação ocorrido em 2010, na cidade de Campo Mourão, no Paraná. Naquele curso, a ministrante nos pediu que descrevêssemos como foi nosso processo de alfabetização. Neste dia, ao relembrar minha professora Zaida, suas lições e a história que tenho para contar, não contive as lágrimas e percebi que deste fato me fiz professora. Essa história está relacionada às palavras de Freire (1996, p. 42) “O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. É provável que a professora Zaida nem saiba o que resultou de suas aulas e lições. O fato é que sua prática pedagógica permitiu a imaginação, a leitura, o aprender e a arte de se encantar pelas histórias que alguém conta.

Nossa professora trabalhava com a cartilha “No Reino da Alegria”, da autora, Almeida (1984). Este era o único livro, além da Bíblia que eu tinha em casa. Nele havia figuras e letras que, a cada dia, eu levava para nossa casa. As lições foram acontecendo e as primeiras leituras também e foi em uma das lições que minha querida alfabetizadora marcou para sempre minha vida. Era a lição da “Fada”. Sabíamos que as fadas realizam desejos e que cuidavam de seus protegidos, pois

na história de Pinóquio ela o transformou em um “menino de verdade”. Ah! Lembro-me disso na história, como se ouvisse ela nos contar.



Figura 2 - Capa da Cartilha com a qual fui alfabetizada, de Doracy de Paula Falleiros de Almeida
Fonte: http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/cartilhas_imagens/no_reino.htm

No dia da lição com a família silábica da letra “F”, a professora Zaida nos contou uma linda história e pediu que cada um de nós fizesse um pedido à fada. Meus amigos pediram bonecas, carrinhos e brinquedos. Eu, porém, queria um uniforme, que era uma camiseta branca e uma saia azul de pregas. Um uniforme igual ao das normalistas que eu via na televisão. É importante registrar que na minha escola não era obrigatório o uso do uniforme, mas eu sonhava com essa vestimenta. Era a “primeira roupinha” especial com que sonhei. Meu amigo Valter queria um pijama, pois ele achava bonito os artistas dormirem de pijama nas novelas.

Os meses se passaram e fomos, junto com a professora, descobrindo a leitura e a escrita e, para nossa surpresa, no encerramento do ano letivo tivemos uma festa. Para mim, esse foi um momento decisivo. Nessa festa, a professora Zaida tinha nas mãos dois embrulhos, que a “fada” tinha mandando por ela. Nesses embrulhos estavam guardados: meu uniforme e o pijama de meu amigo Valter.

Isso marcou tanto minha vida que usei o uniforme até a 5ª série (atualmente corresponde ao 6º ano do Ensino Fundamental das séries finais). A lembrança que

tenho deste dia fez com que eu acreditasse que a educação com amor é o que há de melhor. Era como se a professora nos trouxesse a ficção para a vida, um sentido ao imaginário.

A professora, por meio de sua mediação e afeto, proporcionou-me a oportunidade de ter acesso ao uniforme e sentir-me como as outras crianças, pertencendo concretamente à escola, a partir do pedido à “fada”. Esta é uma memória afetiva que criou um elo de proximidade com a profissão docente. Esses sentimentos, quando resgatados, permitem considerar como Vigotski⁸ (2009, p. 77) afirmava que, ao longo do processo de construção da identidade: “Nada de grandioso é feito na vida sem um grande sentimento”.

Esses sentimentos de afeto também se faziam presentes na minha família. Sempre gostei de ouvir e de contar histórias. Lembro que, quando pequena, meu pai, aos domingos, ficava colocando discos de vinil em sua vitrola. Nós ouvíamos músicas do sertão, com vaquejadas e histórias do Nordeste. Para terminar as manhãs, ele começava a contar uma história sobre um gato que tinha uma “bodega”⁹ e envolvia-se em um conflito de intrigas e de disputa.

Senti a necessidade de compartilhar essa história contada por meu pai, pois faz parte da minha vida, da minha formação e do interesse pela literatura. Esses são elementos essenciais que compõem minha memória e identidade pessoal e profissional, como tão bem descreve João Guimarães Rosa (2006, p.147), “Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer um balancê, de se remexerem dos lugares”. Então, surge a história! E que venha a história!

A intriga do gato com o cachorro¹⁰

A intriga é mãe da raiva e o mau pensamento é pai. Da casa da má querência o desmantelo não sai. Quanto mais a intriga rende a revolução não cai.

⁸ Nos estudos realizados nos deparamos com diferentes formas de grafia para o nome de Vygotsky. Optamos nessa pesquisa por empregar a grafia “Vygotsky”, e vamos preservar nas citações bibliográficas as grafias adotadas por seus autores.

⁹ Segundo meu pai é bar, lugar de encontrar os amigos. Para Ferreira (2011, p. 148), pequeno armazém, casa onde vendem bebidas alcoólicas a varejo.

¹⁰ História ouvida de Leonardo dos Santos, meu pai, recontada por mim, com base em um vídeo de arquivo pessoal, sendo que transcrevi conforme ele conta a história. Ressalto, ainda, que durante a pesquisa resolvi buscar se existiam registros dessa história e encontrei-os com versões diferentes, considerando que se trata de uma literatura de cordel. Essa história, contada por meu pai, fez parte da infância dele, junto aos irmãos, quando trabalhavam na roça.

O gato tinha uma bodega como hoje os homens têm, onde vendia aguardente encostado ao armazém. E com a balança armada para pesar cereais. No armazém do gato vendia: bacalhau, açúcar e gás, bolachas, café e manteiga, miudezas e tudo mais.

Quando chegava o tempo da safra, chegava ao armazém do gato tudo que se colhia, e que todos os bichos traziam. Vou dizer pela metade essa grande freguesia.

O peru vendia milho. O porco feijão e farinha. Com um cacho de banana mais tarde o macaco vinha. A raposa também trazia um garajau de galinha.

E assim disse o carneiro:

- Hoje vou passar a noite junto de minhas irmãs, descaroço o algodão, que quando for de manhã no armazém do gato eu vendo a minha safra de lã.

Guariba vendia escova que fazia com o bigode. O urubu vendia goma porque tem larva e pode. A onça suçarana vendia couro de bode.

O Rei leão mandou o cachorro ir lhe fazer uma prisão.

O cachorro ia passando na casa do gato. Então, pediu para beber fiado e o gato disse:

- Pois não. Subiu na prateleira e com uma garrafa desceu. Um cruzado de aguardente o cachorro ali bebeu, botou fumo no cachimbo, pediu fogo e acendeu. E a gata, mulher do gato que viu saiu do quarto e veio cá, e falou muito zangada:

- Vocês dois procedem mal. O gato falou: - Mulher é da porta do meio para lá. O gato também bebeu e o cachorro repetiu, botou o copo na banca saiu na porta e cuspiu. E o gato tirou o lenço do bolso limpou a barba e tossiu. O cachorro foi embora e gato ficou deitado, e a gata mulher do gato estava deitada no quarto e ouvi falar:

- Oh de casa.

Ela respondeu: Oh de fora. Quem é?

- É a raposa fui eu quem chegou agora.

- Entre comadre. Disse a gata.

E o gato se levantou e sentou em uma cadeira. E a raposa também se sentou. O gato foi contar à raposa de que forma embebedou-se.

E a raposa disse:

- Compadre o senhor não pensou direito, e bebeu com o cachorro um safado, sem respeito. Se seus amigos souberem o senhor perde seu conceito. O senhor é conceituado da roda palaciana, o cachorro vive na rua tanto furta, como engana com um baralho no bolso jogando e bebendo cana. E ele compra fiado porque quer, mas ele tem uma mochila de níquel que por detrás se vê bem, pendurada balançando, porém, não paga ninguém.

O gato se levantou admirado e disse:

- Comadre isso é verdade, eu não dei fé da mochila por isso vendi fiado.

O gato se levantou amarrou o cinturão, correu a bala no rifle, passou lixa no facão, botou um quarto e bebeu de aguardente com limão e disse:

- Eu vou atrás daquele cabra estradeiro, dou-lhe um bote na mochila, arranco e tiro o dinheiro.

Falou a raposa assim:

- Eu passava o baderneiro.

Quando chegou na casa da baronesa preguiça, estava o cachorro bebendo, e nisso chegou o gato e disse:

- Hoje compadre cachorro é valente nosso progresso, o senhor paga meu cruzado ou quer que eu pago um processo?

O cachorro vastou o pé e disse:

- Assim eu não converso. Deu um tiro no gato. E disse:

- É assim que eu despacho.

O gato por ser muito ligeiro passou a pistola por baixo, deu uma balada certa que quase que virou com o cacho. O cachorro também como tinha a pontaria fiel, deu um tiro no gato que a bala fez um rever, que pegou no pé tronco e descobriu o anel.

Quando acabou o balamento foram se divertir no punhal. O gato pulava de banda e virava salto mortal. O cachorro por sua vez também traquejava igual. E aí se trancou o tempo no barracão da baronesa preguiça, comadre do rei leão, ela passou um telegrama pedindo paz à questão. E o leão respondeu que, para paz comadre, levante a bandeira branca e grite paz. Como não tinha a bandeira, ela levantou a macaxeira e na casa dela ninguém brigou mais.

Essa história do gato com o cachorro e, as retomadas do que fiz para a presente pesquisa permitem-me considerar como Josso: “Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na comunidade temporal do nosso ser psicossomático” (JOSSO, 2010, pp.47-48). Fica evidente que algumas de nossas vivências são diferenciadas e permitem compreender nosso mundo com maior afeição e por esse intermédio compreender como nos construímos como pessoas e profissionais.

Quando meu pai contava essa história, eu e meus irmãos ficávamos ouvindo e buscando entender as “proezas do gato e do cachorro”, mas o que mais chamava minha atenção era a forma como ele narrava a história, a memória dele, as palavras que eram desconhecidas e o fato de estarmos junto dele, nas manhãs de domingo. A “Intriga do gato com o cachorro” representava também a relação entre os compadres, as questões de esperteza do cachorro e a raposa que causou a intriga com a fofoca. Essa história contada cumpre a certeza de que “A partir do momento que embarcamos nas palavras de um bom narrador, a viagem começa e nada pode ser como antes, pois tudo pode acontecer” (DÍAZ, 2012, p. 203).

A tradição oral representa algo visceral ao ser humano, um modo especial de proporcionar a troca direta de experiências entre quem conta e quem ouve. Quando ouvimos uma história, os pensamentos, a imaginação e o faz de conta

ocupam nossa mente, então, é possível fazer conexões com a vida e com o mundo que nos cerca.

Ao resgatar essa lembrança para esse trabalho, senti a necessidade de pedir a meu pai que contasse a história novamente. O momento foi mais que especial, pois meu pai fez isso em uma manhã de domingo. Ao concluir a história, perguntei a ele sobre quando ouvia essas histórias. Disse que sempre que ele, os irmãos e os amigos iam trabalhar na roça, tinha um moço considerado “doido” que não sabia ler e nem escrever, mas que contava para eles histórias, como “A intriga do gato e o cachorro”.

Para meu pai, a história era como uma novela, e, na sua imaginação, ele tinha a convicção de que os animais poderiam manifestar-se e fazer tudo o que estava sendo contado. As respostas de meu pai nos remetem às considerações de Vygotsky sobre a imaginação:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela (VIGOTSKI, 2009, p.22).

A fantasia e a imaginação presentes na infância de meu pai fizeram desta experiência algo significativo para ele e para nossa família. Essa e outras histórias ultrapassaram as fronteiras do tempo e chegaram até nós. Foi então que, durante o processo de produção da dissertação resolvemos produzir um vídeo com meu pai narrando a história: “A intriga do gato e o cachorro”. Ele ficou tão lisonjeado que pediu para que colocássemos na *Internet*. Feito isso, ele passou a divulgar junto aos seus colegas de trabalho que o seu vídeo estava nas redes sociais e nas mídias eletrônicas. O vídeo está disponível no *YouTube*, VENDRAME (2015).

Este fato vivenciado durante a pesquisa vem de encontro com a possibilidade de novas criações, consideradas conforme Vigotski:

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma

criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento (VIGOTSKI, 2009, pp.13 -14).

As combinações entre a infância e meu processo de desenvolvimento ao longo dos meus 36 anos de vida são necessárias para que as experiências criadoras de novas ações e de imagens reelaborem as experiências da infância e da vida adulta, com a modificação de comportamentos, tão necessária ao desenvolvimento integral.

O exemplo da literatura oral contada por meu pai, vivenciada em diferentes momentos e ressignificadas por mim ao longo de minha formação, sugerem como nossas experiências de vida e de contação de histórias são (re) elaboradas de maneira que passam a reproduzir novos comportamentos.

Outra história muito significativa para mim, que preciso destacar, foi a história “A primeira Roupinha”, do Grupo Grapho Comunicações, de 1985. Basta ver a capa do livro que já vêm à memória as imagens, a criança (que eu era) e a história.



Figura 3 - Capa do livro que marca meu encantamento pelas histórias¹¹
Fonte: Acervo Pessoal.

¹¹ A imagem aqui apresentada trata-se da capa original do livro que trago comigo nos guardados especiais.

Essa história é uma publicação das Casas Pernambucanas e ganhou elementos que oportunizam novas situações sempre. Eu conto ou leio essa história em muitos ateliês em que participo e dela surgem variadas combinações criadoras, como por exemplo: as vozes dos personagens, a roupa a ser tecida o desfecho da chegada de uma roupa.

O encontro com essa história foi mágico e expressivo. Quando eu tinha oito anos e estava voltando da escola, encontrei esse livro na rua. Eu o levei para casa e tenho guardado até hoje como um troféu. Essa foi a primeira história que contei para meus alunos e também para os adultos. A história é composta de personagens alegres que buscam confeccionar a primeira roupa para “Mirela¹²” e assim ela não teria que sofrer no inverno com o frio.

Cabe, neste momento, contar essa história que abriu os caminhos para as minhas contações.

A Primeira Roupinha

Houve um tempo, há muito tempo. E dizem que naquele tempo os animais falavam. E viviam juntos, numa linda floresta. Nessa floresta, havia uma enorme árvore. No tronco dessa árvore, porta e janelinha. Dentro dela uma casinha. Quando o dia amanhecia, vinha sorrindo à janela uma linda menininha. O nome dela, Mirela. Mas na casinha de Mirela não havia cortinas, nem tapetes, nem roupinhas. É porque, naquele tempo, ninguém havia inventado os tecidos que hoje existem. As roupinhas de Mirela eram feitas de folhinhas das árvores da floresta.

Entre os bichinhos, havia três amiguinhos com quem Mirela mais brincava. O primeiro, um fofinho carneirinho. O outro era bem gordo, um sapo bem tagarela. E uma linda aranhazinha, que morava no telhado da casinha de Mirela...

Os três tinham apelidos, e é com estes apelidos que eles se apresentarão a vocês.

Eu sou o sapo Papudo
E pulo pra frente e pra trás.
Papudo virou o meu nome
Porque dizem que falo demais.

Todo inseto se liga na teia que faço,
Tricotando ligeiro em trama tão fina

¹² Mirela é uma menina que conta com a ajuda dos amigos (animais), para ter uma roupa para o inverno.

E se amarra no encanto de um forte abraço,
Saudações e tricotes, eu sou Tricotina.

Sou fofinho com cachos de lã,
Pernas finas, sou muito engraçado.
De carneiro, mudaram meu nome
E me chamo Cacheado.

(Canção de apresentação dos bichinhos e seus apelidos)

Num dia de quase frio, Mirela e Cacheado conversavam:

- Cacheado, que peninha! O tempo de frio vem chegando. Eu sei que você não liga. Seu corpo é todo quentinho, da cabeça até a barriga.

Mas, quando chega esse frio, minha roupa de folhinhas não esquenta como a sua, nem cobre minhas perninhas.

O Sapo Papudo, que observava o Cacheado e sua lã e olhava a Tricotina tricotar toda manhã, teve uma ideia genial.

Se cortassem alguns cachinhos do carneiro Cacheado, não haveria nenhum mal. Eles crescem depressa e voltam a ficar iguais.

Transformando os cachinhos em fios para a Tricotina tricotar, estava tudo resolvido.

Quando o inverno chegasse, o frio nem chegaria nela. No fim do dia, uma linda roupinha de lã estava pronta e bonitinha. Mirela vestiu e sorrindo festejou: - Gente, que ideia genial teve o sapo Papudo. Olhem que lindo! Eu não vou sentir mais frio.

O frio chegou e Mirela pôde até brincar na floresta com sua primeira roupinha. O sapo Papudo assistia a tudo, em uma pedra na lagoa. Cacheado pulava de contente com seus cachinhos novos e fofinhos. Dizem que assim foi inventada a primeira roupinha. E tudo acabou bem naquela floresta. (GRAPHO, 1985).

Além de ser o primeiro livro que tive, ficava lendo-o e relendo-o várias vezes. Desta maneira, essa história ficou registrada na minha memória. É interessante notar que, assim como as histórias contadas por meu pai, nessa história novamente reaparecem os animais na união dos três amigos especiais (o sapo, a aranha e o carneiro) para ajudarem a menina a ganhar uma roupa. Acredito que não foi por acaso que essa história veio fazer parte das minhas vivências. A necessidade do livro materializado, a relação com uma roupa entendendo conforme propõe Vigotski, (2009, p.40)

... é sempre a necessidade do homem de se adaptar ao meio que o cerca. Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos.

Penso que existe uma relação inconsciente com a menina de seis anos (eu) que ganhou seu primeiro uniforme escolar, assim como com as histórias com animais que meu pai contava. Ainda que tenha encontrado o livro anos depois de ganhar o uniforme, rememorando, sinto que essa vivência, os sentimentos e os significados que possuem para mim remeteram-me às palavras de Matos, para quem

Através do nosso filtro “pensante” quando abordamos a arte de contar histórias associando-a à Educação, podemos dizer que ela se insere em sua dimensão formativa. Esta que diz respeito ao desenvolvimento harmonioso do ser humano em todos os seus aspectos: emoção, razão, corporeidade e espiritualidade. Em última instância, trata-se da arte de viver (MATOS, 2012, p. 113).

Diante desta reflexão de formação e de vivência, considero o quanto a relação com os aspectos humanos está presente em minha ação como professora, na importância da dimensão formativa.

Os anos passaram e sempre tive o apoio da família nos estudos. A adolescência chegou e como todo adolescente, a rebeldia e a indignação também fizeram parte do meu cotidiano. Meu pai sempre dizia que enquanto estivéssemos em sua casa teríamos que seguir todas as ordens, e assim fazíamos. Hoje, agradeço a ele por tudo que fez e em especial aos “nãos” que foram ditos na hora certa.

Embora a rebeldia estivesse presente na adolescência, não deixei de apegar-me aos livros e às histórias. Ao longo da vida escolar, histórias e livros passaram a fazer parte das minhas horas, como as lendas contadas pelas professoras, por meus pais e a “Série Vagalume”, da editora Ática e seus títulos mais marcantes, como: “O Escaravelho do Diabo”, escrito por Lúcia Machado de Almeida (1972); “Tonico”, escrito por José Rezende Filho (1977); “A Ilha Perdida” e “Éramos Seis”, ambos escritos por Maria José Dupré (1944/1943). Essas leituras ficaram registradas ao longo do tempo, como uma memória afetiva que sempre é reavivada em minhas lembranças.

Assim, no final do Ensino Médio surgiu a necessidade de uma escolha para o tão temido vestibular. Dentre os cursos ofertados pela instituição de Campo Mourão de Ensino Superior, a Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo

Mourão (UNESPAR/FECILCAM) ofertava o curso de Pedagogia, com o qual me identifiquei de imediato.

Ao concluir o Ensino Médio com direito à formatura, veio a grande dúvida: fazer ou não o vestibular? A inscrição era cara e só meu pai trabalhava fora de casa. Ele era zelador e disse: “Você vai fazer. Temos o décimo terceiro e, se você não passar, não tem problema, será seu presente de aniversário”. Essa atitude de meu pai impulsionou-me a prestar o vestibular.

A seguir descreverei meu processo de formação como estudante para professora e contadora de histórias.

2.2. O encantamento da professora contadora de histórias

Aliada às ações de meu pai e aos meus desejos, prestei meu primeiro vestibular na Faculdade Estadual de Ciências de Campo Mourão (UNESPAR/FECILCAM), para o curso de Pedagogia Noturno, no final do ano de 1995. Foram três dias de provas e a espera pelo resultado final foi longa. O ano novo chegou e eu ainda estava sem saber o que me reservava. Passar no vestibular seria um “divisor de águas” na minha vida e da minha família.

No dia que saiu o resultado, fiquei muito ansiosa, enquanto esperava ouvir no rádio a lista dos aprovados. Pensei em uma série de ideias e surgiram “borboletas no estômago”. Também tinha o receio de seguir uma vida escolar nunca antes percorrida por ninguém de minha família.

Quando ouvi meu nome na lista divulgada pelo rádio (em primeira mão), não acreditei. Eu precisava ver essa informação por escrito. Foi quando peguei minha bicicleta e fui pedalando até a Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (UNESPAR/FECILCAM) para ver o resultado do edital. Lá estava mesmo o meu nome entre as vinte vagas ofertadas para o curso de Pedagogia e eu havia sido aprovada em oitavo lugar.

A escrita destes momentos no percurso de investigação permitiram a tomada de consciência sobre mim, que nas considerações de Souza fortalecem a necessidades do conhecimento de si

A escrita narrativa remete o sujeito para uma dimensão de auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio

suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do *conhecimento de si*. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida (SOUZA, 2006, pp. 47-48 – *grifos do autor*).

As reflexões da busca pelo conhecimento de *si*, tornam-se percursos investigativos de conhecimento e de entendimento de formação profissional e pessoal que só é possível quando nos propomos à tomada de consciência pessoal nas itinerâncias e nas vivências que oportunizam aprendizados ao longo da vida.

Nessa perspectiva dos estudos autobiográficos, as memórias estão a reestruturar minhas ideias, com os sentimentos em relação a mim, minha família e com isso ganham um significado ainda mais importante para minha formação pessoal e profissional. Conforme propõe Paula (2012, p. 56) “A construção da identidade, ... envolve a construção e a reconstrução de valores”. Trata-se do meu processo de construção da identidade, que considero ser contínuo e ocorre em meio às atividades desenvolvidas no âmbito social, que é dinâmico e coletivo.

Tomo, dentre as muitas concepções de identidade com as quais simpatizo, o pensamento de Hall (2001) de que a identidade é construída historicamente e não biologicamente. Ele considera que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001, p. 13).

Neste processo de constituição daquilo que faz este sujeito e não outro, como indica Hall, desloca-nos para diferentes direções, pois a constituição da identidade sugere que é algo inacabado, aberto e variável, em movimentos constantes. Ciampa (1987) afirma, corroborando que a identidade é um processo permanente de formação e de transformação, de “*ser metamorfose*”.

[...] só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade pressuposta – ser movimento, ser

processo, ou para utilizar uma palavra mais sugestiva se bem que polêmica, *ser metamorfose* (CIAMPA, 1987, p.70, *grifo do autor*).

A definição de Ciampa apresenta a identidade como algo que se dá dentro de condições materiais e históricas envolvidas no vir a ser sujeito, por meio da formação e da transformação.

Contribuindo ainda com o conceito em questão, Silva (2009a) permite pensar a identidade no que se refere às representações e de como estas estão presentes no que entendo por identidade.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009a, p. 97).

Nas relações de estruturação do sujeito perpassam as ações e os momentos que fizeram do vestibular um exemplo de momento de representação da vida escolar e que vem como uma conexão de construção da contadora de histórias.

Assim, neste período de aprovação no vestibular, recordo quando meu pai chegou, na hora do almoço, com o jornal nas mãos que ele havia recebido de presente do seu chefe.



Figura 4 - Jornal da Cidade de Campo Mourão com a lista dos aprovados. Esta é uma foto da edição que meu pai recebeu de presente do chefe. Edição 3391 - 13 de fevereiro de 1996, que também faz parte dos guardados especiais
Fonte: Acervo Pessoal.

Neste dia, uma nova identidade surgia em minha vida. Por meio da ajuda de meu pai e de empenho, consegui estudar e ser professora e contadora de histórias.

Nesse jornal estava registrada a minha aprovação no vestibular e logo minha entrada no Ensino Superior. Estávamos muito felizes e eu nunca tinha visto meu pai tão orgulhoso.

O desenrolar do tempo aproximou-me das lembranças, que reestruturam verdades e escolhas, isso porque as verdades sobre minhas escolhas estão sendo trazidas e refletidas com essa pesquisa de maneira que tenho percebido muito mais a referência que meus familiares tiveram, ao longo da minha vida escolar. A escolha pelo curso de Pedagogia está relacionada a minhas experiências escolares e pessoais, e hoje percebo o quanto elas são referências para a construção de minha identidade profissional.

Mesmo sendo uma Faculdade pública, no curso de Pedagogia eu precisava comprar livros e era preciso um emprego. Durante o primeiro ano do curso não foi possível, pois sem a maioria, ninguém contratava. No segundo ano da faculdade é que minha vida profissional teve início. Consegui um estágio remunerado, a partir de uma parceria entre o município e a Faculdade.

No ano seguinte, fui aprovada em um concurso para o cargo de Atendente Infantil na Prefeitura de Campo Mourão no Paraná. Foram sete anos nesta função. No estágio, a prática era a mesma exercida no Centro Municipal de Educação Infantil “Pingo de Gente”, em Campo Mourão. Nestes anos, realizava atividades de contação, com brincadeiras e histórias e sempre sentia um carinho imenso das crianças com essas atividades.

Meu primeiro concurso para o cargo de professora foi em 2003, na cidade de Campo Mourão, quando fui aprovada. No ano seguinte, em 2004, fui aprovada no segundo concurso e efetivei-me na escola, com 40 horas semanais, em concursos na Prefeitura do município de Campo Mourão, no Paraná.

Atualmente, continuo docente na Educação Infantil na “Escola Municipal Professor Domingos José de Souza”, em Campo Mourão, no Paraná, e sempre busco melhores condições de trabalho e de formação. Considero que esses aspectos são fundamentais para a profissional que sou hoje. Acredito muito no que diz Freire (1996, p.23): “Não há docência sem discência”. Assumida essa função de professora, percebo que o professor precisa ser comprometido com a constante

aprendizagem e deve tomar consciência dos saberes que são necessários à prática pedagógica construídas com seus alunos.

No curso de Pedagogia tive contato com a Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Histórico-Cultural. Essas perspectivas teóricas consideram que os homens são responsáveis pela produção da cultura, das mudanças e das transformações sociais. Nesses processos, os professores exercem papéis expressivos como mediadores do conhecimento e de formação humana. Desta maneira, como sujeito de mudança e de transformação, essa teoria corrobora com minhas experiências e com minha busca pela identidade, lembrando que outras teorias não podem ser negadas, no entanto, considero que essa consegue representar a forma como penso o mundo, as ações de contação, que são produtoras da cultura. Também conheci outras perspectivas teóricas, como a Pedagogia Libertária, de Paulo Freire, que complementam a minha formação. Vale ressaltar que a graduação foi importante na minha formação, mas senti a necessidade de continuar os estudos.

Após a graduação, concluí a pós-graduação, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional na UNESPAR/FECILCAM. E, destaco que este curso ampliou minhas possibilidades profissionais. Estas experiências acadêmicas foram essenciais para a atuação como professora, visto que oportunizou aprendizados importantes para o despertar da contadora de histórias, em particular com o trabalho desenvolvido no processo de criação e de imaginação das crianças. Imagens como a que temos a seguir representam a possibilidade de agir no aspecto da fantasia e da interação com as crianças. A ação como professora de estar em momentos de brincar com trajes e máscaras temos a possibilidade de viver os personagens, ser o super-herói, a fada, a princesa, o personagem de um desenho animado e desta forma a atividade passa a atuar junto a imaginação corroborando com esta afirmação, citamos:

Deparamo-nos, então, com a primeira e mais importante lei a que se subordina a atividade da imaginação. Essa lei pode ser formulada assim: a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência. (VIGOTSKI, 2009, p. 22)

Essencial ao desenvolvimento as experiências com o brincar permitem a fantasia e proporciona a imaginação.



Figura 5 - Momento de partilhar com alegria o encerramento do Projeto Brinquedos e o Dia da Criança - Turma B – 2010

Fonte: <http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/p/educacao-infantil.html>.

Nesses 18 anos, como professora na Educação Infantil, na comunidade do “Jardim Tropical”, em Campo Mourão, defendo o aprender pelo prazer. Acredito que, por meio do brincar, o aprendizado se torna prazeroso e muito mais significativo. O brincar é uma das maneiras pelas quais podemos socializar as bonitezas da vida, e que nas considerações de Vigotski (2009), expressam a construção da realidade:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade (VIGOTSKI, 2009, p.17).

Gomes (2012, p. 28) corrobora “... Brincar não é apenas o ato ingênuo que os adultos acreditam sobreviver nas crianças, são os adultos que se tornam

ingênuos não percebendo toda a carga social e cultural que existe nos contextos das brincadeiras infantis”. Essas vivências nos permitem imaginar, criar com alegria, e pensar com as crianças as possibilidades de compreender o mundo.

Contribuindo com esse breve diálogo sobre o brincar, Morelli; Muller; *et al* (2014, p.35) propõe que brincar é cultural e essencialmente humano:

Nas práticas sociais e culturais cotidianas das crianças compreendemos que o brincar e as brincadeiras devem aparecer como expressões da cultura e da ludicidade infantil/humana. A luta pela cidadania plena das crianças precisa contemplar necessariamente a defesa de políticas de promoção da cultura lúdica e do direito ao brincar.

Concordando com os aspectos sugeridos por Vigotski, Gomes e Morelli; Muller, na defesa da cultura lúdica, cada aula com as crianças envolve momentos únicos, pois a defesa do direito ao brincar pode fazer a diferença no desenvolvimento de cada uma delas, o que traz contribuição para a minha identidade de professora contadora de histórias. Neste percurso, penso o contar histórias como um brincar que envolve escuta, imaginação e possibilidades de representar o mundo. Conforme sugere Girardello (2014, p. 37), na confirmação do brincar ao contar histórias, “[...] é um jeito de brincar: assim como as crianças convidam umas às outras “vamos brincar de esconde-esconde?” [...] também convidamos as crianças a entrar numa brincadeira quando perguntamos se querem ouvir uma história”.

Ao longo de minha profissão fui contando histórias para meus alunos, pais, amigos e diferentes pessoas, a partir de livros e das histórias da infância, em especial um livro que encontrei na rua quando voltava da Escola. Nessa dissertação está presente o processo de construção da minha identidade como professora e contadora de histórias que, por meio de múltiplas histórias contadas, constituem-me a contadora de histórias que sou hoje.

2.3. A trajetória de formação como contadora de histórias

A história “A primeira roupinha”, do Grupo Grapho Comunicações (1985), sempre me acompanha. Ela foi outro marco essencial na minha trajetória de

contadora de histórias. Eu me lembro quando contei essa história pela primeira vez a um público adulto. O fato ocorreu em um momento de formação continuada para professores e profissionais de bibliotecas, realizada em 2003. Esse evento era um Encontro Estadual de Contadores de Histórias, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná e Prefeitura Municipal de Campo Mourão. Na ocasião, foram oferecidos *ateliês*¹³ de contação com um professor para cada grupo. Foi neste momento que participei de meu primeiro *ateliê* formativo de contação de histórias. Durante a graduação em Pedagogia não tive nenhuma disciplina referente à literatura infantil, ou seja, foi nas formações continuadas da docência que foram surgindo cursos e oficinas para contar histórias.

Foram 26 horas de curso ministrado por uma professora contratada pela Secretaria de Cultura do município de Campo Mourão - PR. Lembro que ela iniciou o curso com a narração de uma linda história “Pedro, o menino navegador”, de Fidalgo (2000). Anos depois, conheci Lúcia Fidalgo a autora do livro pessoalmente e, no decorrer desta pesquisa, será apresentado o registro desse nosso encontro. Neste período, ouvi lindas histórias contadas pela professora. Neste cursos foram apresentados os universos dos contadores de histórias. Ao fim, o grupo deveria ter uma história para contar no momento de encerramento geral do encontro e foi quando contei a história da “Primeira Roupinha”.

O grupo decidiu que eu deveria representar o *ateliê* com essa história e lá estava eu, contando para todos que haviam participado do Encontro. Isso porque o Encontro teve cinco *ateliês* e cada grupo deveria, no encerramento, apresentar uma história a todos os participantes e membros da administração municipal, como a Secretária de Cultura e a Secretária de Educação da cidade de Campo Mourão – PR.

A certificação de contadora de histórias veio no ano de 2010, quando participei do “Projeto Viva Leitura”. O projeto desenvolvido pelo município de Campo Mourão surgiu como forma de participação no prêmio “VIVALEITURA”¹⁴

¹³ Utilizamos o termo “ateliê” pela relação com a arte, criação do imaginário e participação ativa dos participantes.

¹⁴ VIVALEITURA é o nome dado no Brasil ao Ano Ibero-americano da Leitura, que foi comemorado em 21 países da Europa e das Américas, em 2005. Aprovado, em 2003, pela Cúpula dos Chefes de Estado dos países ibero-americanos, é coordenado pela OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos), Cerlalc (Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe), Unesco e Governos dos países da região, no caso do Brasil, pelo Governo Federal, através dos ministérios da Cultura e da Educação e pela Assessoria Especial da Presidência da República. O

que é uma iniciativa do Ministério da Cultura (MinC), do Ministério da Educação (MEC) e da Organização dos Estados Ibero-americanos para Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Tem o apoio da Fundação Santillana, do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), da União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). O objetivo do prêmio é estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências pertinentes à leitura. A ação nasceu da finalidade de dar continuidade à mobilização pró-leitura empreendida durante o Ano Ibero-americano da Leitura (2005), o Vivaleitura.

Esse projeto surgiu com o objetivo de formar uma rede de contadores de história para promoverem o acesso aos bens culturais e desenvolverem o gosto e a prática da leitura e ainda, estimularem a inclusão cultural dos munícipes da Comunidade dos municípios da região de Campo Mourão (COMCAM).

Segundo a Secretária de Cultura do município de Campo Mourão, no vídeo:¹⁵ “Lançamento do “Projeto Viva Leitura” (disponível no *YouTube*), de acordo com as transcrições da fala da Secretária neste vídeo, os conteúdos revelaram que “o projeto foi sonhado em dezembro de 2008 e em fevereiro de 2009”. A secretária, a senhora Sonia Singer, quando assumiu a regional de Cultura, fez a “promessa” de realização do “Projeto Viva Leitura”, que, para ela era um sonho.

O projeto ocorreu em Campo Mourão e nos 24 municípios que fazem parte da COMCAM, que é composta pelos municípios de Altamira do Paraná, Araruna, Barbosa Ferraz, Boa Esperança, Campina da Lagoa, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Farol, Fênix, Goioerê, Iretama, Janiópolis, Juranda, Luiziana, Mamborê, Moreira Sales, Nova Cantu, Peabiru, Quarto Centenário, Quinta do Sol, Rancho Alegre D'Oeste, Roncador, Terra Boa e Ubatã.

Eu fui indicada para formação pela Secretaria Municipal de Educação de Campo Mourão - PR. Cada município participante do projeto deveria indicar duas pessoas para participarem da formação. Foram 80 horas de curso e de capacitação. Eram cinco grupos, coordenados por membros aprovados pelo projeto

VIVALEITURA começou, assim, uma grande mobilização nacional, tendo 2005 como o marco para o início de um gigantesco esforço de todos para que o Brasil implemente a Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas com a dimensão demandada pelo País. E dê, dessa forma, o grande salto necessário para construir uma Nação de Cidadãos Leitores. Em 2006, entre outras ações, virou o Prêmio VIVALEITURA (BRASIL, 2014).

¹⁵ VIVA LEITURA, Lançamento do “Projeto Viva Leitura”. 28 fev. 2011. Disponível em: <<http://vivaleiturfundacam.blogspot.com.br/2011/02/lancamento-do-projeto-viva-leitura.html>> acesso em 20 fev. 2015.

para serem os professores dos participantes. Minha professora foi a atriz profissional¹⁶ e orientadora de atividade do Serviço Social do Comércio - SESC Campo Mourão, Viviane Lima. O grupo 4 correspondia a Campo Mourão - PR e era composto por 14 integrantes, oriundos de seis municípios da região da COMCAM, Campo Mourão, Farol, Iretama, Luiziana, Mamborê e Roncador.

Todos os participantes receberam uma bolsa de incentivo ao processo de formação no valor de R\$ 1.000,00 (Hum mil reais), divididos em dez meses. Com esse recurso decidi investir em equipamentos que pudessem auxiliar-me nas ações de contação que viriam, então, comprei uma caixa de som amplificada e um microfone auricular.

Logo que as aulas se iniciaram ficou decidido que o grupo deveria ter um nome e por meio de votação nos denominamos “*Encantadores de Palavras*”. Com esse nome, o grupo 4 ficou conhecido no projeto. Somente nosso grupo realizou essa ação, que contou com a elaboração e a confecção de uma camiseta.



Figura 6 - Encantadores de Palavras no dia da entrega de certificados do projeto de formação Viva Leitura.

Fonte: <http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/p/encantando-palavras.html>.

¹⁶ Viviane Lima possui registro no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões – SATED/PR 10626.

O Grupo “Encantadores de Palavras” nasceu com o projeto e passou a ser uma fonte de entusiasmo para o ato de contar. Com os membros do grupo foi possível vivenciar momentos significativos de troca de experiências e de histórias, assim, as relações foram efetivando-se, por meio dos encontros de estudos e isso foi tornando os “Encantadores de Palavras” um ponto de estudo e possibilidade de contar histórias. Conforme sugere Ciampa (1987, p. 64), o conhecimento de si relaciona-se com o grupo, pois “O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc.”. Esse grupo de pessoas foi, durante os encontros de formação e de contação de histórias, partilhando ideias e aprendendo juntos o ofício do contador de histórias.

A professora Viviane Lima organizou um cronograma que incluiu momentos marcantes durante a formação, com encontros e estudos que foram inspiradores para nós. Dentre essas atividades, participamos da Semana Literária do SESC Campo Mourão, em 2010. Neste evento conhecemos nomes importantes da literatura e contação de histórias, como Lúcia Fidalgo, que ministrou palestra com o tema: “Lendo e contando no dia a dia”. Esta atividade foi um *ateliê* de formação, uma noite de lindas histórias em que tive a oportunidade de obter conhecimentos sobre a arte de contar histórias com entusiasmo e harmonia nas palavras.



Figura 7 - Encontro de formação do “Projeto Viva Leitura”, com Lúcia Fidalgo
Fonte: Acervo pessoal.

Esse encontro passou a ser um momento de realização, por encontrar a autora da história “Pedro menino navegador”. Essa história que eu conheci em 2003, durante o *ateliê* de formação mencionado anteriormente. Além disso, a autora nos disponibilizou indicações de leitura que foram importantes fontes de pesquisa e auxiliaram nas contações. Como escritora e contadora de histórias, Lúcia Fidalgo nos encantou com suas histórias e possibilidades de tornar a contação como essencial ao desenvolvimento do ser humano.

Ainda na Semana Literária do SESC de Campo Mourão, conhecemos o professor Dr. Edmir Perrotti, da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e ele ministrou uma palestra com o tema: “*Criação Literária*”. Esses momentos nos permitiram ouvir lindas ações de práticas de leitura e incentivaram-me a promover trabalhos com os alunos. Esse *ateliê* de formação também possibilitou entender a importância dos mediadores nas interações com as crianças e os adultos. Compreendi neste encontro que o leitor deve ser cultivado, cuidado e bem tratado. Ainda, a imaginação do leitor deve ser incentivada por histórias que alimentem a criação.



Figura 8 - Encantadores de Palavras com Edmir Perrotti – SESC 2010.
Fonte: Acervo Pessoal.

Criação e imaginação, que são constituídas ao longo do desenvolvimento, nas vivências que necessitam ocorrer desde a infância, conforme sugere Perrotti (2010, p.18) que, quando questionado pela Revista Pátio a respeito da idade recomendada para ouvir histórias, afirmou que: “De preferência, escutar histórias desde o ventre materno... O acolhimento da criança pressupõe palavra, narrativa, literatura e arte. Contar histórias é uma arte, é fantástico e tem de ser cultivado desde muito cedo”.

Nesses encontros formativos entendi que há um poder transformador na construção de *si*, na formação da pessoa e na construção de sua identidade. Aprendi que os aspectos pessoais não estão separados do “eu” profissional, que a identidade não nasce conosco e não há uma identidade plenamente constituída.

É preciso entender que a construção da identidade envolve um processo, conforme nos propõe Nóvoa (1992, p.16), sendo que há uma dinâmica constante na formação:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor.

Ao refletir sobre minha construção identitária, vejo que trago em mim, os meus familiares, as minhas experiências como aluna, os meus professores, a minha história, os meus alunos, as diferentes pessoas que participam dos “*ateliês de Eliandra*” de contação de histórias (seja da Educação Infantil, seja dos acadêmicos da graduação) na construção constante de minha identidade.

Neste caminho, a literatura é criadora de mundo, de sujeitos, e é uma ponte que nos conduz ao mundo das realizações e das trocas de vivências. A literatura, deste modo, alimenta-nos no processo de desenvolvimento como seres humanos.

Quando pensamos em literatura, dentre todos os outros que buscam conceituar, estou me referindo à ideia de Coelho (2000, p.27), pois “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência, humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão”. Minhas

vivências com a literatura são momentos especiais que me transformaram e permitem expressar-me no mundo.

O professor Edmir Perrotti apresentou-nos suas produções escritas com as cantigas de roda que ele publicou em livro e contos da tradição oral, como “*O Bordado Encantado*”. Esse livro trata de um reconto em que no prólogo nos é apresentado a trama desse conto, que tem origem no Tibet:

Era uma vez uma viúva muito pobre que vivia num longínquo e montanhoso país. Para sustentar os filhos, bordava pedaços de seda e vendia-os no mercado da aldeia vizinha. Como recebesse pouco pelos trabalhos, era obrigada a bordar sem parar, não tendo tempo para mais nada.

Por isso, há muito não sabia o que era sentar-se à beira de um regato, abandonar-se ao canto dos pássaros, ouvir as histórias dos contadores que passavam pelo lugar.

Dos três filhos, apenas o mais novo se preocupava com as dificuldades da mãe. Além de buscar água na fonte, cuidar da horta e dos animais, limpava e arrumava a casa sempre que podia. Os outros, embora crescidos, pensavam apenas neles mesmos. Não só não faziam nada, como também eram movidos por desmedidos desejos de riquezas e prazeres fáceis.

Apesar da vida triste, a pobre mulher jamais se queixava.

Dia após dia, bordava resignadamente as mesmas flores, as mesmas borboletas, os mesmos pássaros, sem nunca ter tempo para experimentar novas linhas, novos pontos, novos riscos.

Um dia, porém, a beleza de um bordado extraordinário mudaria sua vida para sempre... (PERROTTI, 2009, p. 5).

A narrativa deste prólogo de “*O Bordado Encantado*” fascinou-me. O professor Edmir não nos contou a história, apenas apresentou esse trecho e fiquei encantada. Assim que saí desse encontro, fui em busca do livro e, de posse dessa história, dediquei-me a apreciar a leitura, como se fosse possível ouvir a história do contador que a escreveu. Durante esta apreciação de leitura encontrei o seguinte trecho, escrito na página final do livro:

Diz a tradição que quem conta um conto aumenta um ponto. Para não desmentir a sabedoria dos séculos, foi o que fiz. Tomei emprestado um argumento que, parece, vem de lá do Tibet e contei-o a meu modo. Ou melhor, recontei-o... Foram três anos tentando achar o tom. Sabia desde o começo que isso envolvia não apenas questões importantes de conteúdo, mas também o modo de contar. Em todo caso, era questão de honra traduzir o encantamento que o “*Bordado*” me produziu, desde o instante em que o encontrei. Contudo, agora que terminei o trabalho sinto-me de mãos vazias. Se a tradição oral me forneceu o belo argumento,

minha condição não permite que eu sinta o fôlego, o olhar, a presença do leitor, sua aprovação ou rejeição imediata. Conto a distância! **Quem sabe um dia, por essas razões difíceis de prever, a gente não acabe se encontrando por aí.** Seria muito bom ouvi-lo contar uma história – a leitura do “Bordado”. Minha atual apreensão talvez se acalmasse um pouco. Afinal, além de encantar, os contos também sempre confortaram (PERROTTI, 2009, p. 30 – **grifo nosso**).

Ao concluir essa leitura senti a necessidade de responder a esse convite feito no final do livro “O Bordado Encantado”. O desejo de responder ao autor o quanto a história escrita por ele foi aprovada por mim e as crianças como leitores. Foi então que surgiu a ideia de “acalmar a apreensão”. Desta maneira, antes de dar sequência à pesquisa, gostaria de registrar uma grata vivência que ocorreu logo após o encontro com o professor e encantador de palavras Edmir Perrotti e que são momentos em que são renovadas as possibilidades de trabalho com as histórias, a literatura.



Figura 9 - Livro recebido como presente de Edmir Perrotti
Fonte: Acervo Pessoal.

Durante a palestra ministrada na Semana Literária SESC, de Campo Mourão, em 19 de setembro de 2010, o professor Edmir presenteou a mim e aos

meus alunos da Educação Infantil da “Escola Municipal Professor Domingos José de Souza”, de Campo Mourão, com uma de suas obras voltada a cantigas de roda. Nós recebemos o livro “O cravo brigou com a Rosa” (2004).

Esse livro faz parte da coleção Lua Nova e também possui as cantigas: “Ciranda, cirandinha” e “Enquanto seu lobo não vem”. Nesse livro, o autor sugere que brincar com as brincadeiras de roda é o “máximo”¹⁷, e que essa maneira de reinventar as brincadeiras de roda “é o modo de repartir as bonitezas desta vida, de alimentar sonhos e encontros, de provar por A mais B que a felicidade pode existir aqui pertinho da gente. É só cirandar” (PERROTTI, 2004, p. 14).

Na capa do livro, o professor Edmir Perrotti registrou em dedicatória: “À Escola Domingos José de Souza e seus leitores, o abraço do Edmir Perrotti. Observação: livro obtido graças ao charme e à sensibilidade da professora Eliandra Cardoso Vendrame” (PERROTTI, 2010). Na trajetória como contadora de histórias, no momento dessa vivência, foi possível receber incentivo à consolidação da importância do livro, do autor e da relação que existe entre o autor e o leitor.

Quando voltei para a escola com o livro “O cravo brigou com a Rosa” (2004), eu o compartilhei com as crianças. A partir dessa leitura, então, decidimos produzir algo para compartilhar com o professor Edmir sobre a importância da ação em que ele, ao doar o livro, oportunizou-nos. E, ao mesmo tempo, “acalmar a apreensão” que mencionamos anteriormente. Desta maneira, surgiu o trabalho com o livro “O cravo brigou com a rosa”, que enviamos para o professor Edmir, (via *e-mail*) com os resultados de nossas vivências. Assim, fomos tomados pelo desejo de contar ao autor a maneira como seu trabalho nos proporcionou a vivência da relação que a literatura tem na nossa prática pedagógica.

Neste momento, eu já havia realizado a leitura de “O Bordado Encantado”. Isso reforçou a necessidade de buscar o contato com o professor Edmir Perrotti. Esse contato foi possível pelo fato de que o referido professor disponibilizou seu *e-mail* durante a palestra.

As semanas que passaram foram de estudo para a elaboração do livreto¹⁸ “O cravo brigou com a rosa”. A princípio, os alunos das turmas de Educação Infantil

¹⁷ Palavra do autor.

¹⁸ Denominamos livreto as produções elaboradas junto às crianças, com participação nas leituras e na interpretação de histórias, em que ocorre o registro por meio de desenho.

Nível II A e Nível II B escolheram o nome para as Editoras. A turma do Nível II A escolheu: “Editora Borboletinha”, já os alunos da turma do Nível II B escolheram: “Editora Leão”. A ficha catalográfica foi elaborada e apresentada às crianças que ficaram entusiasmadas em produzir um livreto com seus desenhos como ilustrações dos livros.

Houve questionamentos sobre a cantiga de roda, e uma das perguntas que fiz aos alunos foi: “Por que o cravo brigou com a rosa? ”. Segundo as crianças, a briga ocorreu por motivos variados, mas a evidência maior foi o ciúme. Realizamos dramatizações e assim produzimos um belo material com brincadeiras, arte, atividades de desenhos e de leitura. O *e-mail* e também um exemplar da produção do livreto que enviamos ao professor Edmir encontra-se no anexo 1 (p. 124).

Com a descrição de palavras e de imagens que enviamos via *e-mail* ficamos aguardando a resposta, do autor da obra que deu origem ao trabalho e, junto às crianças, a expectativa era grande e, para surpresa de todos, inclusive a minha, no dia seguinte recebemos a resposta:

Caros Eliandra e crianças

Que grande alegria receber notícias tão boas de vocês. A amizade e a ternura de todos é tocante e fico muito emocionado com a manifestação de vocês todos. Que saibam cantar as mais belas cantigas pela vida afora. O mundo ficará sempre mais bonito se vocês se lembrarem sempre das cantigas. Abraço apertado e afetuoso do Edmir Perrotti. ¹⁹(PERROTTI, 2010).

A dinâmica que ocorreu durante os processos apresentados permitem reafirmar, conforme propõe Josso (2010, p. 48), que “a formação é experiencial”. Ao narrar as experiências vividas durante as formações e as ações docentes, pode-se dizer que elas nos permitem indicar marcos importantes de formação e são indispensáveis para a fundação da identidade.

Esses momentos se repetem em outros encontros, como no IV Congresso de Literatura Infantil e Juvenil: celebrando a leitura promovida pelo Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” (CELLIJ), em Presidente Prudente- SP, coordenado pela professora Dr^a. Renata Junqueira de Souza, que anunciou durante a qualificação dessa pesquisa que o professor Dr. Edmir Perrotti estaria presente no evento. E assim, depois de cinco

¹⁹ Texto retirado do e-mail pessoal da pesquisadora.

anos, em setembro de 2015, reencontrei o professor e o livro “O Bordado Encantado” recebeu o autógrafo tão esperado.

A minha certificação de contadora de histórias foi obtida, por meio da formação de contadores do Projeto “Viva Leitura”, desenvolvido no ano de 2010, em parceria das instituições Fundação Cultural de Campo Mourão (FUNDACAM), com o Ministério da Cultura. Essa formação contou ainda com o apoio da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão - COMCAM e 11ª Regional de Cultura do Paraná. Tal projeto teve como principal objetivo formar agentes multiplicadores para incentivarem o gosto pela leitura. O projeto ocorreu em etapas e no ano de 2010 foram desenvolvidas ações de estudos e estratégias de contação nos grupos que foram divididos por região da COMCAM.

Um momento importante do trabalho de contação ocorreu no ano de 2011, ao irmos até as cidades para participar das itinerâncias e das visitas aos municípios inseridos nos grupos.

A partir dessas formações, a contação de histórias, minha prática e experiência como contadora começou a ir além da sala de aula. Passei a fazer uso da arte de contar e de encantar e percebi que é preciso ir além do senso comum, pois a contação de histórias não é apenas entretenimento ou promoção da leitura.

É preciso sistematizar essa prática na formação inicial e continuada de professores para que haja um entendimento do quão importante é essa ferramenta nas ações educacionais e pedagógicas dos professores. É preciso, porém, pensar também em estratégias motivadoras, lúdicas e atraentes para que as contações de histórias não se tornem mecanizadas, rígidas, enfadonhas ou utilitaristas.

Nesse processo de contação de histórias, no ano de 2011, chegou o momento de realizar itinerâncias nos municípios que o grupo quatro representava. No ano de 2012, surgiu um novo desafio. Ao participar de um processo seletivo para seleção de professores, fui selecionada por uma banca e tive a oportunidade de ingressar como docente no Ensino Superior no curso de Pedagogia da Faculdade Integrado de Campo Mourão.

Estar na docência no Ensino Superior pode ser “pretensioso”. Considero que os acadêmicos que estão buscando a formação como pedagogos, futuramente, podem ser meus companheiros de trabalho com ideais e compromissos que a Educação merece. Por isso procuro aprimorar minha formação e meu

conhecimento para compartilhá-los com meus alunos, futuros colegas de trabalho, mostrando as “delícias” e também as dificuldades dessa profissão.

Esse desafio gerou a necessidade de cursar uma nova pós-graduação pela Universidade do Centro Oeste (UNICENTRO). Desta vez, o curso foi em gestão escolar e estudava a formação continuada. Acredito que, como professora, na busca por transformar a prática é essencial a formação permanente e, conforme sugere Imbernón, essa formação vem a ser um compromisso social com os alunos e com a comunidade escolar de maneira que:

A formação permanente deve ajudar o professor a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: Avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionando as competências para ser capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, numa tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos e comprometer-se com o meio social (IMBERNÓN, 2006, p. 72).

Nesta perspectiva, como professora da Educação Infantil e docente do Ensino Superior, os cursos de especialização e o mestrado na Universidade Estadual de Maringá – (UEM), fazem parte da minha formação e permitem o aprofundamento de conhecimentos.

Acredito que é preciso estar comprometido com o conhecimento e fazer do aprendizado um caminho de mão dupla, no qual sociedade, família/aluno, gestores e professores são parceiros, pois, quando há participação de todos de forma integrada, a educação acontece de fato. Essa pesquisa é oriunda da necessidade de um trabalho baseado em práticas pedagógicas emancipatórias. A pedagogia emancipatória de Paulo Freire propõe a valorização das histórias de vida dos educandos, o diálogo, a amorosidade e a partilha.

Diante do percurso de formação e de profissionalização, penso que a contação de histórias fez de minha vida uma busca pessoal pelas memórias e pelas vivências com a literatura. As leituras fizeram encantar-me pelo outro que escreveu a história e os outros que me contaram histórias e encantaram-me. Tanto é que a compreensão do papel que minha família representa em mim como contadora de

histórias e a figura de meu pai sempre nos momentos de grandes mudanças foram marcos expressivos na minha formação.

O tópico a seguir trata-se de uma breve descrição de alguns registros do *Blog* que construí, no ano de 2010, como uma maneira de registrar experiências. E, nesse trabalho vamos tratar apenas de momentos do “Projeto Viva Leitura”, visto que foi durante esse processo de formação que surgiram as estratégias para as contações de histórias que eu realizo.

2.4. O BLOG - A necessidade de registro das bonitezas da vida, muito além das experiências, as vivências

Muitos são os aprendizados na vida e sempre há mais a aprender. Para que o trabalho com a contação não se perca, registro as aventuras de professora contadora de histórias no *Blog*, “Educar é tudo”²⁰.

O *Blog* é uma parte do contexto de minha história de vida e de prática profissional. Nele há registros de lembranças e de emoções que foram vivenciadas na trajetória de pouco mais de 5 anos que marcaram a existência do “Educar é tudo”.

Essas reflexões permitem compreender melhor a contação de histórias e refazer minhas práticas, que exigem análise e discussão sobre essa experiência que não existe por si só. Muitas das pessoas, nos encontros que vivenciei e vivencio, estão juntas nesse processo de reflexão e auxiliam-me na busca por teorizar. São as crianças, os acadêmicos da graduação, os colegas de trabalho, os familiares, minha orientadora, as leituras, os pais dos alunos, os amigos e o público em geral.

Nas postagens do *Blog* estão registradas experiências e o que penso sobre a Educação. A primeira postagem traz um vídeo que coloco como “a ideia que acredito ser a base para a Educação”. Foi este pequeno filme do Grupo RBS (uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil) que inspirou o nome do *Blog*. Nele é apresentada a ideia de que: “Educar é tudo para melhorar o mundo que a gente tem” (RBS, 2008). Isso representa o papel importante que tem o contador de histórias na mediação para melhorar o mundo. O contar histórias

²⁰ Para conhecer e visitar o blog segue o endereço: <http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/>.

permite uma atividade que privilegia a mediação de conhecimentos de maneira mágica, lúdica, contagiante, que aproxima pessoas e as humaniza.

Nas experiências compartilhadas no *Blog*, as ações de encantamento que a palavra permite quando apresentadas nas contações de histórias chegam até o ouvinte e retornam a mim, por meio de olhares, de sorrisos, de palavras ditas depois das contações, que confirmam a beleza do ser humano que é mediada na contação de histórias, com momentos sublimes que efetivam a relação existente entre as histórias, os ouvintes e os contadores de histórias. São essas vivências que busco partilhar no *Blog*.

Para melhor apresentar tais vivências, descrevo os momentos das contações com o “Projeto Viva Leitura”, as itinerâncias, que tiveram início em 2011 e ocorreram nas cidades representantes do grupo 4 “Encantadores de Palavras”: Campo Mourão, Mamborê, Farol, Luiziana, Iretama e Roncador. Essas vivências foram essenciais visto que por meio destas experiências a prática e o exercício do contar permitem a análise das ações como contadora de histórias e retratam as primeiras experiências como contadora de histórias no processo de formação para a elaboração das estratégias de contar histórias.

2.4.1 - As vivências com as itinerâncias do “Projeto Viva Leitura”

Após a formação dos contadores de histórias, o “Projeto Viva Leitura” passou para a segunda fase com um formato literário aliado à arte. Nas denominadas itinerâncias do projeto eram oferecidos aos municípios um dia de muita cultura e representatividade dos artistas da cidade. Isso pelo fato de que, na data destinada à recepção do “Projeto Viva Leitura”, o município recebia diversas atrações em um local da cidade, sempre na sexta-feira e que era organizado e escolhido por representantes da administração municipal.

Em todos os municípios que receberam o Projeto, havia palco de atrações artísticas, no qual eram apresentadas iniciativas culturais com os artistas dos municípios integrantes dos núcleos. Esse dia também contava com exposição de artesanatos da cidade; ônibus de leitura; biblioteca itinerante com tapete de leitura e acervo para empréstimo; pintura de rosto; sala de vídeo com curtas educativos; e contações de história com os contadores do núcleo.

Vou ilustrar as vivências do Viva Leitura por meio de fotos, as quais registraram as experiências nos municípios em que fiz parte como contadora de histórias no Projeto Viva Leitura, destacando que as ações estão expostas no *Blog*.



Figura 10 - Contação no Parque do Centro de Eventos de Mamborê – PR
Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html.



Figura 11 - Momento de contação na Escola Municipal Casimiro de Abreu - Farol – PR
Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html.



Figura 12 - Momento de contação de histórias em Iretama – PR.
Fonte: <http://vivaleiturafundacam.blogspot.com.br/2011/09/fotos-do-viva-leitura-em-i>



Figura 13 - Alunos da Educação Infantil que participaram da contação de histórias – Município de Luiziana - PR.
Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html.



Figura 14 - O caso do bolinho – Município de Roncador – PR .
 Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.html.



Figura 15 - Bolinho, Bolinho ... Eu vou te papar! - Campo Mourão - PR.
 Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.htm

As ações como professora/contadora de histórias foram além do “Projeto Viva Leitura”, pois nos municípios que passamos e nas instituições em que realizamos contações de histórias, essas ações foram ganhando espaço e, mesmo durante as itinerâncias, fui realizando atividades como professora/contadora de histórias e participei de encontros e momentos especiais de contação de história que podem ser encontrados e apreciados no *Blog* “Educar é Tudo”.

As contações realizadas e descritas nesta seção foram de fato experiências importantes para a formação da minha identidade. Assim, a relação dessas vivências com o encantamento da contação de histórias permite, por meio das mediações entre o contador de histórias, as histórias e os ouvintes a construção de múltiplas experiências e saberes, pois na busca por assegurar o desenvolvimento pleno, seguimos os caminhos das bonitezas da vida.

Já na próxima seção, será apresentada a metodologia desenvolvida durante o processo de contação de histórias. Trata-se do processo de surgimento da performance da apresentação das histórias que foi elaborada no decorrer dos cursos, oficinas e atuação, junto ao “Encantadores de Palavras” e que desde então tem permitido momentos ímpares de atuação como contadora de histórias. Para alegrar essa etapa da pesquisa apresento uma Ciranda que fez parte de nossa formação “Encantadores de Palavras”. A professora Viviane Lima deixou essa ciranda que ela aprendeu com um contador de histórias “das antigas”. Afinal, a contação de histórias envolve o lúdico, o círculo e a cantiga de roda, ou seja, um brincar com a imaginação.

Cirandeiro

(Domínio Público)

Achei bom bonito
Meu amor brincar, cirandas faceiras
Vem com a cirandeira, vem me namorar.
Mandei fazer uma casa de farinha
Bem maneirinha que o vento possa levar
Oi passa o sol!
Oi passa a chuva!
Oi passa o vento!
Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar.
Ó! Cirandeiro!
Ó, cirandeiro, ó cirandeiro, ó
A pedra do seu anel brilha mais
Que a luz do sol.

A seguir, entram em cena os meus processos de contação de histórias e o encantamento por essa arte milenar que encanta a todos.

3. O CONTADOR DE HISTÓRIAS E A “METAMORFOSE²¹” PARA CONTAR HISTÓRIAS: O INÍCIO, O MEIO E O FIM

Sabemos, na carne, que ninguém vira contador de histórias da noite para o dia, e que esse processo de formação somente é possível se estiver centrado numa reflexão que envolva nossas histórias de leitores, nossas necessidades de comunicação artística, nossa opção pela palavra como agente sensível, lúdico, estético, enfim transformador, e que, sobretudo, respeite o fluir natural do tempo, o exercício constante, sem a pressa tão comum a quem quer sair por aí fazendo, antes de observar os sinais de maturação das coisas (até das palavras-histórias!). (YUNES *apud* COSTA, 2003, p. 33).

Na busca pelo conceito de quem é o contador de histórias e como ele desenvolve sua identidade de contador de histórias, “*ser metamorfose*” (CIAMPA,1987), considero a ideia de que a arte de contar histórias demanda uma certa disposição inata, uma predisposição, latente em toda pessoa que se dispõe a contar histórias. O contador é um “artesão” da palavra na manutenção da cultura dos homens ao longo de sua existência.

É preciso considerar que a cultura assume um significado expressivo para que essa predisposição de contar histórias seja desenvolvida. Isso não significa que há um dom ou habilidades que são destinadas a um grupo ou outro, quero dizer que é necessário empenho e dedicação às histórias. Nesse sentido, Fox e Girardello expõem (2008, p.126) “[...] a habilidade de contar histórias não é um talento destinado a poucos, mas que exige grande empenho e frequentemente traz grandes surpresas e alegrias, tanto para quem ouve como para quem conta”.

Compartilho ainda com ambos que o contador de histórias necessita do exercício da prática, de contar e também de ouvir contar “Se há cartas escondidas na manga, são algumas técnicas, aprendidas principalmente com a prática de contar e de ouvir contar. O resto é a entrega à história e ao desejo de compartilhá-la” (FOX e GIRARDELLO, 2008, p. 127).

²¹De acordo com Ferreira, (2011, p.592), 1. Transformação. 2. *Ciências naturais* Mudança de forma e estrutura que se opera no ciclo da vida de certos animais, como os insetos e os batráquios. De acordo com Raul Seixas: “É chato chegar. A um objetivo num instante. Eu quero viver. Nessa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo. (SEIXAS, 1973).

Importante neste percurso de pensar o contador de história é a reflexão feita por Yunes (2012, p. 64) “o contador de histórias faz a história viva, como nos velhos tempos, agora na condição de narrador oral que, não podendo falar do que testemunha, procura falar do que ele experiencia pela linguagem”. Mesmo sem estar contando fatos vividos ao narrar uma história o contador tem a linguagem para fazer o fato.

Nesta seção vou apresentar descrições de minha trajetória como contadora de histórias e indicar vivências das itinerâncias, que estão fundamentadas nos estudos autobiográficos e que vêm a ser estratégias práticas de contar histórias, que estão sistematizadas a partir desse estudo, de forma que representam a metodologia que desenvolvo e que foi criada durante o “Projeto Viva Leitura” e que no decorrer dos anos tornou-se minha performance como contadora de histórias.

3.1. Início - preparação da contação/sedução

No curso que fiz de formação de contadores do “Projeto Viva Leitura” (2010) busquei uma estratégia para a contação. O primeiro passo para definir minha “performance” como contadora de histórias foi pensar no figurino. A inspiração veio dos conhecimentos prévios a respeito de atuações de contação de histórias e do imaginário, como se fosse uma “fada”.



Figura 16 - Eu e meu traje de contadora de histórias contando a história “A primeira Roupinha” no dia da formatura dos contadores do “Projeto Viva Leitura”.
Fonte: Acervo Pessoal.

Para chegar até esse traje fui pesquisando ideias e então defini a cor, a tiara de flores na cabeça, as letras aplicadas na roupa, as fitas, o sapato que tem uma estampa de animal e o bolero de crochê feito por mim.

O fato é que, quando coloco a roupa e vou até o público, é como se um encantamento tomasse conta de mim. As palavras vão surgindo e vou recontando algo lido, ouvido ou simplesmente compartilhado, pois, como descreve Matos (2012, p. 122) “A arte de contar histórias, como qualquer outra linguagem artística, não acontece de fora para dentro. Ela começa nas vísceras, no coração”.

A criação do traje foi o ponto inicial para as contações e com ele teve início uma estrutura de apresentação. A figura 16 (p. 63) representa o momento em que, pela primeira vez, a professora/contadora assumiu esse figurino. A partir de então, foram sendo necessários diferentes instrumentos que permitem uma lógica para a contação, sendo que desde o anúncio da história busco a participação do grupo de ouvintes. O primeiro passo que utilizo para contar é cantar uma cantiga de roda na qual anuncio a minha chegada. A cantiga escolhida é “*Meu boi barroso*”

Eu mandei fazer um laço
Do couro do jacaré
Pra laçar o Boi Barroso
E o cavalo pangaré.

Meu Boi Barroso, meu Boi Pitanga,
O teu lugar, ai, é lá na canga.

Adeus menina, que eu vou-me embora,
Não sou daqui, ai, sou lá de fora.

(Cantiga de roda – folclore - domínio público)

Para auxiliar também nesta introdução, uso uma interferência sonora, cascas de coco que utilizo como instrumento. É importante destacar que, para o início da contação, chego de surpresa e depois de cantar “*Meu boi barroso*” realizo minha apresentação pessoal como professora/contadora de histórias. Essa estratégia surgiu para auxiliar a concentração dos ouvintes para então ouvir as histórias. Isso veio logo depois da primeira ação de contação, já que no primeiro momento, os ouvintes (um grupo de crianças do segundo ano do Ensino Fundamental Séries Iniciais) estavam conversando e não prestaram atenção no início da história. Foi neste primeiro momento de contação que surgiu a

necessidade de um elemento surpresa, que é a minha chegada ao local da contação sem ser anunciada.

Depois de minha apresentação pessoal, na sequência, proponho uma dinâmica interativa com o público. Neste momento, trago comigo um livro e digo que ele é “mágico”, e que é desse livro que vêm as histórias. O livro então é apresentado ao público. Vale ressaltar que esse livro eu havia comprado em uma feira e percebi que, quando fazia a magia, as crianças ficavam atentas e curiosas em descobrir como foi que a história apareceu. Ele, então, passou a ser um recurso para ajudar na iniciação da história.

O “livro mágico”, portanto, é uma estratégia criada para permitir a iniciação da história, como um momento de encantamento e de sedução. De posse do livro apresento pela primeira vez.

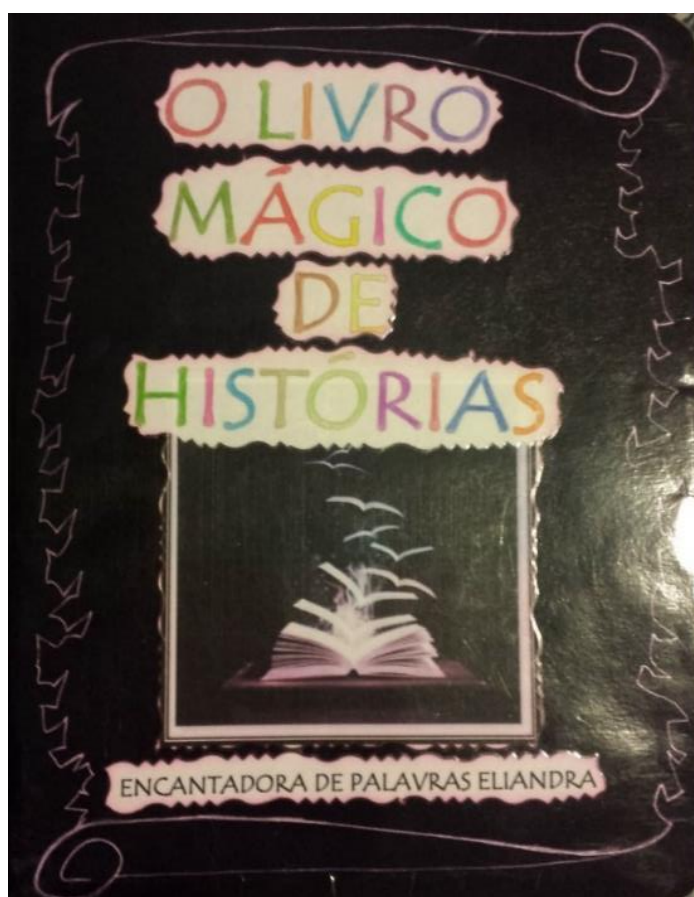


Figura 17 - Capa customizada do "Livro Mágico"
Fonte: Acervo Pessoal.

Esse é um livro da editora Ciranda Cultural, com o título “Escola Mágica”, o qual personalizei a capa e o segredo da magia é que o livro apresenta 3 (três)

cortes em suas páginas. No corte 1, as páginas são apenas o livro em branco; no corte 2, temos imagens em preto e branco e, no corte 3, surge a imagem colorida. O corte em que não temos nenhuma história para contar, pois é necessária a participação do público para que a história possa ser contada.

Denomino esse momento como “*Chamamento da história*”, e trata-se de uma atividade lúdica, que envolve movimentos corporais e tem por objetivo trazer a história para que eu possa contar. Nos estudos que foram realizados, descobri o que é o aquecimento e que ele serve para apresentar a narrativa ao ouvinte, sendo que o objetivo desta etapa, de acordo com Matos e Sorsy (2007, p. 57), é “catalisar a atenção em torno da palavra do contador, criando uma atmosfera de unidade no grupo”. Nesse sentido, a ideia da sequência de iniciação para a contação surgiu como uma forma de inserir o ouvinte no momento da contação de histórias. A partir daí, as reações são significativas, pois influenciam o imaginário dos participantes, que se empolgam. Eu também fico envolvida nesse momento destinado a contar uma história, observando e atendendo às reações do público.



Figura 18 - Primeira contação com o livro mágico. Aqui a capa do livro ainda não havia recebido a customização
Fonte: http://vivaleiturfundacam.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html.

A foto apresentada expõe a reação das crianças no instante da “mágica” e registra o primeiro momento de uso do livro, que logo depois passou a ser meu companheiro de contações. Os olhares se voltam para a contação de história e o

universo imaginário é acionado com a ideia de que o “chamamento” realizado pelos participantes é o que traz a história para que eu possa contar.

As crianças são as que mais se divertem. Eu ouço sempre: “Nossa ela é mágica! Como você fez isso? ”. Também existem crianças e adultos que, no final das histórias, procuram-me para saber como se faz a mágica. Outros apresentam suas conclusões, como por exemplo: “Eu sei, você muda a capa, aí tem outro livro”.

É surpreendente, enfim, o que o mistério causa nas pessoas, independente da idade. Vamos então ao chamamento:

Ahram sam sam,
ahram sam sam
guli, guli , guli, guli
ram sam sam
Vem história! Vem história!

Do chamamento realizado vamos ao livro e, desta vez, aparece uma história, porém sem cor, apenas com as figuras em preto e branco. Então, como o público já conhece a canção do chamamento, convido a todos para realizá-la novamente, mas, desta vez com bastante vontade. É neste momento que surge a história, agora, com as figuras coloridas.



Figura 19 - Contação com o momento da história colorida
Fonte: http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html.

As reações são diversas, como de espanto, de alegria, de curiosidade, dentre outras. No fim das contações de histórias muitos participantes, em especial os educadores, querem descobrir o segredo do livro mágico. A execução é algo tão simples que prefiro deixá-los com o mistério, visto que a imaginação sempre é mais interessante. Um exemplo disso ocorreu em uma contação de histórias que realizei na Biblioteca Municipal de Campo Mourão - PR, no evento “De lobo a Lobato²²”, em que em um grupo pequeno de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental Séries Iniciais, ao término da apresentação uma delas tinha um livro mágico e revelou aos participantes como era a mágica, o que no final levou os ouvintes à revelação do que era sigiloso e, então, percebi o desencanto que eles tiveram ao descobrir o segredo do livro.

Isso fez-me refletir, devido ao fato de que, se todos souberem a mágica, ela perde o encanto, porém os educadores, na busca pela “didática” em alguns momentos esquecem a criação, o reinventar suas próprias estratégias, daí buscam em formas prontas, atividades para “aproveitar” a história. Destaco, com base nisso, que é preciso ler, gostar de contar histórias e buscar o encanto que a história possui.

Antes da história ser contada, canto com o público uma canção de apresentação, com gestos e movimentos corporais, de maneira que possa haver uma nova interação do grupo. Essas são duas opções que apresento:

E agora minha gente uma história vou contar
Uma história diferente, para todos alegrar.
He he tra lá lá (2x)
(Carneiro, 2000)

A segunda opção vem de Coelho (1997, p. 53):

Era uma vez
assim vai começar
a linda história
que agora vou contar.
Bata palmas, minha gente!
Bata palmas, outra vez.
Bata palmas, bem contente!
Vou contar... Era uma vez...

²² Esse momento encontra-se registrado no *Blog*
<http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/search?q=de+lobo+a+lobato>

Na sequência, anuncio o título da história e seus autores, isso quando a contação tem uma fonte de livro. Algumas histórias são de autores desconhecidos e propagam-se de “boca em boca”. Neste momento de início, essas ações têm um efeito mágico. Os olhares e a escuta do público se direcionam para mim e sinto o pulsar da narrativa em palavras que são proferidas na contação de histórias.

O título da história e o autor ou autora são fontes essenciais para apresentar aos ouvintes a origem da história a ser contada. É importante registrar que as histórias que conto são “adaptações livres”. Entendemos a “adaptação livre”, conforme propõe Moraes (2012, pp.29-30) “[...] recurso de recriar, a cada vez que conto, novas frases para contar o mesmo enredo. [...] diz respeito a uma adaptação que se efetiva no momento de narrar”.

Em muitas histórias busco manter os aspectos literários de origem, mas não se trata de decorar a história e, sim, memorizar, como abordamos na seção anterior. Entendo, portanto, que é preciso fazer uma adequação do texto com naturalidade e segurança, que surge do estudo da história. Esse processo auxilia o contador de histórias pela busca para compreender a emoção do que contará. Dessa forma, as vivências são essenciais neste momento de contação de histórias, assim como as emoções, o efeito imaginário, a curiosidade e o encantamento. Estes aspectos são confirmados por Sartre (2004, p. 37) “Só existe arte por e para outrem”.

3.2. Meio – As histórias que conto... O encantamento

A escolha das histórias é um momento de busca e de pesquisa que permite o contato com diferentes textos, já que existe um grande acervo de histórias escritas que podem ser contadas. Muitas delas classificadas como literatura infantil e juvenil, outras como histórias da tradição oral, que são contos, fábulas, lendas e mitos. Existem também as histórias de autores desconhecidos, de contadores anônimos que podem ser obtidas por uma boa e encantadora conversa com os contadores de “causos”.

As histórias que conto são aquelas com que tenho afinidade com o enredo. Como sugere Moraes (2012, p. 49): “... além da consciência do ato de contar histórias como uma prática política e crítica, é a sensibilidade, guiada pela voz sutil da intuição, que nos conduz à escolha de uma história com a qual tenhamos

afinidade”. Assim, a história precisa ser algo prazeroso para o contador de histórias, por isso com a intuição e a afinidade com o texto é possível o encantamento pela história. Há narrativas que possuem um encantamento quando são lidas, tanto é que em diversos momentos de escolha por histórias já me deparei com dias de estudos em um livro e que, no final, concluí que ela não poderia ser contada e sim lida.

Uma história em especial chamou-me a atenção, principalmente pela relação lúdica que ela apresenta ao público. É a história “O caso do Bolinho”, de Tatiana Belinky (2004). Essa é uma história para todas as idades e meu primeiro contato com ela foi na Biblioteca Pública de Campo Mourão - PR. A oficina de contação de histórias, aconteceu no ano de 2011 e foi ministrada pela contadora de histórias Fabiane Cézar, da cidade de Curitiba – PR. Foi ela quem trouxe a ideia e a dinâmica de contação dessa história. Em “O caso do Bolinho” é possível perceber os elementos descritos por Sisto (2005), que vou apontar na próxima seção como importantes para o sucesso da contação.

A emoção, o texto, a adequação, o gesto ilustrativo, a voz, o olhar, a espontaneidade, a naturalidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas, os silêncios e o elemento estético estão presentes na contação que tem como apoio o uso de fantoches e um ioiô que representa o bolinho.

A história acontece envolvendo um avô, uma avó, e um bolinho que se aventura para livrar-se dos bichos que ele encontra e que desejam comê-lo. Essa história conta também com uma canção, e tem um caráter de conto cumulativo, ideal para as crianças da Educação Infantil.

“O caso do Bolinho” já foi contado por mim para ouvintes de todas as idades, em diferentes municípios e eventos. Nessa, como em outras histórias que conto percebo uma relação indissociável com três elementos que Moraes (2012, p. 15) define como básico: “a história, o narrador e o ouvinte. ”

A história, seja ela um conto ou texto adquirido por meio da escuta, quando contada passa a ser um texto na forma oral, mesmo que sua origem seja pela linguagem escrita. O contador de histórias é um narrador e ele tem como missão (re) produzir “o texto na forma oral”. O ouvinte ou público é quem receberá a história (MORAES, 2012).



Figura 20 – Momento de contação de “O caso do Bolinho com os fantoches de vara: o avô e a avó
 Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=290841051121994&set=pcb.290843271121772&type=1&theater>

Para exemplificar essa relação básica seria necessário ouvir a história do Bolinho, mas, ao lê-la já é possível perceber sua graciosidade que encanta as pessoas, desde bebês até os adultos.

O caso do bolinho²³

(Tatiana Belinky, 2004)

Era uma vez um vô e uma vó. Um dia o Vô acordou e disse:

- Vá, minha velha, e faça um bolinho gostoso pra gente comer.

A vó pegou dois punhados de farinha, recheou a massa com creme de leite, formou um bolinho redondinho e pôs no fogo pra assar. O bolinho ficou dourado e cheiroso, e a vó o colocou na janela pra esfriar.

No começo o bolinho ficou lá, bem quieto. Mas logo cansou de estar parado e começou a rolar.

Rolou da janela pra cadeira, da cadeira pro soalho pra porta, e foi rolando pela porta afora até cair no quintal.

E foi rolando, do quintal pra porteira e da porteira pra fora, até chegar na estrada.

E lá se foi o bolinho, rolando pela estrada, até que encontrou uma lebre.

- Bolinho, Bolinho, eu vou papar você – disse a Lebre.

- Não me pape não, dona Lebre – disse o Bolinho. – Deixe eu cantar uma canção pra você:

“Eu sou um Bolinho,
 Redondo e fofinho,
 De creme recheado,

²³ A história está registrada conforme o livro.

Na manteiga assado.
 Deixaram – me esfriando,
 Mas eu fugi rolando!
 O vô não me pegou,
 A vó não me pegou,
 Nem você, dona Lebre,
 vai me pegar!”

E saiu rolando, antes que a Lebre pudesse piscar um olho.
 Rola que rola, até que encontrou um lobo.
 - Bolinho, Bolinho, eu vou papar você – disse o Lobo.
 - Não me pape não, seu Lobo – disse o Bolinho. – Deixe eu cantar
 uma canção pra você:

“Eu sou um Bolinho,
 Redondo e fofinho,
 De creme recheado,
 Na manteiga assado.
 Deixaram – me esfriando,
 Mas eu fugi rolando!
 O vô não me pegou,
 A vó não me pegou,
 A Lebre não me pegou,
 Nem você, Lobo bobo,
 vai me pegar!”

E saiu rolando, antes que o Lobo pudesse piscar um olho.
 Rola que rola, até que encontrou uma raposa, bicho ardisoso demais.
 - Bolinho, Bolinho, pra onde vai rolando? – perguntou a Raposa, muito amável.
 - Pela estrada afora, como você está vendo – respondeu o Bolinho.
 - Bolinho, Bolinho, cante-me uma canção – pediu a Raposa, toda mansinha.
 E o Bolinho cantou:

“Eu sou um Bolinho,
 Redondo e fofinho,
 De creme recheado,
 Na manteiga assado.
 Deixaram – me esfriando,
 Mas eu fugi rolando!
 O vô não me pegou,
 A vó não me pegou,
 A Lebre não me pegou,
 O Lobo não me pegou,
 Nem você, dona Raposinha,
 vai me pegar!”

E a Raposa, muito esperta disse então:
 - Que bela canção, Bolinho!
 Pena que eu sou dura de ouvido, não escuto muito bem. Lindo Bolinho, pula no meu focinho, fica mais pertinho, pra eu ouvir você direitinho!

O boboca do Bolinho pulou no focinho da Raposa, e a Raposa, nhoc!, papou o Bolinho inteirinho, sem mastigar!

Este texto é o original, ou seja, retirado do livro. Para minhas contações faço uma adaptação para a narrativa, isso significa que ao contar não faço uso do texto, em *ipsis litteris* (pelas mesmas palavras). Faço o que Moraes (2012) denomina de “*adaptação livre*”, que é “a forma de contar, mais livre do texto de origem” (MORAES, 2012, p.28).

Ao contar a história utilizo a narrativa tal qual ela aconteceu, mas com leveza, sem preocupação em decorar o texto. Conforme afirma Sisto (2005), no que diz respeito ao texto, é importante reconhecer as partes do texto como “Introdução, Desenvolvimento, Clímax e Desfecho”, assim como dominar a sequência dos fatos. Construir, minimamente, um roteiro da história (SISTO, 2005, p. 47). Depois de ter esse roteiro é hora de fazer uso da memória e saber conservar a sequência da história. Também é preciso fazer acordar em si os sentimentos, no andamento exato de cada passagem e assim adquirir a expressividade que cada história requer.

No exemplo de “O caso do Bolinho” (BELINKY, 2004), além dos recursos físicos (fantoques e ioiô), existe também a participação do público no momento de fazer o bolo, de cantar a música que o bolinho canta quando encontra os animais. Contar essa história é incrível, pois percebo que, quando a história termina, os ouvintes ficam cantando a canção. Em sala, os alunos das minhas turmas pedem sempre a mesma história, ou seja, “O caso do Bolinho” é a história preferida das crianças.

Dentre as histórias que conto há outra em especial. Trata-se da história recontada por Machado (2005), “Os figos da Figueira”, que será citada na próxima seção. Tal história mostra as reações de medo, de conflito entre a família e, em especial, a canção “Jardineiro do Meu Pai”, em que os olhares são de tristeza e de agonia. Sinto a angústia no olhar dos ouvintes que desejam que a menina seja salva e as emoções que a canção traz aos ouvintes que aguardam o momento da personagem ser encontrada pelo pai e pelo jardineiro.

Em “João Bobo”, história recontada por MACHADO (2004), as crianças no início da contação divertem-se com a música destinada a João, e logo passam a

cantar junto. Percebo que as histórias que contêm música são as mais encantadoras e as que mais gosto de contar.

Nas contações para o berçário, muitas vezes, a história é cantada, como a história “A tartaruginha” (SILVA, 1985) que é uma história que está presente no livro e CD, Amarelinha. Nesta apresentação uso imagens da tartaruga e do elefante:

Ouvi contar uma história.
 Uma história engraçadinha.
 Da tartaruginha.
 Da tartaruginha.
 Houve uma festa lá no céu.
 Mas o céu era distante.
 E a tartaruginha viajou,
 Na orelha do elefante.
 Quando a festa terminou,
 A bicharada se mandou
 Quem viu a tartaruginha
 Quem viu?
 Lá do céu ela caiu.
 São Pedro o céu varreu.
 e da pobrezinha se esqueceu.
 Ela disse ai meu corpinho
 Está todo de fora!
 Como é que eu vou fazer Pai do Céu?
 Como vou viver agora?
 Pai do Céu juntou os caquinhos e colou
 Mais bonita ela ficou!

Muitas são as histórias que conto e muitas quero preparar para contar, nas vivências com os diferentes ouvintes, sejam crianças, adultos ou idosos. O contar histórias tem oportunizado uma série de descobertas pessoais e tem relação com as afinidades entre as histórias que conto e minhas experiências de vida.

O fato é que a *adaptação livre* permite ao contador de histórias recriar, em cada novo momento de contação, palavras novas e termos que ficam mais claros para os nossos ouvintes. No momento de narrar é importante ter claro o enredo da história para que ela mantenha as características do texto original.

Para o momento de desfecho da história é importante o uso de frases que indiquem que a história chegou ao fim. A utilização de expressões, como “E assim viveram felizes por muito tempo”, “E entrou pelo pé do pinto, saiu pelo pé de pato, quem quiser que conte quatro”, “E assim tudo acabou bem naquela floresta” são algumas que utilizo.

Além das expressões citadas, também encerro as histórias com a seguinte canção:

E agora minha gente
a história terminou quem quiser
que conte outra pois esta já se acabou
He he tra la lá (2x)
(Carneiro, 2000)

Assim que a contação de histórias termina com essa canção, considero fundamental apresentar uma fonte de leitura, visto que para conhecer e ter histórias para contar é preciso ler e ouvir sempre belas histórias.

3.3. O fim – O convite para uma viagem

Ao encerrar a história com essas canções citadas anteriormente, volto a indicar o nome da história e seu autor. Eu digo que, se eles quiserem conhecer a história original, ela está presente no livro. Faço esse comentário para esclarecer que a contação de histórias que realizo é uma adaptação das histórias que leio, pois acredito no que propõe Moraes (2012):

...quando se trata de uma apresentação profissional é fundamental que o narrador respeite o autor enquanto profissional e compreenda o fato de que alguns escritores não concordam que sejam realizadas *adaptações livres* de suas obras (MORAES, 2012, p. 31-*grifo do autor*).

Respeitar a obra do autor é fundamental, assim como esclarecer que a história que contamos por meio da *adaptação livre* terá frases, termos e expressões diferentes da obra de origem. Entendo isso como um incentivo a mais para que os ouvintes procurem o texto original.

O fim do momento de apresentação da contação de histórias acontece com meu convite para que os presentes me acompanhem em uma viagem pela imaginação. Trata-se de uma música do grupo “Palavra Cantada – CD Pandalelê” (2005). A brincadeira que permite a viagem a Marrocos é “Ip Op”. Com essa música, desafio os ouvintes a fazerem uma viagem até a casa de uma tia que mora distante, mas já alerto que pode ir quem é muito forte, pois a viagem é cheia de desafios. Então faço a proposta.

Vamos viajar para Marrocos:

Ip op – Palavra Cantada

Fui visitar minha tia em Marrocos, ip, op (2x)
 Fui visitar minha tia, fui visitar minha tia
 Fui visitar minha tia em Marrocos
 No caminho eu encontrei um camelo, ondulado (2x)
 No caminho eu encontrei um camelo, ondulado
 No caminho eu encontrei, no caminho eu encontrei
 No caminho eu encontrei um camelo ondulado
 Ip au au au ip au/ ip op, ondulado
 Ip au au au ip au/ ip op, ondulado
 Ip au au au, ip au au au
 Ip au au au ip au/ip op, ondulado
 No caminho eu bebi um guaraná, glup, glup...
 Ip au au au ip au/ ip op, ondulado, glup, glup...
 No caminho eu comi um biscoito, que delícia...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia...
 No caminho eu sofri um assalto, mãos ao alto...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia mãos ao alto.
 No caminho eu encontrei um doutor, ai que dor...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia mãos ao alto, ai que dor.
 No caminho eu encontrei uma serpente, sssssssssss...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia mãos ao alto, ai que dor, ssssssss.
 No caminho eu encontrei uma galinha, cócócó...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia mãos ao alto, ai que dor, ssssssss, cócócó.
 No caminho eu encontrei um monstro, uuuuuuuu...
 Ip au au au ip au / ip op, ondulado, glup glup, que delícia mãos ao alto, ai que dor, ssssssss, cócócó, uuuuuuuu.
 (PALAVRA CANTADA – CD: Pandalelê, Faixa 21, 2005).

Com essa brincadeira cantada encerramos as ações de contações com os grupos. Essa história musical que consideramos como brincadeiras cantadas são adequadas para crianças maiores de 1 ano de idade. As crianças pequenas podem ouvir e observar, mas terão interações mais limitadas. As crianças maiores conseguem cantar e realizar as ações corporais junto comigo.

Durante os encerramentos das apresentações percebo que os ouvintes se divertem, brincam e vivenciam ações com o brincar desta viagem que para mim é uma história a ser contada e vivenciada por crianças e adultos. Além de oportunizar uma interação com o ouvinte, percebo a alegria, por meio dos sorrisos, na tentativa

de conseguir realizar a sequência cumulativa que tem essa canção/história. Digo ao público como é gratificante vê-los tão bem, brincando, cantando a história.

Antes de encerrar este tópico, quero compartilhar um episódio que também fez diferença em minha trajetória, com mais uma vivência de incentivo à contação de histórias. Durante o IV Seminário de Educação Infantil que ocorreu no ano de 2014, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), participei de um momento cultural no qual realizei contação de histórias e finalizei a apresentação com a viagem a Marrocos. Participaram do evento professores de Educação Infantil, coordenadores de instituições de Educação Infantil, Secretárias de Educação e palestrantes.

Entre os palestrantes estava presente a Professora Doutora Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, docente na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Marília-SP. Neste encontro conversamos a respeito das histórias e trocamos contatos para que eu enviasse a música a ela. E foi nesta mediação de música e histórias que recebi um *e-mail*, da professora Cyntia, que me encantou e fortaleceu a minha formação como professora/contadora de histórias. O *e-mail* foi para mim como um incentivo para manter as ações de contação e eu não poderia deixar de compartilhá-lo:

Querida e encantadora contadora Eliandra, muito obrigada, por sua gentileza. Adorei te conhecer.
Amei participar daquela sessão de contação, musicalidade, movimento, alegria.
Adorei as histórias, apaixonei-me pela recriação do "caso do bolinho" de que gosto tanto!
O uso do iô-iô foi criatividade pura e convite a imaginação infantil (adormecida em muitos de os adultos!)
Fiquei fascinada com a magia, o jogo de ilusões, com o livro Mágico... puxa, como, fiquei feito criança!!!!!!
Onde? De que jeito? queria muito aprender dessas gostosuras para oportunizar às crianças de nosso projeto de extensão!
Quando eu "crescer" feito gente grande da contação como você... quero estar/ ser desse jeito encantante de Eliandra contadora SER!
VALEU! PARABÉNS!
Abraço fraterno
Cyntia (GIROTO²⁴, 2014)

²⁴ Texto retirado do e-mail pessoal da pesquisadora

As palavras de Girotto (2014) foram um presente para mim como contadora de histórias, porque indicam que o trabalho de contação de histórias tem potencial para o desenvolvimento do ser humano. Essa mensagem sugere que são necessárias ações pedagógicas, lúdicas e artísticas para a conquista do desenvolvimento integral de nossas crianças, jovens, adultos e idosos. Uma vez que o desenvolvimento é para toda vida, ele deve ser tratado a partir da sua integralidade.

Para encerrar o momento de contação, deixo um recado especial aos ouvintes, em que acredito e compartilho com emoção. E digo: “Que vocês continuem ouvindo e lendo muitas histórias pela vida afora, pois, ler é uma riqueza que ninguém pode tirar de vocês. Ler faz bem para a mente, para o corpo, mas, muito mais do que isso ler faz bem para o coração”. Este é o refrão de uma canção que foi produzida pelo professor Robson, da Orquestra de viola da cidade de Roncador-PR, especialmente para o “Projeto Viva Leitura”.

Após essas apresentações sobre as estratégias que utilizo para contar histórias, que vem a ser minha metodologia como contadora, trarei as sistematizações teóricas que fundamentam minhas práticas de contação de histórias. Essa metodologia do contar surgiu depois de vários momentos de contação e, entre erros e acertos, foi se construindo a performance que utilizo nas apresentações como contadora de histórias. Neste momento, convém partilhar algumas questões importantes para o processo do contar histórias com as estratégias de contação.

No decorrer das ações como contadora de histórias na execução das estratégias apresentadas percebo que há grupos de ouvintes que têm o hábito de ouvir histórias, então, para eles a contação se torna um momento especial de contato com o prazer de ouvir histórias. No entanto, há grupos de ouvintes que requerem um maior esforço para o período da narrativa, em especial pelo querer ouvir, e para esses grupos considero a contação como algo essencial para o encontro com o prazer de ouvir histórias.

Outra constatação é de que quando os ouvintes são grupos escolares é fundamental a participação dos professores ou professoras, pois quando participam junto das crianças fazem da história e de toda a apresentação um momento de encanto para ambos. Um exemplo de situação que pode auxiliar nesta constatação

é quando reúno turmas e vejo os professores ou professoras sentados no fundo da sala conversando durante a apresentação das histórias e, em alguns casos, as crianças ao perceberem a conversa também passam a conversar.

Quando se trata do local de contar também é preciso ter cuidado, tanto que na itinerância que vivenciei no município de Mamborê, citado no “Projeto Viva Leitura”, o local de contação era uma praça com um parque infantil, e isso fez da apresentação algo difícil, pois estava concorrendo com a interferência do ambiente, dos veículos e das pessoas. Então, não foi possível realizar a viagem para Marrocos.

Há também cuidados necessários com a saúde da voz, como tomar água antes e durante a apresentação, não exceder o limite de contações por dia, mas algumas experiências não foram prazerosas, dado a quantidade de grupos a atender, e foi assim que percebi que tenho um limite para os eventos de contação. Um exemplo foi de uma vivência em que a escola tinha previsto cinco momentos de contação pela manhã e cinco à tarde, um total de 10 momentos de narrativa, com todo o processo descrito anteriormente, sendo que cada situação de contação requer 30 minutos. Logo, essa experiência ocasionou alguns dias com dificuldade para falar.

Após essas apresentações sobre as estratégias de contação que utilizo para contar histórias, quem vêm a ser minha metodologia como contadora, trarei as sistematizações teóricas que fundamentam minhas práticas de contação de histórias. Essa metodologia do contar surgiu depois de vários momentos de contação, entre erros e acertos, construindo-se a performance que utilizo nas apresentações como contadora de histórias.

A seção a seguir apresenta as teorias que foram estudadas e também que fundamentam a metodologia que foi apresentada na seção três, como uma fonte de possibilidades de busca pela definição de quem são os contadores de histórias, e de como a identidade é constituída no exercício da prática de contar, e contar.

4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS E A FORMAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Ô, Guardador de Estórias, você está nas estórias de antigamente, os contos de fadas onde os heróis se aventuram a procurar as suas fortunas, um ratinho faminto, uma velha anciã que diz: “Dá-me do teu pão e eu te darei minha sabedoria.”

Dan Yashinsky²⁵

4.1. Considerações sobre a arte de contar histórias

A contação de histórias é um dos recursos utilizados pelos seres humanos para reproduzirem a cultura e reinventá-la. Conceituar a contação de histórias é uma missão que exige leitura e pesquisa. Neste processo, trago o conceito que perpassa a definição de narrativa que, de acordo com Houaiss (2001) “ação, processo ou efeito de narrar; narração; exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens; conto, história, caso; o modo de narrar”. Ao entender contação como um processo narrativo, conceituo contação de histórias como um agir no processo narrativo que permite o despertar de percepções, aguça os sentidos (visão, audição, paladar, olfato e o tato) e isso permite que os sentidos sejam mais sensíveis, desenvolvendo e formando habilidades cognitivas que facilitam o ato de criação e de imaginação.

A contação de histórias promove às crianças a vivência da infância por meio da fantasia, da imaginação, do afeto e da promoção dos aspectos motores, gestuais, culturais, os quais possibilitam o desenvolvimento infantil pleno. Durante o percurso da escrita dessa pesquisa, compreendo que a função da literatura infantil vai além do caráter pedagógico, assim também a contação de histórias é um elemento humanizador. Como tal não necessita de “utilitarismo”, esse termo é instituído por Perrotti (1986), quando pensa a literatura infantil na década de 70, que era repleta de questões moralistas e pedagógicas

É que, a partir do início dos anos 70, uma geração de escritores retoma a postura do iconoclasta Lobato. [...] Nesse momento surge na literatura brasileira para crianças e jovens um número grande de

²⁵ Dan Yashinsky, é contador de histórias canadense e este escrito faz parte do texto *Um elogio ao Guardador de Estórias*. (GOMES e MORAES, 2010, p.4).

escritores, com uma consciência nova de seu papel social: reclamam a condição de artistas e desejam que suas obras sejam compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralista ou “pedagogos”, que até então fora reservado a quem escrevesse para a faixa infanto-juvenil (PERROTTI, 1986 p.11).

A defesa da leitura literária de Perrotti (1986) impulsiona a defesa da contação de histórias como elemento estético e não como estratégia pedagógica em si, o que diverge da afirmação de Neder, et al (2009, p. 62) quando propõe “A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode contribuir de forma significativa na prática docente”, e na sequência sugerem que “o momento da contação de histórias deve, portanto, ser bem aproveitado. O professor precisa explorar essa arte com criatividade e beleza...”, ao ponto que para ser proveitoso necessita de conteúdos quando diz: “... e favorecer a aprendizagem em diferentes disciplinas, ao abordar temas relacionados aos conteúdos estudados e de interesse dos alunos, de modo interdisciplinar, de uma riqueza singular”. Não partilho mais deste uso para contação de histórias, pois durante o processo dessa pesquisa entendo a necessidade do uso da contação de histórias para o deleite, para ouvir a narrativa e apreciar uma aventura, um lugar imaginário, os enfrentamentos dos personagens e as emoções.

Em alguns momentos utilizei histórias com “criatividade” para trabalhar conteúdos, como por exemplo, quando em um evento de contação de histórias foi solicitada para mim uma história com o tema reciclagem e eu fiz uma adaptação do conteúdo com a história “Os três Porquinhos”. Os ouvintes eram crianças e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Séries Iniciais, e todos ouviram atentos a história, porém, no final do evento²⁶, percebi que não contribuiu para o prazer, faltou a sensibilidade, a emoção e o encantamento, já que a preocupação era fazer entender a reciclagem.

A necessidade de trabalhar conteúdos como sustentabilidade, reciclagem entre outros é inegável, no entanto, esses conteúdos devem ser desenvolvidos com outros recursos, como vídeos, textos informativos a serem explorados, pesquisas

²⁶ O evento ao qual me refiro ocorreu em Campo Mourão e foram atendidas cinco escolas com a história: A aventura de verão dos três Porquinhos, para saber mais essa vivência está disponível em <http://educartudo-eliandra.blogspot.com.br/search?q=colacril>

que venham a contribuir com questões pedagógicas. A literatura infantil necessita do estético, do propiciar o prazer e a beleza das histórias.

Ao pensar a contação de histórias e a questão estética é preciso que os caminhos sejam trilhados como foi o da literatura infantil, pois a manifestação estética diferenciada do caráter utilitário com o efeito de que ao adotar ações de contação de histórias como algo proveitoso não corresponde às necessidades das histórias para crianças

[...] a literatura extrapola estreitos impostos pelo utilitarismo, alojando-se no “oásis de poesia e de sonho” (F. de Azevedo), no patamar da “contemplação” ou da “evasão e catarsis” (Lourenço Filho), no campo da “leitura desinteressada” (Cecilia Meireles), na “busca de prazeres e emoções através dos contatos intelectuais” (Lúcia Miguel Pereira). Em todos, o utilitarismo é, pois, explicitamente posto de lado (PERROTTI, 1986 pp. 69-70).

É nesse sentido e em defesa das possibilidades descritas no texto de Perrotti (1986) que ao contar uma história espero que haja possibilidades ao ouvinte, considerando o que diz Busatto (2011, p.17) “ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores”. Assim, ouvir e contar histórias foram descobertas importantes no decorrer de minha experiência como professora/contadora de histórias e estes aspectos têm auxiliado no desenvolvimento dos ouvintes e na mediação do conhecimento produzido pelos homens.

Como professora de Educação Infantil, passei a entender que a criança gosta de histórias pela relação que elas têm com seu desenvolvimento. Ao narrar uma história, uma lenda, cantando uma cantiga de roda, sugerindo um livro, vejo que estou oportunizando aos que me ouvem uma atividade sadia, que permite desenvolver sua imaginação, enriquecer seu vocabulário e viver o mundo do encantamento.

No entanto, não basta considerar a contação de histórias como elemento humanizador, sem compreender as necessidades que esse elemento de mediação tem. Para aqueles que oferecem as histórias e que se propõem encantar pela leitura, literatura e arte de contar, é necessário considerar que:

Para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... ou brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 2009, p. 15).

A contação de histórias nasceu com a humanidade, permanece em nossa sociedade e pode contribuir com o processo de desenvolvimento da criança, isso pelo fato de que, ao contar e recontar histórias da Literatura Infantil, o professor promove a mediação potencializadora da linguagem, da interação e assegura o desenvolvimento infantil. Nas atividades nas quais as crianças interagem no mundo da fantasia e dos símbolos, por meio das histórias, as crianças divulgam suas opiniões e sentimentos. Essas atividades permitem que se possa compreender melhor seu mundo e vivenciar o exercício social da oralidade.

Se ouvir e contar histórias é algo importante, é preciso que se compreenda as estratégias e as possibilidades de mediação com o entendimento da contribuição desta ação no desenvolvimento integral. Em relação a essa consideração, Busatto (2011, p. 37) afirma que:

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos.

É preciso considerar também, que ao contar uma história o contador auxilia no desenvolvimento da linguagem e no desenvolvimento do pensamento das crianças e das pessoas em geral. O contador de histórias também divulga a tradição oral que traz consigo, as reflexões e o sentido na interação com o ouvinte. Desta forma, é necessário considerar:

O contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos (SILVA, 2009b, p. 35).

Para nosso estudo, foram importantes as reflexões sobre a contação de histórias e o papel do contador de histórias. Nessa pesquisa, acreditamos na importância do acesso à cultura e ao conhecimento:

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1987, p.103).

O processo de desenvolvimento integral dos seres humanos necessita de mediações, ou seja, o aprendizado por si só não promove o desenvolvimento. A contação de histórias, portanto, vem a ser uma maneira de promoção das funções psicológicas superiores (atenção, memória, pensamento, linguagem, raciocínio, imaginação), visto que essas ações são especificamente humanas.

A contação de histórias surgiu como uma importante prática de acesso à literatura e à promoção da leitura. Ela precisa garantir o encantamento pela descoberta do mundo literário desde a infância e assim busca promover o desenvolvimento integral da criança, das pessoas e de seus processos de humanização. Para esclarecer estes aspectos apresentamos o seguinte fundamento:

O desenvolvimento infantil constitui o princípio básico da psicologia. Uma criança não é um ser terminado, mas um organismo em desenvolvimento e, portanto, seu comportamento vai se formando sob a influência da ação sistemática do ambiente e também com relação a vários ciclos ou períodos de evolução do próprio organismo infantil, que por sua vez determinam a relação do ser humano com o meio (VYGOTSKY, 2003, p. 203).

Nesta perspectiva, a contação de histórias pode ser considerada uma ferramenta de promoção das relações entre o universo literário e a promoção da criança e das pessoas humanizadas. Isso porque as histórias contribuem com o aprendizado da linguagem e da criatividade, conforme descreve Debus (2006, p.75):

O contar histórias pode influir diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade.

A narrativa permite acesso à linguagem e suas estratégias de contação, por isso ao pensarmos as narrativas na estrutura começo, meio e fim, é importante esclarecer o que vem a ser essa estrutura.

De acordo com Souza e Girotto (2014, p. 29), há na narrativa o “esquema de 3 atos” que se trata do começo, do meio e do fim. A situação inicial é o primeiro ato, e corresponde à apresentação de uma situação inicial. O desenvolvimento que ocorre no processo da narrativa vem a ser o segundo ato. É neste momento que os acontecimentos da história direcionam as causas, que são oriundas das situações iniciais. O desfecho final é o momento em que a narrativa apresenta a conclusão das situações. Neste processo narrativo há uma relação sequencial entre os “3 atos”, visto que o início (1º ato), o desenvolvimento/meio (2º ato) e o fim (3º ato) estão sistematizados nas histórias narradas.

Para melhor compreensão temos o quadro a seguir:

Quadro 1 – Esquema de 3 atos

Narrativa – Esquema de 3 atos	Especificidade do ato
1º Ato: Início/Situação inicial/Introdução	Há uma situação estável até aparecer algo que a perturbe.
2º Ato: Meio/Complicação/Desenvolvimento	Apresentação da perturbação e a necessidade de voltar à situação estável.
3º Ato: Fim/Situação final/Conclusão	Neutralização da perturbação e volta à estabilidade.

Fonte: SOUZA e GIROTTTO (2014, p. 30)

As narrativas são instrumentos essenciais ao contador de história, então, entender a estrutura do “Esquema de 3 atos” é fundamental para as estratégias de

contação de histórias, e também para fazer a seleção de uma história que possa promover a leitura e o interesse pelo ouvir histórias.

Para isso, é preciso entender que as pessoas necessitam ter acesso à literatura com qualidade de texto, assim como da qualidade das ações do contador de histórias, garantindo assim que:

Para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a literatura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil (COELHO, 2000, p. 32).

No caso específico das crianças pequenas existe a necessidade de conhecer as histórias e adequá-las ao desenvolvimento infantil. Esse aspecto é necessário na ação do contador e é preciso ter uma seleção de histórias apropriadas para a contação.

Dessa forma, vamos propor indicações que estejam relacionadas aos interesses das crianças e que possam também contribuir com o seu desenvolvimento, garantindo assim uma relação mediada entre a história, o acesso ao mundo da leitura e da tradição oral. Desta maneira, procuraremos instrumentalizar o contador de histórias por meio de indicações de leituras as quais correspondem com as ideias aqui apresentadas.

Cabe a quem se dispõe a fazer uso da contação de histórias, sistematizar, planejar, a fim de que com planejamento e ação possam estimular e garantir o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças.

Para tanto, as orientações de Quintiliano *apud* Tahan (1961, p.10): “instruir, comover e agradar” são essenciais para os contadores de histórias. O processo de “sedução” do contador de histórias não ocorre do dia para noite como destaca Gullar (2006, p. 5), basta recordamos Sherazade e as mil e uma noites, já que “Como se sabe, As mil e uma noites é a reunião de fascinantes histórias inventadas e mantidas na tradição oral pelos povos da Pérsia e Índia”. Com contos Árabes de rainhas e sultões, gênios e monstros, lutas e intrigas, em clima de magia e de mistério, ela conseguiu mudar seu destino, que seria o de morrer após a noite de núpcias.

Entre as narrativas de Sherazade estão as famosas “Viagens de Simbad, o marujo”, “As aventuras de Aladim e a lâmpada maravilhosa” e a história de “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Nossa heroína arriscou sua vida ao carregar consigo a confiança em sua capacidade de contar histórias e a crença de que as histórias possuíam o poder de humanizar o outro. Suas palavras e estratégias de contação foram expressivas e Sherazade conseguiu sobreviver.

Para que o contador de histórias tenha a mesma segurança que Sherazade demonstrou ao confiar no poder de suas histórias, é necessário o conhecimento de si. Dessa forma, o tópico a seguir trata da construção de minha identidade como contadora de histórias, a partir da metodologia autobiográfica que vamos descrever a seguir.

4.2. Os estudos autobiográficos e a construção de contadores de histórias

A metodologia autobiográfica permite a compreensão do sujeito professor contador de histórias, a identificação do processo de conhecimento de si e a construção de novos saberes. Esses estudos, que produzem o autoconhecimento, revelam e ressignificam o passado e o presente como marcas da trajetória, permitem entender a constituição dos contadores de histórias para poderem exercer com maior qualidade as suas ações futuras. Sendo assim, a metodologia autobiográfica envolve

Entender as afinidades entre narrativas (auto)biográficas no processo de formação e autoformação é fundamental para relacioná-las com os processos constituintes da aprendizagem docente. Desta forma, as implicações pessoais e as marcas construídas na trajetória individual/coletiva, expressas nos relatos escritos, revelam aprendizagens da formação e sobre a profissão (SOUZA, 2007, p. 4).

Na presença do processo de formação e autoformação, os objetivos dos métodos da pesquisa estão situados no desvendamento de uma estratégia de promoção de leitura e de humanização das pessoas, tendo na contação de histórias uma ferramenta para o desenvolvimento integral. Assim, considerar a trajetória de minha vida em narrativas autobiográficas é parte do processo de autoconhecimento e de autoformação.

Quando descrevo as narrativas autobiográficas, enfatizo as diferentes maneiras de contar a minha trajetória de vida. Esta perspectiva auxilia o entendimento de minha construção, de minha transformação e de minha atuação profissional:

O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido (FREITAS e GALVÃO, 2007, p. 220).

A partir do entendimento de como esse processo ocorreu, foram sistematizadas as vivências que contribuíram para a compreensão da minha atuação como professora contadora de histórias. Considero que há uma satisfação imensurável quando conto histórias. Ao mesmo tempo em que narro, posso entender e descobrir o que as memórias representam no sujeito que sou. Para Josso (2010, p. 38) “É porque nos identificamos com nossas experiências, que nos fixamos nela”. Essas descrições tratam de vivências relacionadas à minha trajetória de vida e de profissão, sendo que as experiências registradas na pesquisa são momentos significativos para estruturar os conhecimentos e a maneira de compreender o mundo, a cultura e diante disso mediar ações com os educandos.

É importante que possamos entender a experiência como uma vivência que recebeu um trabalho de reflexão, sobre o que passou e observar, perceber e dar sentido ao que se vive (JOSSO, 2010).

Na possibilidade de narrar minhas vivências com intencionalidade, os estudos autobiográficos passaram a ser uma busca pela solução da problemática anunciada nessa pesquisa. Essa perspectiva defende o conhecimento de si mesmo, para o agir no mundo. Ao considerar que na formação do professor o pensar e o agir sobre o mundo necessitam de reflexões constantes, Souza (2006, p.98) propõe que:

Através da narrativa (auto) biográfica da vivência escolar torna-se possível desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar da professora em formação. Isto porque o ato de lembrar e narrar possibilita ao ator reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática.

É com estudos e a esperança e desejo de compreensão da prática desenvolvida que as reflexões têm oportunizado uma busca por estratégias, na tentativa de possibilitar experiências que possam auxiliar a formação do professor e do contador de histórias. Agir de acordo com o exercício da prática, como nos sugere Freire (1996, p. 95):

... Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei. Mas, este, repito, não é saber de que apenas devo falar e falar com palavras que o vento leva. É saber, pelo contrário, que devo viver concretamente com os educandos. O melhor discurso sobre ele é o exercício de sua prática.

A formação do contador de histórias necessita de sentido, um sentido de si. Cada momento em que a temporalidade das vivências coloca-nos a refletir sobre o exercício da prática, surge à dúvida: Quem é o contador de histórias? Como me tornei contadora de histórias? Quais as estratégias utilizadas para a contação de histórias? Quais os fundamentos teóricos utilizados para a sistematização do meu trabalho? Como as histórias passaram a afetar-me?

A partir desses questionamentos, esse trabalho foi sendo construído e, a seguir, serão apresentadas estratégias para contar histórias.

4.3. A identidade dos contadores de histórias

O resgate de histórias de vida oportuniza e permite aos professores, contadores de histórias, proferirem biografias e histórias. Nos estudos autobiográficos, os aspectos subjetivos e os aspectos sociais estão integrados. Quando as pessoas enfrentam situações diversas, tanto de opressão, como também de afetividade, as quais são proporcionadas no seu dia a dia, essas experiências são transformadas em posturas de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de ressignificação e de criação.

Ao trazer à tona a história de como me fiz/faço contadora de histórias, posso entender que minha formação acadêmica é parte significativa de minhas experiências e da construção de minha identidade, que vai além da formação acadêmica. Essa formação ocorreu desde a minha infância, por meio das minhas experiências.

Conforme sugere Vasconcelos (2000, p. 12) a identidade vai se:

[...] forjando com múltiplos fios – relações familiares, de classes, condições de gênero, características relativas à idade, etnia, religiosidade, cidadania e outros -, cada um deles matizado de anseios, limites, rupturas e possibilidades.

Nesta condição, considero que a identidade do contador de histórias vai muito além de sua formação acadêmica e ela está recheada de vivências. Quando pensamos no contador de histórias é necessário pensar a relação que a arte de contar histórias tem com a literatura com arte. Podemos pensar essa relação nas palavras de Coelho:

Literatura é *arte* e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do *eu* + o *outro* + *mundo*, em harmonia dinâmica) (COELHO, 2000, p. 10 - *grifos do autor*).

A identidade é um processo gradual que construímos e registramos nessa pesquisa e ela é marcada por experiências significativas com a literatura. O que é possível entender é a relação que isso tem com a formação integral. Quando estou tecendo fios a respeito da consciência de *si*, da convivência com o *outro*, esses aspectos me auxiliam na compreensão sobre o mundo.

A arte de contar histórias no auxílio à aquisição da identidade do contador de histórias é vista por Silva (2015, p. 26) como expressão de arte e que se dá ao longo do tempo:

Como toda expressão artística, a arte de contar histórias necessita de vivência e experiência que só são adquiridas ao longo do tempo. Somente com a prática é que o trabalho com as narrativas sofrerá um salto qualitativo. Com o passar dos anos é possível adquirir uma identidade que caracteriza o narrador, enquanto contador de histórias. Cada sujeito tem um estilo pessoal, e é com o tempo que essa originalidade se intensifica no corpo e na alma desse contador.

Nesta perspectiva, minha relação com a literatura, em especial, com a literatura infantil, é considerar que a literatura é arte que tem como essência a criatividade. A literatura permite significar o mundo, a vida e o homem, por meio da

palavra. Entendo que a consciência e a palavra têm importantes representações na percepção humana, diante da ideia de que: “A palavra está para o consciente como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo... A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana” (VIGOTSKI, 2000, p. 486). Assim, a palavra e a consciência humana são importantes aliadas à literatura infantil, expondo uma linguagem que com suas especificidades expressa a experiência humana.

As diferentes linguagens que envolvem a literatura estão associadas à literatura oral, que originou as outras formas de literatura, sendo um conceito criado no final do século XIX, pelo francês Paul Sébillot, que define como “arte daqueles que não liam nem escreviam”. Dessa forma, ele procurava, na época, diferenciar a literatura escrita da literatura tradicional, ou seja, a literatura oral que se perpetuou na história da humanidade, por meio da voz dos contadores de história (BERGAMINI, 2011).

Na literatura oral, a voz desses contadores permite compreendermos a identidade do contador de histórias, como a construção de sua própria consciência de si. Nesta perspectiva, como professora contadora de histórias, é possível compreender que a tradição oral tem diferentes finalidades, formação intelectual, psicológica e espiritual do ser humano.

Essas possibilidades são elementos que contribuem para considerarmos a importância que a diversidade cultural tem na formação da nossa identidade e que faz pensar nas palavras de Ciampa (1987)

Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto.
Identidade é metamorfose.
É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa
infindável transformação (CIAMPA, 1987, p. 74).

Na busca por essa identidade, a relação que a narrativa de histórias tem para nós é de uma natureza indissociável com três elementos básicos. Moraes (2012, pp. 15-16) define esses elementos como: “a história, o narrador e o ouvinte”. A história é o texto a ser contado e que pode ser produzida na forma oral ou originalmente escrita, mas que será contada. O narrador, contador de histórias, é o agente que produz ou reproduz o texto. O ouvinte é aquele que se dispõe a receber o texto oral.

A relação estabelecida entre a tríade: *história, contador de histórias e ouvinte*, passa a ser uma ação criativa que permite o original sempre. Quando o contador de histórias reconta uma mesma história a um mesmo ouvinte, ocorrem diferentes momentos nessa experiência que permitem o encantamento do ouvir. Esses aspectos ocorrem quando tenho em mãos o livro “*A primeira Roupinha*”. Ao reviver a leitura e a contação desta história, a experiência é única em cada momento.

Conforme propõe Josso (2010), as histórias de nossa infância são elementos de uma aprendizagem que demonstra que o ser humano é também capaz de criar as histórias que representam a nossa concepção das coisas da vida.

O tópico a seguir surge como um indicativo de estratégias de contação que corroboram com os modos de contar apresentados na seção anterior de maneira que auxilia a compreensão da identidade do contador de histórias.

4.4. Estratégias para contar e encantar crianças e adultos: o que os estudos nos contam

É comum que seja estabelecida a associação entre o ato de contar histórias e o público infantil. O fato é que os adultos e as crianças demonstram com igual prazer o encantamento e a curiosidade quando são estimulados pelo poder de sedução de uma linda história.

Existem várias estratégias de contação de histórias para que os professores contadores de histórias possam fazer uso deste recurso em suas ações pedagógicas ou em diferentes ambientes que extrapolem os espaços escolares.

Para isso é preciso conhecer as formas de apresentação das histórias e Silva (1997, p.50) propõe que:

Contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente aliás em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças. Além do conjunto de técnicas que a didática ensina, há determinadas qualidades que contribuem para a eclosão desse talento e podem ser estimuladas, desenvolvidas.

Nessa pesquisa, encontrei várias definições a respeito da questão: quem é o contador de histórias? Na introdução do livro “*Contar e Encantar: pequenos*

segredos da narrativa”, Busatto apresenta “O manifesto do contador de histórias”, e revela que:

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra. O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.

O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo.

O contador de histórias, como um mágico faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe.

O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só (BUSATTO, 2011, p. 9 – **grifo nosso**).

Ao contar uma história, sinto-me em outro tempo. É como se os sonhos se apresentassem pelas palavras que embalam a contação, por este motivo o grifo no manifesto. Encontrei em Matos (2014, p. 01) palavras que remetem ao meu pensamento: “Os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperança.” Considero tais aspectos essenciais para o ofício do contador de histórias.

Para Tahan (1961, p. 29), o contador de histórias necessita de qualidades e características que o tornam perfeito. Ele define nove qualidades: 1ª sentir a história, vivenciar com entusiasmo; 2ª narrar com naturalidade; 3ª conhecer o enredo; 4ª dominar o auditório; 5ª contar dramaticamente, sem exageros; 6ª falar com voz adequada, que seja clara e agradável; 7ª evitar e corrigir os defeitos da dicção; 8ª ser moderado nos gestos e 9ª emocionar-se com a própria narrativa.

As considerações apresentadas nas ideias de Yunes (2012), Busatto (2011), Matos (2014) e Tahan (1961), descrevem quem é o contador de histórias, que poderíamos definir como o socializador/mediador que conta vivências e leva-nos a sonhar em tempos imaginários. O contador de histórias compartilha as belezas da vida que são tesouros oriundos de palavras. Essas belezas permitem entender o que nos rodeia e mostram nossa identidade. O contador de histórias também utiliza de sutilezas para apresentar ao ouvinte o mundo com todas as suas possibilidades.

O percurso que me levou a contação de histórias passa por toda minha vida, como já foi apresentado anteriormente, porém, quando busco entender essa

trajetória, sinto que contar histórias não é algo fácil, ou espontâneo. Contar histórias requer dedicação, esforços e alegria de ouvir, partilhar e ler. Requer exercitar o contar, controlar a ansiedade, descobrir os limites e criar possibilidades, contar para muitos e contar para poucos.

A figura de meu pai foi e é essencial nessa formação. É preciso considerar que esse aspecto chamou-me a atenção durante esse processo de escrita da dissertação. Nesse período, compreendi como as formações são essenciais para o exercício da contação, mas, muito além disso, acredito que minha escolha profissional oportuniza partilhar o encantamento que a contação de histórias proporciona em mim. Quando abro meu livro mágico (que foi apresentado na seção anterior), é como se compartilhasse a magia que trago para minhas palavras e das histórias com as quais me delicio e que permitem o encantamento pelo mundo da imaginação.

Nas investigações a respeito da contação de histórias e busca pelo contar com entusiasmo e encantamento, encontrei contribuições importantes e dentre muitas estratégias de diferentes contadores de histórias simpatizo com o pensamento de Sisto em “Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias” (2005) para o processo da construção da identidade do contador de histórias para contar com sucesso.

Sisto (2005) considera várias estratégias e aspectos que são fundamentais para os contadores de histórias. Dentre esses aspectos estão: a emoção, a seleção dos textos e as adequações às idades. Nas atitudes corporais utilizadas na contação, ele diferencia três tipos de gestos: ilustrativos, enfáticos e sintéticos. Outros elementos também são apontados por ele como estratégicos: as entonações de voz, a forma do olhar, a espontaneidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas e os silêncios, assim como os elementos estéticos.

A seguir, analiso esses aspectos apresentados por Sisto (2005). E, a partir deles, trago outros autores que convergem com as estratégias necessárias à contação de histórias. Esses são elementos os quais considero essenciais ao sucesso da formação e da constituição da identidade do contador de histórias. Cada contador tem suas particularidades, a maneira como conta e as histórias que

escolhe são fundamentais para o processo de narrar histórias. Vale registrar que não há um único jeito de ser um excelente contador de histórias.

Para iniciar com os elementos apresento a emoção:

Emoção: É o principal elemento para se contar bem uma história! Se a história que eu vou contar me apaixonou, certamente ela vai sair de mim e chegar até o público. Não esquecer que emoção não é traduzida pelo choro! (SISTO, 2005, p.47).

O aspecto emoção é fundamental para o processo de contação, pois em cada história selecionada para ser contada, há uma relação emocional entre o texto e o contador. O fato é que a emoção durante a contação de histórias atinge a todos os envolvidos no processo, Ferreira e Motoyama (2015, p. 47) conseguem descrever “A arte de contar histórias coloca as emoções, de quem conta e ouve, à flor da pele, pois permite externar o que está intrínseco em cada indivíduo, revelando o mundo imaginário que existe dentro de cada um”. Dada a importância do acesso às emoções, Sisto (2005) sugere a necessidade de selecionar textos com “paixão”.

No que diz respeito à seleção e à leitura dos textos:

Texto: É o conhecimento do texto que vai dar segurança. Então é preciso ler e ler e ler. Sair da leitura superficial e fazer uma leitura na vertical, em profundidade. Reconhecer as partes formadoras do texto (Introdução, Desenvolvimento, Clímax, Desfecho). Perceber que um texto é feito de blocos. Dominar a sequência dos fatos. Construir, minimamente, um roteiro da história (SISTO, 2005, p. 47).

Ao considerar essas observações a respeito do texto/história, para contação pode-se concluir que a escolha do que contar assume total importância no processo de contação. O ato de ler e reler com domínio dos fatos a serem contados, mediados pela sensibilidade e pela emoção são aspectos que permitem a apreciação e o encantamento pela história.

Para escolher o que contar é preciso pensar nas adequações das histórias.

Adequação: Não esquecer que uma história, para ser contada, precisa estar adequada ao público, ao espaço onde vai ser contada e ter uma linguagem acessível, mas que não descaracterize o estilo do texto (SISTO, 2005, p. 47).

Existem histórias que podem agradar a todos os públicos. No entanto, quando se trata da adequação, Sisto (2005) sugere que é preciso considerar desde o espaço, a linguagem a ser utilizada e a quem será destinada a contação. Contribuindo, a reflexão de Silva (1997, p.14) descreve que “Ao narrador cumpre escolher, tendo em vista, principalmente, a qualidade literária, mesmo quando se trata de histórias de tradição popular”.

No trabalho com estratégias de contação, a elaboração de um conjunto de recursos para promoção de leitura e o acesso a conteúdos literários de qualidade é uma necessidade no contexto da Educação. É necessária, portanto, a pesquisa literária de indicações apropriadas para o desenvolvimento integral da criança e adequações.

Outro importante indicador na escolha das histórias a serem contadas é a faixa etária. Ao contador cabe escolher, considerar a qualidade literária, mesmo quando se trata de uma história de tradição popular (SILVA, 1997). É preciso que haja a preocupação com o desenvolvimento da criança e desta maneira levar em conta: o que contar? Para quem contar? Vamos responder esses questionamentos na próxima seção.

Outro fator essencial para a formação do contador de histórias é o corpo, que munido de gestos, permite expressar e dar vida à contação, com equilíbrio nas expressões.

De acordo com Sisto (2005), o corpo tem função significativa para o processo de contação de histórias, tanto que o autor dividiu o elemento corpo em três possibilidades de expressão: o gesto ilustrativo, o gesto enfático e o gesto sintético. A seguir apresentaremos as características dos gestos ilustrativos:

O gesto ilustrativo é o mais comum e o mais usado. Ele é descritivo e por isso mesmo de fácil e rápida decodificação. Esse tipo de gesto age em cima de conceitos (ideias) já coletivizados; foram criados por outros, mas são utilizados por muitos, embora sua “raiz autoral” esteja para sempre perdida. Aprendemos esses gestos por causa de seu uso generalizado... Esse gesto visa a concretizar o objeto ao qual se refere. Exprime mais a ideia objetiva que fazemos das coisas; se forma no nível das estruturas de significação mais diretamente ligadas à realidade objetiva (e coletiva), como, por exemplo, desenhar com as mãos ou com o corpo o formato de um objeto que está sendo verbalizado. Ou, ainda, a dar forma a códigos amplamente difundidos e aceitos para expressar ideias gerais, como dormir, em que apoiamos a face

sobre a palma da mão ou sobre as duas mãos juntas e estendidas... Os gestos de tal conjunto tendem a se estruturar de forma esquemática, a tal ponto que a ideia pessoal do narrador deixa de ser percebida para dar lugar a gestos uniformizados e convencionais, e por isso mais previsíveis (SISTO, 2005, p. 48).

Durante minhas contações existem histórias que são contadas com gestos ilustrativos importantes para o momento. Por exemplo, na história: “Os figos da Figueira²⁷” (MACHADO, 2005), a menina tem que realizar os afazeres domésticos. Nessa história, por meio dos gestos ilustrativos procuro mostrar: o lavar de roupas, o varrer a casa, o limpar os móveis. Esses gestos são como ilustrações dos trabalhos domésticos que a personagem deve realizar. Em relação aos gestos enfáticos:

Os gestos enfáticos são gestos de força; gestos para reforçar o que estamos dizendo, para chamar atenção sobre aquilo que queremos destacar. São mais inconscientes e mais arbitrários, porque desprovidos de sentido, se dissociados da palavra proferida. Comumente, são gestos que exprimem o juízo que fazemos das coisas; são manifestações “inconscientes” da nossa emoção diante da grandeza, intensidade, amplitude de algo, como, por exemplo, o gesto de colocar as duas mãos com as palmas frente a frente, afastadas uma da outra no plano horizontal para significar o grande tamanho de alguma coisa (SISTO, 2005, p. 49).

Ao pensar em gestos enfáticos, faço uso deles na história: “O Cabra cabrez” (1966), no momento em que o coelhinho está em desespero e recebe ajuda do mosquito. Para representar o tamanho do mosquito, faço o gesto com os dedos indicador e polegar, para figurar que o mosquitinho era bem pequeno.

Os gestos sintéticos são mais simbólicos porque se referem a uma metáfora. Formam-se nas estruturas de significação mais seletivas, e por isso passam a ser a expressão pessoal de algo que está sendo dito. Não são universais, não são de convenção da coletividade. Exprimem um valor pessoal, subjetivo do narrador em relação àquilo que ele diz. São mais originais porque são pessoais (SISTO, 2005, p. 49).

Os gestos sintéticos exigem do contador uma expressão significativa, para expressar ao público algo que o contador tem como peculiaridade da história. Para esse tipo de gestos associo a história: A primeira roupinha (1985), quando no

²⁷ Esta história pode ser lida no final desta seção na página 106.

momento de chegada do inverno, a personagem Mirela começa a sentir frio. Neste momento, mentalizo o frio rigoroso e expresso com meu corpo esse tremer.

Para Sisto (2005) a voz é para o contador o elemento essencial:

Voz: A voz inclui elementos como o timbre, a altura, o ritmo, a intensidade. O contador de histórias deve encarar a voz como um prolongamento do corpo, como um membro a mais. Com a voz também se faz coisas que a princípio estariam na esfera do corpo: tatear, acariciar, afagar, socar, etc. (SISTO, 2005, p. 49/50).

Contribuindo, sugere Silva (1997, p.51) “É a voz que sugere o que aconteceu, ora mais forte, vibrante, intensa, ora mais pausada, suave...”. Como extensão do corpo e instrumento que sugere os acontecimentos, a voz necessita de cuidados, então, para seu uso adequado é preciso fazer um aquecimento vocal para assegurar a qualidade da voz, sua entonação e uso adequado, que permitem o encantamento sonoro. E como bem diz Matos e Sorsy (2009,p. 142), a voz para o contador de história “... é seu principal recurso de trabalho.”

O olhar é elemento que também precisa ser evidenciado:

Olhar: O cordão umbilical que liga o contador de histórias à sua plateia! O contador de histórias tem que ter seus sentidos sempre duplicados: ele olha para si e para o público ao mesmo tempo. Ele sente a si e o público ao mesmo tempo. Ele olha para a história que está contando. Sem essa perspectiva, a contação de história não nasce! (SISTO, 2005, p.50).

Sisto (2005) fez a comparação maravilhosa quando associou o olhar como “cordão umbilical”. Acredito que é o olhar que nos permite demonstrar o quanto estamos dedicados à história e ao público. Quando realizo as contações para grandes plateias, sinto a necessidade de expandir meu olhar a todos os presentes, mesmo os mais distantes. Quando temos uma plateia com menor número de pessoas é possível estabelecer momentos de fortes emoções com todos os participantes. Ainda, de acordo com Sisto (2005), temos a espontaneidade e a naturalidade que são:

Espontaneidade/Naturalidade: Contar histórias não é empostar a voz como se estivéssemos declamando; também não é a mesma coisa que bater papo com um amigo na esquina, nem ficar com o corpo imóvel e duro como se fosse um dois de paus! É falar normalmente, com emoção e volume de quem fala para uma plateia! Muito da naturalidade vem da segurança do texto que

sendo contado, segurança adquirida nos ensaios preparatórios. Quando o contador de histórias sabe o que vai dizer e sabe que está preparado para isso, a naturalidade surge naturalmente! (SISTO, 2005, p.50).

Para o elemento espontaneidade e naturalidade percebo que, quando conto uma história estudada com elementos bem definidos e simples noto que a segurança me permite contar com a naturalidade necessária a conquistar o público.

Outro elemento essencial é o ritmo:

Ritmo: Toda história tem uma sequência rítmica que começa a vigorar no momento em que o contador abre a boca. Cada parte da história exige uma “orquestração” diferente. Um ritmo que se usa para introduzir os elementos que serão desenvolvidos numa história não pode ser o mesmo utilizado quando a história vai se aproximando do seu ápice ou de seu momento de impasse. Portanto, o contador, ao estudar o texto para ser contado, tem que saber depreender a partitura rítmica de sua história (SISTO, 2005, p.50/51).

O processo de trabalho para o elemento ritmo requer o bom uso da intensidade do tom de voz, da emoção que se deseja expressar e o uso do corpo no tecer da história necessita de ritmo apropriado para envolver o ouvinte.

Na sequência, temos a necessidade de o contador de histórias elaborar o clima da história:

Clima: Nenhuma história tem o mesmo clima do início ao fim. O ritmo varia de acordo com o episódio (bloco) que está sendo narrado. A manipulação dos climas de uma história faz parte da perspicácia do contador de antecipar que efeitos ele quer atingir naquele momento em sua plateia, para que o prazer com a história seja cada vez maior (SISTO, 2005, p.51).

A criação do clima no momento de contar as histórias requer do contador imaginação e criação, conforme sugere Vigotski (2009, p. 42) “A criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores” e no decorrer da história é necessário criar as representações do clima que se deseja. Nesse sentido, penso que esse seja o que Sisto denominou como “perspicácia do contador”, que deve haver, inclusive, nos momentos em possa vir a quebrar o clima, como por exemplo, durante a contação de histórias surgir alguém chamando o contador de histórias ou um ouvinte.

Essencial para o melhor contar é a memória:

Memória: Não é simplesmente decorar o texto; é memorizar, saber, guardar a sequência da história e fazer despertar em si toda a emoção no momento exato para cada passagem adquirir o máximo de expressividade. O contador não é obrigado a conhecer a emoção exata de tudo o que conta, para isso existe a possibilidade de transferência de emoções, que no teatro chama-se memória afetiva. É só ir buscar em suas vivências algum fato que guarde em si aquela emoção necessária para aquele momento da história e transferi-la para lá (SISTO, 2005, p.51).

Uma vez escolhida a história, a memorização é o que permite o acesso às emoções que o texto traz, e sua expressividade será mais bem-sucedida, de acordo com as vivências que o contador possui com relação à história. Aqui coloco, por exemplo, minha busca por decorar as histórias. Quando ouvi a história “Pedro, o menino navegador” (FIDALGO, 2000) acreditei que o texto havia sido decorado pela contadora. Passei a fazer tentativas para decorar histórias e percebi que isso não me ajudava a fazer do texto algo com emoção e afeto, pois ficava preocupada em não alterar as palavras.

Com isso, a emoção passava a ser vazia. Foi quando dei-me conta de que decorar o texto não é o ideal para o contador de histórias. É preciso buscar algo que tenha origem na emoção e na afetividade, que ficam guardadas na experiência que temos ao longo do processo de desenvolvimento.

Convém destacar que a história é de quem a conta. Dessa forma, a verdade dos acontecimentos proporcionará a credibilidade:

Credibilidade: O contador tem que fazer a plateia acreditar naquilo que ele conta, por mais inverossímil que possa parecer. Se ele não viveu a história, pelo menos tem que fazer o ouvinte acreditar que ele viu a história acontecer na sua frente, que ele foi testemunha ocular (SISTO, 2005, p.51/52).

Acreditar é como se fosse a alma da história, pois quando acredito posso defender a veracidade dos fatos narrados, é como se pudesse visualizar o acontecimento. As sensações na contação expressam o que vem de cada momento da história: o fantástico, o improvável ou inacreditável vão depender da relação do contador com a história.

No processo de contação de histórias, as pausas e os silêncios também são elementos importantes:

Pausas e silêncios: Não é uma interrupção na história sem nenhum propósito. É uma suspensão da fala com o objetivo de intensificar o efeito, de ampliar o impacto do que acabou de ser dito. É a instauração de um tempo para a plateia respirar ou pensar no que acabou de ouvir, tempo para a construção da imagem mental. Por isso, é que dizemos, como no teatro, que toda e qualquer pausa numa história tem que ser uma pausa preenchida, cheia de significações, com uma emoção que fica pulsando no ar, mesmo no silêncio. Normalmente uma pausa é mais breve. O silêncio tem uma duração maior. (SISTO, 2005, p.52).

Dessa forma, as pausas e os silêncios são marcas audíveis, com oportunidades de fazer com que o ouvinte estabeleça mentalmente uma imagem, sendo possível detectar, no plano oral da fala, a relação entre o ouvinte e o tempo. Esses aspectos auxiliam a compreender, também, de que maneira ocorre a interação do ouvinte com a história, e assim, podem significar o que está sendo anunciado. As pausas, portanto, organizam e significam as ações. Quando utilizamos tal elemento é possível que o contador de histórias e o ouvinte se encontrem em um mesmo ponto.

Ao revelar os elementos necessários para contar histórias, Sisto (2005) oportuniza a reflexão a respeito do encantamento com as histórias contadas e que requerem também o elemento estético:

O elemento estético: O que falta aos novos contadores de histórias é um senso estético. Só de posse disso é que se torna possível transformar uma história num espetáculo. Essa noção do espetacular é que faz a diferença. Do contrário, a história estará simplesmente dita ou declamada e não contada! (SISTO, 2005, p.52).

O senso estético é confirmado com as palavras de Silva (1997, p. 14), sendo que contar histórias é uma forma de expressão estética, como se fosse uma obra de arte:

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso.

Entender o senso estético é fundamental, assim como o encantamento é necessário à história que contamos. Nas contações de histórias ficamos envolvidos

com a beleza, com as memórias que nos permitem apreciar o belo. A história que contamos com encantamento tem significações com nossas vivências.

Os elementos que citamos são verdadeiras fontes de apoio aos contadores de histórias e, ao apresentar os treze elementos apontados por Sisto (2005), considero que eles são importantes para a formação do contador de histórias. Ao compreendê-los, é possível que a história envolva o ouvinte e o contador de histórias e despertem a emoção. Esses elementos estão presentes na relação contador e ouvinte e permitem que a história adquira vida.

A história contada não é apenas a fala, o ler o texto, pois ela é repleta de significados que são atribuídos e de emoções. O texto, a adequação, o gesto ilustrativo, a voz, o olhar, a espontaneidade, a naturalidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas e os silêncios, o elemento estético, o encantamento pela história são aspectos que, se reunidos de forma harmoniosa, produzem esteticamente uma bela história.

Diante desses aspectos apresentados por Sisto (2005) e Silva (1997), a contação de histórias é uma relação direta com o ouvinte e essa relação é essencial para o contador de histórias, visto que nas afirmações de Matos e Sorsy (2009, p. 8) “O conto é a arte da relação entre contador e seu auditório. É através dessa relação que o conto vai adquirindo seus matizes, suas nuances”. É necessário considerar que ouvir histórias é importante para o desenvolvimento integral do ser humano. Quando pensamos na contribuição que contar oportuniza ao desenvolvimento podemos compartilhar o que descreve Abramovich (2009, p.18):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa).

É nesta certeza de que há todo esse encantamento que o contar e o ouvir histórias promovem e que estão envolvidos em criar e recriar o mundo. Juntos, contador e ouvinte percorrem caminhos, já que quando conta uma história, o

contador compartilha sonhos e, muitas vezes, suas experiências. Ele se apropria dos sonhos de um personagem e faz dele os seus próprios sonhos, e assim oferece aos ouvintes o “maravilhamento” sedutor de uma história contada.

Entendo que essa dinâmica torna-se essencial para sabermos quais as histórias que podem ser contadas e para quem contar? A seguir, refletiremos sobre essas questões.

4.5. Leituras e possibilidades do que contar e para quem contar

Da Educação Infantil ao Ensino Superior, as contações de histórias têm se tornado um instrumento dinâmico na docência e essas ações requerem que sejam levados em conta os interesses característicos das faixas etárias.

No caso específico das crianças da Educação Infantil, ao considerar o indicativo de faixa etária, há autores que tratarão desta questão, no entanto, com base nos estudos de Silva (1997, p. 15), que é a referência com a qual simpatizo, apresento a seguinte relação de faixa etária e interesse das crianças: pré-escolares e escolares.

Para Silva (1997) na etapa pré-escolar apresentam-se duas fases: a pré-mágica (até 3 anos) e a mágica (3 a 6 anos). Na fase pré-mágica, as histórias necessitam de enredo simples, vivo e atraente, nas quais as situações estejam relacionadas às vivências das crianças. Essa fase vai até os três anos e as histórias que são bem-sucedidas contêm ritmo, repetição e música. Essas histórias são especialmente de animais, de objetos, de seres da natureza e que possuem características humanas (exemplo: a fala), histórias de crianças e histórias com objetos sonoros (exemplo: cascas de coco).

Conforme propõe Matos e Sorsy (2009, p. 40), os contos curtos são ideais para essa faixa etária, visto que a concentração no processo de desenvolvimento ainda não é muito desenvolvida. As crianças dessa fase sentem-se atraídas por histórias com fatos concretos.

Na fase mágica, o pensamento é curioso e fantástico e as histórias são ouvidas com interesse e encanto. Nessa etapa, as crianças querem sempre ouvir a mesma história, repetidas vezes. Para elas, nas práticas que tenho desenvolvido como contadora de histórias percebo que algumas histórias são muito apreciadas

pelas crianças, tanto é que podemos contar histórias de fadas, histórias de repetição e acumulativas, sendo que entre tantas outras, destaco: “Dona Baratinha” (MACHADO, 2004), “A formiguinha e a neve” (BARRO, 2002), “O caso do Bolinho” (BELINKY, 2004), “O cabra cabrez” (GNATALLI e MORAES, 1966), “A casa sonolenta” (WOOD, 2004) “Camilão, o comilão” (MACHADO, 1996) etc.

Na etapa escolar, que corresponde à idade de 7 a 10 anos, as crianças têm interesse por histórias de encantamento, enredos com príncipes e princesas. As lendas e fábulas são bem-sucedidas, pois a criança nessa fase passa a apresentar seu senso crítico, na busca pela compreensão de seus significados.

Para elas podemos contar: histórias de crianças, de animais e de encantamento; aventuras no ambiente próximo: família e comunidade; histórias de fadas com enredo mais elaborado; histórias humorísticas e vinculadas à realidade; narrativas de viagens, de explorações e de invenções; e fábulas, mitos e lendas; além de contos de fantasmas e de assombrações. Alguns exemplos para essa etapa e que são bem recebidos nas minhas práticas de contação têm sido as histórias: “Os figos da figueira” (MACHADO, 2005), “João Bobo” (MACHADO, 2004), “Tampinha” (LAGO, 1994), “Pedro, o menino navegador” (FIDALGO, 2000), “Os sete corvos” (GRIMM, 2002), “A menina dos fósforos” (ANDERSEN, 1978), “As três doceiras” (GRUPO CONFABULANDO, 2003) etc.

Em colaboração à busca pelas indicações, temos Matos e Sorsy (2009, p. 48), sendo que as histórias que envolvem resoluções de problemas são de interesse dos adolescentes. As histórias que falem da amizade, do amor, da sabedoria e dos mitos são bem aceitas pelo público jovem. Para estes podemos contar, por exemplo: “A ilha dos sentimentos”, um conto de origem popular, de autor desconhecido, “Eros e psique” (MATOS e SORSY, 2009, pp.48-56).

A relação faixa etária e interesse que foram sugeridos nesse estudo não pode ser rígida, então, é preciso observar esse aspecto também para as histórias sugeridas. Os exemplos apresentados são sugestões que têm como base a minha prática como contadora de histórias. É necessário, portanto, que o contador de histórias esteja atento ao grupo de ouvintes para assim identificar os interesses das crianças, dos jovens ou dos adultos. É preciso considerar que as histórias infantis revelam crenças, tradições e culturas. Para tanto, faz-se necessário selecionar

diferentes histórias que trabalhem com esses aspectos, como as lendas indígenas, as lendas africanas, os contos indianos, orientais, entre outras.

Uma vez feita a escolha das histórias que serão contadas, é preciso que o contador estude-as. Para Silva (1997), não se trata de decorar o texto, palavra por palavra, mas sim de encontrar possibilidades e estratégias para explorar a narrativa, para familiarizar o ouvinte com o contexto da história contada.

Acredito que com essas intenções possam ser oferecidas estratégias e ações que auxiliam os interessados em contação de histórias a responderem dúvidas, como por exemplo: Que tipo de história contar para crianças de 0 a 3 anos, de 4 a 6 anos, ou para adolescentes e adultos?

O incentivo às famílias, por meio de projetos que as crianças possam levar leituras de diferentes gêneros para casa são também possibilidades de promover o acesso à leitura e ao gosto pela escuta da história. Esses elementos chegam até o ouvinte por meio de palavras contadas, em textos diversos que oportunizam momentos de encantamento e de viagem ao mundo da imaginação.

Ao entender a contação de histórias como uma forma de olhar o mundo, percebo que quando conto uma história que me encanta, “viajo” com o personagem. Como por exemplo, na história “A primeira roupinha” (1985) sofro com o frio que “Mirela” passou.

Os elementos apresentados por Sisto (2005) auxiliam-me na identificação de como tenho vivenciado o ofício de contadora de histórias, e com isso também ajudam a compreender como estou em processo de transformação “*ser metamorfose*” de minha identidade como contadora de histórias.

Nessa seção tratamos sobre a importância da escolha da história, dos elementos que permitem o melhor contar, e como as situações vividas (estudos autobiográficos) estão relacionados na busca da construção da identidade de professora e contadora de histórias que sou/estou. Dessa forma, quero compartilhar neste término de seção uma das histórias que me encanta.

Os figos da figueira²⁸

ACHO BOM EU IR LOGO AVISANDO. Esta é uma história que tem uns pedaços muito tristes. E que dão muito medo. Eu acho até melhor não contar. Quer dizer, no fim acaba bem. Mas até chegar

²⁸ Esta história está escrita conforme o texto presente no livro de Machado (2005).

lá... A gente vai passar por uma tristeza danada. Vocês têm certeza de que estão mesmo querendo ouvir?

Bom, eu estou dando esse aviso porque eu até acho que ele faz parte da história. Toda vez que minha avó contava, era porque a gente pedia. E, em geral, ela começava bem desse jeito, com essa conversa sobre a tristeza e o medo. Aí a gente garantia que queria ouvir mesmo. E ela avisava:

- Bom, mas então nada de choro nem de grito, combinado?

- Combinado! - a gente respondia.

Mas é claro que todos já sabíamos que ia acontecer o que acontecia sempre. Ninguém ia chorar, mas todo mundo ia gritar. E ela começava:

Era uma vez um viúvo muito rico que tinha uma filha. Olhava para ela brincando no jardim e às vezes suspirava, pensando que devia casar de novo, para ter uma mulher que cuidasse da menina.

Do lado da casa dele, morava uma vizinha muito ambiciosa e má. Ouvia aqueles suspiros e foi fazendo um plano de ficar dona daquele casarão, e daquele jardim, e daquele pomar, e mais de tudo o que ela imaginava que existia lá dentro. Um tesouro que devia valer um dinheirão.

Muito esperta, tratou de agradar a menina. Fazia bolo de mel muito cheiroso e oferecia um pedacinho por cima do muro. No dia seguinte, dois pedaços. No outro, três pedaços. Daí a pouco estava dando um bolo inteiro, enfeitadinho de bala e com um casazinho de açúcar em cima. Para embelezar e fazer surgir o assunto “casamento”.

E a menina começou a falar nisso:

- Pai, a vizinha é tão boazinha... Você podia casar com ela.

- Cuidado, minha filha – dizia ele. - Hoje ela dá mel, amanhã pode dar fel...

Mas não adiantaram nada os conselhos cuidadosos. A menina, coitada, sentia tanta falta de mãe que cismou com aquela ideia. Todo dia insistia com o pai, e ele acabou casando com a vizinha, para fazer a vontade da filha.

Ele era um homem de negócios e viajava muito. Sempre que ele se ausentava, a madrasta ia aos poucos aproveitando para fazer tudo do jeito que ela queria, e foi se mostrando como era de verdade: malvada e bruta. Tratava mal a enteada. Não fazia mais bolo nenhum e só dava resto de comida para ela comer. Botava a menina para trabalhar da manhã à noite, nos serviços mais pesados, lavar banheiro, esfregar chão, lavar e passar roupa, carregar lenha. E nunca deixava que ela brincasse.

Um dia, depois que tinha acabado todo o serviço, a menina perguntou:

- Agora posso ir brincar lá fora?

- Quer ir para o quintal? Então tenho um trabalho para você.

E mandou que a enteada ficasse no pomar enxotando os passarinhos que vinham bicar as frutas de uma figueira carregadinha de figo maduro. Era preciso ficar correndo em volta da árvore, feito um espantalho vivo, vigiando. Toda vez que um passarinho se aproximasse voando, a menina tinha que agitar no

ar um pano de prato bordado e gritar bem alto: “Xô, passarinho, xô!”, para ver se ele assustava.

A coitada ficou fazendo isso horas e horas. Até que acabou se cansando e sentou um pouquinho. Do jeito que estava exausta, encostou no tronco e adormeceu.

Quando acordou, ouviu uma música linda – um bando de passarinhos fazia a festa na figueira. De barriguinha cheia, porque já tinham bicado todos os figos.

A madrastra ficou furiosa. Num acesso de raiva, agarrou a menina, sacudiu muito, bateu nela, e acabou esganando a enteada. Quando viu a garota caída no chão, morta, resolveu esconder o corpo para o marido não descobrir. Cavou um buraco no quintal, jogou o cadáver lá dentro e pôs uma laje por cima.

De tarde, o dono de casa chegou, e a mulher disse a ele que a menina tinha feito má-criação e fugido de casa. O homem ficou muito triste, chorou muito. Saiu procurando pela vizinhança, perguntou a todo mundo, ninguém foi capaz de lhe dar notícias da filha desaparecida. Mas como não desconfiavam de nada, não teve jeito a não ser se conformar.

Não quero choro, hein... Igualzinho a minha avó, eu avisei que esta história era muito triste. Mas ela não acaba aqui.

No dia seguinte, começou a crescer um capinzinho novo no jardim, bem no lugar onde a menina tinha sido enterrada. Cresceu tão depressa que em poucos dias já era um capinzal imenso. Bem verdinho.

Quando o vento batia, passava pelo meio das folhas e gemia igual a uma alma penada:

- Uuiiiiiiii!

O capinzal ficava a noite toda uivando:

- Uiiiiiiiiiii!

Eu acho que até dá para a gente ouvir agora como é que era. Ou são vocês que estão gemendo? E essa gritaria? Tem gente com medo? Eu disse que não era para gritar. Como é que eu vou poder continuar a história com vocês gemendo e gritando dessa maneira? Assim não é possível!

Bom... O dono da casa também achou que assim não era possível. Como é que alguém podia morar numa casa que tinha no quintal uma touceira de capim tão alta que com qualquer ventinho gemia e uivava como um porão mal-assombrado ou um cemitério à meia-noite? Então ele contratou um empregado e mandou capinar bem, arrancar aquilo tudo.

No momento em que o jardineiro deu a primeira enxadada, ouviu uma voz que vinha do chão, do fundo da terra. Só que não gritava. Pelo contrário, cantava uma canção triste de fazer dó. Eu vou cantar pra vocês, mas não quero ninguém chorando.

*- Jardineiro do meu pai,
não maltrates meus cabelos,
Minha mãe me penteou,
e a madrastra me enterrou,*

*pelos figos da figueira
que o passarinho bicou.*

Ao ouvir aquilo, o jardineiro deu um berro, jogou a enxada longe e saiu numa correria desabalada. Foi buscar o patrão para ouvir também.

Num instante, os dois estavam lado a lado, ouvindo juntos. Foi só meter a enxada na terra, e lá veio a voz, bem do fundo do chão:

*- Jardineiro do meu pai,
não maltrates meus cabelos,
Minha mãe me penteou,
e a madraستا me enterrou,
pelos figos da figueira
que o passarinho bicou.*

Rapidamente, cavaram a terra e encontram a laje. Era pesada, mas eles conseguiram levantar. E lá de baixo, vivinha da silva, saiu a menina.

Chorando de alegria, o pai abraçou a filha e voltou para casa com ela no colo. A madraستا, que viu tudo da janela do segundo andar, saiu correndo pela porta da frente e não voltou nunca mais.

A menina ficou morando sozinha com o pai no casarão, até que um dia ele casou de novo com uma moça muito boa, que adorava a enteada. E como tiveram outros filhos, aquele bando de irmãos era uma alegria só. Corriam e brincavam tanto, davam tanta risada e faziam tanto barulho no quintal que o máximo que os passarinhos conseguiam era bicar só um figuinho de vez em quando.

Pelo menos, era o que garantia minha avó. Ela mesma, uma mulher muito boa que casou com um viúvo – que era avô – e criou os três filhos dele na maior felicidade, ao lado dos quatro que tiveram juntos. E entrou pelo pé do pinto, saiu pelo pé de pato, quem quiser que conte quatro (MACHADO, 2005, p. 29-34).

Esses foram apontamentos registrados das minhas vivências, experiências e tentativas de sistematização teórica das minhas práticas como professora/contadora de histórias. A seguir, apresento as considerações finais desse trabalho, mas é certo que somos seres inacabados. Essas considerações são aspectos que serão revistos e reconsiderados ao longo do exercício do contar e recontar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações para continuar “Em um outro dia”...

Houve um tempo... e não faz tanto tempo... em que uma “fada” deu início a uma história de vida que nos trouxe até aqui. A busca pelas considerações finais da pesquisa aqui apresentada permitiu a ideia de que a contação de histórias levou-me a buscar conhecer o processo de construção da minha identidade, como professora contadora de histórias, de forma intensa e apaixonada.

Ao retomar o objetivo principal desse estudo, que foi o de analisar minhas práticas de contação de histórias e sistematizá-las, como estratégias para os momentos de contações de histórias, que são essenciais na construção da minha identidade de contadora de histórias, acredito que foram significativas as análises e os estudos realizados. Um dos aspectos principais que considero desse trabalho foi o fato de poder ter refletido além dos limites da escrita e da questão intelectual, com o intuito de sistematizar o processo que me levou a ser professora e contadora de histórias. Também refleti sobre o fato de que, às vezes, só é possível esclarecer algo quando buscamos responder às perguntas que nós fazemos durante as nossas vivências e experiências pessoais e profissionais. Esse percurso levou-me a um processo de observação sobre a minha identidade e, assim, a reflexão identitária.

As perguntas não cessaram. Elas tomaram novos rumos e, dentre as respostas que obtive, pude anunciar que a história vivenciada pode tornar-se ciência, pois reflete um processo de investigação na busca do conhecimento de *si*, e torna-se um percurso investigativo de conhecimento e de entendimento da formação pessoal e profissional. Isso é possível quando nos propomos a essa tomada de consciência. Nas itinerâncias e vivências que oportunizam aprendizados ao longo do desenvolvimento integral, as situações que se dão por toda vida, servem como base existencial no processo de formação e de conhecimento.

Na relação de formação e de construção da identidade do contador de histórias perpassa a consciência de *si*, o modo de entender a convivência com o outro e a maneira como compreendemos o mundo ao qual pertencemos. Esses aspectos, portanto, auxiliam na constituição da nossa identidade.

É necessário considerar que é fundamental sistematização da prática de contação de histórias na formação inicial e continuada do contador de histórias, de forma a oportunizar o entendimento de quão importante é a literatura oral como elemento humanizador. Além disso, são necessárias reflexões sobre as estratégias de contação que tornam essa ação metodológica algo sedutor, lúdico, criativo, imaginativo e determinante nas relações do ser humano com o mundo.

A influência da contação de histórias no desenvolvimento integral e na formação humana é necessária e positiva, visto que a arte de contar histórias é comunicação. Quando narrarmos e compartilharmos essa ação temos o ouvir, que se entrelaça com a humanização do homem na arte de viver, de descobrir, de interpretar e de agir no mundo. A palavra, que na sociedade é ferramenta do humano, tem na contação de histórias a sedução e o encantamento que têm as histórias. As palavras são ditas na confirmação da mediação do ser humano em momentos sublimes que efetivam a relação que existe entre a história contada, o contador de histórias e os ouvintes.

Posso revelar que aqueles que atuam e contam histórias utilizam diferentes estratégias de contação que são meios para reproduzir a cultura e, ao mesmo tempo, reinventá-la. Dessa maneira, promovem a imaginação, a fantasia, a afetividade, as expressões gestuais, as expressões motoras e o pensamento.

A necessidade de acesso à literatura leva as pessoas a entenderem a contação de histórias como recurso que contribui para o processo de desenvolvimento do ser humano em todas as suas fases. Ao contar e recontar uma história, o contador de histórias, promove a mediação da linguagem, potencializa as interações e assegura o desenvolvimento integral.

Cabe ainda aos que utilizam a contação de histórias sistematizar, planejar, eleger e divertir-se com as histórias, a fim de que, por meio das mediações de “fadas”, como foi a minha professora Zaida, existam estímulos para o universo da fantasia e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

É essencial conhecer a *si* mesmo e conhecer bem as histórias para que cada contador de histórias, seja ele professor ou não, possa elaborar as suas próprias estratégias de forma dinâmica e criativa para encantar as pessoas. As histórias provocam fascínio em quem as ouve, independentemente da idade ou do pertencimento social.

As vivências de ouvir a narrativa oral são essenciais para o desenvolvimento, de forma que não posso deixar de registrar a influência de meu Pai nesse estudo, principalmente quando me contava histórias da literatura oral, desde que eu era bem pequena. As suas influências confirmam a contação de histórias como algo visceral ao ser humano, pelo fato de que a memória de meu Pai Leonardo, é feita a partir de suas histórias de infância, marcada por ouvir contações de histórias que se misturam às fantasias e à imaginação. Mesmo com sua condição de semialfabetizado, ele, por meio de sua leitura de mundo, em forma de história e de trabalho, revela a memória cultural que chegou a ele e veio até mim, e que tenho compartilhado nas itinerâncias, como contadora de histórias.

Nessa pesquisa, do mesmo modo, foi necessário descrever a trajetória de minha história, e perceber que ela está repleta de histórias impregnadas pela arte do contar. Em um primeiro momento, a contação de histórias entrou na minha vida por meio das histórias que ouvi de meu pai, das professoras, dos livros e dos discos de vinil, como também das modas de viola ouvidas nas manhãs de domingo. A formação acadêmica, essencial no processo de identidade, que aliada aos cursos, oficinas e vivências com a arte de contar histórias, a partir de projetos como o Viva Leitura são elementos cruciais ao processo de como me fiz contadora de histórias. Em um momento seguinte e, por quanto tempo puder, como uma contadora de histórias itinerante, pretendo sempre poder compartilhá-las.

A construção da identidade do contador de histórias, quando pensada na perspectiva dos estudos autobiográficos, permite o olhar sobre a prática, em especial no processo de autoformação e da constituição identitária. Para que essa construção da identidade seja algo efetivo, sabemos que são necessários elementos importantes, como a identificação e o estudo de estratégias para a contação de histórias. Esses aspectos permitem entender e estimular mecanismos que fazem do contador de histórias, um mediador da cultura, da arte e da oralidade proferida pela contação de histórias.

A metodologia autobiográfica foi essencial para esse estudo, pois permitiu a compreensão da construção de minha identidade como contadora de histórias e professora, que ocorreu ao longo de meu processo de conhecimento de mundo. Por meio desses estudos foi possível o autoconhecimento, que revelou a importância do passado e do presente que me constituem como contadora de

histórias e professora. É preciso considerar que esses aspectos não ocorreram necessariamente nesta ordem, visto que são indissociáveis e necessários para minha atuação no mundo.

Há de se pensar a contação de histórias como promoção do universo literário, da leitura, da imaginação, da fantasia, da criação, ou seja, da humanização do ser humano. Fato importante é que a contação de histórias deve permitir que o ouvinte tenha suas próprias conclusões sobre a história. Assim, cabe ao contador de histórias narrar sem julgamento dos fatos.

Desde os primórdios da humanidade, o ato de contar histórias é uma atividade que privilegia a mediação de conhecimentos de maneira mágica, contagiante e emocional, com estratégias estudadas e coerentes. Esse ato aproxima as pessoas, produz aconchego e as humaniza. Trata-se de uma experiência necessária e insubstituível.

O contador de histórias em minhas considerações é fundamental ao processo de humanização, pois ele é um socializador/mediador que conta vivências e que compartilha a cultura da oralidade, enfim, desde os tempos mais longínquos, socializa as belezas da vida com preciosos tesouros, que são os frutos da palavra. Vale ressaltar, então, que as palavras ajudam a pensar, a imaginar e a criar, para buscarmos entender o que nos rodeia e a entendermos a nós mesmos.

Destaco, novamente, que as descrições a respeito de minha trajetória foram essenciais para constituir a minha identidade de contadora de histórias. Essas situações, junto às vivências com a docência na Educação Infantil e no Ensino Superior, auxiliam-me no momento de refletir a respeito de minha identidade. Logo, reconheço que esse estudo esclareceu algo que foi enfrentado nas perguntas que foram feitas e que me levaram a vivências antigas guardadas na memória e que não são oriundas exclusivamente da cultura, são vivências do presente. Desse modo, esse trabalho foi como readquirir um saber que estava adormecido, mas existente no inconsciente e presente nas interações que tive. Como descrito na canção “Porta do mundo”, de Peão Carreiro e Zé Paulo (1998) “coisas divinas do mundo que vem num segundo a sorte mudar, trazendo pra dentro da gente as coisas que a mente vai longe buscar”.

Ao sistematizar as estratégias elaboradas durante o processo de formação do “Projeto Viva Leitura” tenho uma metodologia para contação de histórias que foi

desenvolvida oriunda do exercício do contar muitas vezes e para muitos ouvintes, em diferentes espaços e tempos. Que entre muitos erros e acertos tem oportunizado a possibilidade de alimentar e de vivenciar a arte estético-literária.

Contar uma história é uma maneira de vivermos juntos com aqueles que nos contaram e de permanecer naqueles que nos ouvem. É viver algo singular que está intrínseco em cada indivíduo. Trata-se de uma elaboração imaginária que se organiza fora do tempo da história, pois ao contar histórias somos transportados para o universo da narrativa, para locais desconhecidos, com personagens fantásticos que nos apresentam um universo fabuloso. É nesta elaboração especificamente humana que a imaginação possibilita a criação e a produção do ser humano e isso é possível pela memória. Para esclarecer essas questões quero partilhar uma última história, que trata do conto da Podlachie de tradução e reconto de Gislayne Avelar Matos:

O que há de melhor nesta vida

Certa vez, Peroun, o grande deus da Podlachie, estava mergulhado em profunda reflexão sobre a felicidade da raça humana. Deuses, deusas e fadas vieram juntar-se a ele. Peroun então disse ao deus do amor:

- Seja nosso juiz, o que há de melhor nesta vida?
- Eu penso ser o amor.

Mas a deusa da beleza interrompeu e disse, enquanto alisava suas longas tranças:

- Ah, não! O melhor desta vida é o charme, a graça.

Muitos outros deuses vieram dar sua opinião, e Peroun ouviu muitas opiniões diferentes. De repente, o grande deus levantou sua cabeça branca e chamou a deusa da morte, que até então não se manifestara. Ela se aproximou, bela e sombria com suas vestes negras e tecidas com as noites profundas, bordadas com pérolas de lágrima e rubis de sangue.

- O que queres de mim?

E Peroun disse:

- Escute, deusa da morte, você que sabe destruir tudo o que minha sabedoria criou, exceto o que fiz de imortal, seja nossa juíza e nos diga: qual é a melhor coisa desta vida?

A deusa da morte fixou todos os deuses e deusas com seu olhar penetrante e glacial, e ordenou que passassem um a um a sua frente. O deus do amor veio primeiro, com passos um tanto hesitantes, e, enquanto passava, deixou cair de sua túnica milhares de rosas perfumadas que cobriram a terra. Em seguida, veio a deusa da sabedoria. Ela esmagou as rosas e, no lugar delas, deixou cair camélias frias e sem perfume. Em seguida, passou a deusa do prazer semeando papoulas rubras. A deusa da tristeza veio em seguida e, esmagando tudo o que ali havia, fez cair flores-

de-lis azuis. A deusa dos sonhos passou destruindo as flores-de-lis azuis. Deixou em seu lugar ciclamens. Muitos outros passaram, e sempre esmagavam o que ali se encontrava.

A deusa da morte pediu que passassem ainda outra vez pelo mesmo caminho. E nada mais restava naquela terra quando acabaram de passar, exceto uma florzinha roxa e com o miolo dourado que teimava em florescer, intacta. Uma pequena deusa, vestida com um longo manto lilás, plena de uma serenidade mística, as havia semeado no caminho dos outros deuses. Perto dela, a deusa da morte sentiu pela primeira vez sua impotência diante da criação de Peroun.

Ela se voltou então para o grande deus e disse:

- O que há de melhor nesta vida eu não sei, mas sei o que há de mais forte. Essas flores foram semeadas pela deusa das recordações.

E Peroun, então, batizou essas flores com o nome de Perpétua.

Por isso se diz que a morte só existe onde não há memória (MATOS e SORSY, 2009, pp. 181-182).

Deixo, neste lapso momento, a importância e a fortaleza da memória na certeza da perpetuação da contação de histórias e que, com o pensar desse estudo, possamos sentir e viver as palavras de Peter Brook, um dramaturgo inglês que em seu livro “Fios dos Tempos” (2000, p. 312) tão bem representa minha história

Em um vilarejo africano, quando um contador de histórias chega ao fim de sua fábula, ele coloca a palma de sua mão no chão e diz: “Eu coloco a minha história aqui”. Então acrescenta: “Para que uma outra pessoa possa continuá-la em um outro dia”.

Nesse trabalho as perguntas não cessam, elas apenas ganham uma resposta para o momento. Desejo, na certeza da propagação da contação de histórias, que muitas outras pessoas possam continuar a contar, a encantar e a vivenciar as bonitezas da vida com as histórias.

Como Forrest Gump (1994), chego a imaginar que existe um destino ou, que estamos sendo levados pela brisa, mas gosto de pensar e acredito que são as vivências e as mediações que permitem sermos levados pelo tempo, registrando o processo histórico de nossas memórias, com as histórias que um dia alguém contou e permanecem em nós.

A epígrafe dessa dissertação iniciou com uma pena e uma frase de Gump (1994), isso porque o filme “Forrest Gump: o contador de histórias”, inicia com uma pena sendo levada pela brisa e que é apanhada por Forrest Gump que a guarda

em um livro de infância dentro de sua mala. Ao fim do filme, depois de todas as histórias, a mesma pena segue flutuando na brisa. Para mim, metaforicamente, seria a pena uma história que podemos apanhar e que ganha liberdade quando contada, por isso as palavras finais neste momento de considerações também terminam com uma pena, no sentido de que a história contada é livre, como a pena flutua na imaginação e direciona seu próprio caminho.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

ALMEIDA, D. de P. F. **No reino da alegria**. São Paulo: IBEP Instituto Brasileiro de Ed. Pedagógicas, 1984.

ALMEIDA, L. M. **O escaravelho do Diabo**. São Paulo: Ática, 1972.

ANDERSEN, H. C. A menina dos fósforos. In: _____, H.C. **Contos de Andersen com ilustrações originais**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BARRO, J. de. **A formiguinha e a Neve**. São Paulo, Editora Moderna, 2002.

BELINKY, T. **O caso do bolinho**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BERGAMINI, C. V. A poética da voz: análise da voz em narrativas orais. **Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina, n. 11, p. 28-36, jan-jul 2011. ISSN 1980-4504. Disponível em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/claudia.pdf>>. Acesso em 01mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal do MEC: **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574> acesso em 15 mar. 2015.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. / _____. Ministério da Educação. Portal do MEC: Legislação. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> acesso em 19 mar. 2015.

_____. Ministério da Educação. **Literatura na infância: imagens e palavras** / Aparecida Paiva ...[et al.] – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Belo Horizonte: UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2008.

_____. Ministério da Cultura. **Prêmio Vivaleitura**. 2014. Disponível em: <http://www.premiovivaleitura.org.br/perguntas-frequentes/default.asp>. Acesso em 20 set. 2015.

BROOK, Peter. **Fios do tempo**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 7ª.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

CARNEIRO, C. C. **Dobrando e Cantando**. 2000. (Editoração/Livro).

CIAMPA, A.C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em <https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-identidade.pdf> Acesso em 10 set. 2015.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, M. M. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE, 2003.

DEBUS, E. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

DÍAZ, R. Uma vida de conto: a arte de contar histórias da selva no meio urbano. In: GOMES, L.; MORAES, F.(org.) **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DUPRÉ, M.J. **Éramos Seis**. São Paulo: Ática, 1943.

_____, M. J. **A ilha perdida**. São Paulo: Ática, 1944.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2ª ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, S. C.; MOTOYAMA, J. F. M. É só sentar que a história já vai começar: tapetes para contar e encantar! In: SOUZA, R. J. ...[et al] **A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias**. Campinas: Mercado das letras, 2015.

FIDALDO, L. **Pedro, menino navegador**. Rio de Janeiro: Manati, 2000.

FILHO, J. R. **Tonico**. São Paulo: Ática, 1977.

FORREST GUMP, **O contador de histórias**. Direção: Robert Zemecks. Produção: Steve Tisch e Wendy Finerman. Intérpretes: Tom Hanks, Sally Field, Gary Sinise, Robin Wirght e outros. Roteiro: Eric Roth. Música: Alan Silvestri. Los Angeles. Paramount Pictures, 1994. 1 DVD (142 min.).

FOX, G.; GIRARDELLO, G. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, G. (org.) **Baús de chaves da narração de histórias**. 4ª ed. Santa Catarina: SESC, 2008.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências e Cognição / Science and Cognition**, [S.l.], v. 12, Nov. 2007. ISSN 1806-5821. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/648/430>>. Acesso em: 15 Jan. 2015.

GIORDANO, N. A. M. R. **A identidade do contador de histórias na contemporaneidade** – conto de tradição oral como mediador para ações emancipatórias do homem contemporâneo. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 2012. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15134 Acesso em 19 ago. 2015.

GIRARDELLO, G. Na clareira do presente: o diálogo narrativo entre as gerações. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.41-56.

_____, G. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas: Papirus, 2014.

GIROTTI, C.G.S.; SILVEIRA, R.C. A relação dos pequeninos com a Literatura Infantil: de ouvintes a leitores. In: SOUZA, R.J.; FEBA, B. L. T. (Org.) **Ações para a formação do leitor literário: da teoria à prática**. Assis: Storbem Gráfica e Editora, 2013.

GNATALLI, R.; MORAES, S. **O Cabra Cabrez**. São Paulo: Continental – Coleção Disquinho. 1966.

GOMES, L. Cantares e contares: brincadeiras faladas - A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: _____.; MORAES, F.(org.) **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. P.23-40.

_____; MORAES, F. **Histórias de quem conta histórias**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GONZAGA, JR. L. Caminhos do Coração. In: GONZAGA, JR. L. **Caminhos do coração**. São Paulo: EMI – Odeon – 1982. LP. (32:54 min.) Faixa 10.

GRIMM, Jakob. **Contos de Grimm: animais encantados**. Apresentação, Tradução e Adaptação de Ana Maria Machado. Ilustração de Ricardo Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

GRUPO CONFABULANDO. As três doceiras. In: _____, **Pode entrar dona sorte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GRUPO GRAPHO COMUNICAÇÕES, **A primeira roupinha**. Casas Pernambucanas. 1985.

GRUPO RBS. **Educar é tudo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5p_PSx_H6g0 > Acesso em 20 Abr. 2015.

GULLAR, F. **As mil e uma noites: contos árabes**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.

IMBERMÓN, F. **Formação Docente e profissional formar-se para a mudança e a incerteza**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. 2ª ed. São Paulo/Natal, 2010.

LAGO, A. **Tampinha**. São Paulo: Moderna, 1994.

MACHADO, A. M. Os figos da figueira. In: MACHADO, A. M. **Pedro Malasartes e outras histórias à brasileira**: recontadas. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2005.

_____, A.M. **João Bobo**. São Paulo: FTD, 2004.

_____, A.M. **Dona Baratinha**. São Paulo: FTD, 2004.

_____, A. M. **Camilão, o comilão**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

MATOS, G. A. Mergulhados em beleza: a arte de contar histórias e a arte-educação. In: GOMES, L.; MORAES, F.(org.). **A Arte de Encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. P. 111-132.

_____, G.A. **A palavra do contador de histórias**. 2ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____, G.A. SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**. 3ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. [on-line]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

MORAES, F. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORELLI, A. MAGER, M. MULLER, V. R. RODRIGUES, P. Pipa, Boneca, Esconde e Peteca: Brinquedos e Brincadeiras do Brasil. In: **Brincar, brinquedos e brincadeiras**: modos de ser criança nos países de língua oficial portuguesa. Maringá: Eduem, 2014.

NEDER, D. L. de S. M. et al. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. IN: **Pedagogia em Ação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 61-64, Jul. 2009. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/648>>. Acesso em: 12 Out. 2015.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: _____, (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Z. M.R.; SILVA, A. P.S.; CARDOSO, F. M. and AUGUSTO, S. O. **Construção da identidade docente:** relatos de educadores de educação infantil. *Cad. Pesqui.*[online]. 2006, vol.36, n.129, pp. 547-571. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0336129.pdf>. Acesso em 20 Fev. 2015.

OLIVEIRA, M. E.; ZAMPIERI, M.F.M.; BRÜGGEMANN, O.M. **A melodia da humanização:** reflexões sobre o cuidado no processo de nascimento. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

PAIVA, A; SOARES, M. Critérios de seleção dos livros para os acervos. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Literatura na infância:** imagens e palavras / Aparecida Paiva ...[et al.] – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Belo Horizonte: UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2008.

PALAVRA CANTADA, **Pandalelê**. In: IP OP – Belo Horizonte: MCD, 2ª ed. 2005. CD/CD-ROM. (31 min.) Faixa 21.

PAULA, E.M.T. de. Identidades profissionais e cenários educativos de professores e educadores em diferentes contextos. In: _____; FALCO, A. M. C. (org.) **Educação e processos não escolares**. Maringá: Eduem, 2012.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

_____, E. Um espaço de liberdade, imaginação e aventuras. **Pátio – Educação Infantil**. Porto Alegre – RS, Ano VII, V. 24. p. 16-19, Jul/Set de 2010. Entrevista concedida a Cristiane Marangon.

_____, E. **O cravo brigou com a rosa**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____, E. **O Bordado Encantado**. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____, E. **Retorno Semana Literária SESC – Campo Mourão – Importante**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por ianda@hotmail.com em 25 out. 2010.

PONTES, R. L. J; FILHO, J.A. de C. **O uso do Blog como ferramenta de ensino-aprendizagem por professores participantes do Projeto Um Computador por Aluno (UCA)**. In: Anais do XXII SBIE - XVII WIE, Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011. p. 1478-1487. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016590.pdf>> Acesso em 18 Jan. 2015.

PRADO, A. Para o Zé. In: **Poesia Reunida**. 9ª ed. São Paulo, Ed. Siciliano, 1999.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] :** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSEMBERG, F. A Educação pré-escolar brasileira durante os governos militares. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.82, p.21-30, Ago. 1992. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n82/n82a02.pdf>> Acesso em 16 de Fev. 2015.

SARTRE, J. P. **Que é literatura?** 3ª ed. São Paulo: Ática. 2004.

SEIXAS, R. S. Prelúdio. Intérprete: Raul Seixas. In: **Gita**. São Paulo: Philips, 1974. LP/CD. (33:42 min.). Faixa 10.

_____, R.S. Krig-Há, Bandolo!. Intérprete: Raul Seixas. In: **Metamorfose Ambulante**. São Paulo: Philips, 1973. LP/CD. (25:37 min.) Faixa 03.

SILVA, M.B.C. **Contar histórias uma arte sem idade**. 7ªed. São Paulo: editora Ática, 1997.

SILVA, P. A Tartaruguinha. In: **Canção na Pré-Escola Amarelinha 1**. São Paulo: Paulinas. 1985. 1 CD, Faixa 19.

SILVA, T. T. da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

SILVA, V.S. da. Foi assim que me contaram, foi assim que te contei: diálogos e reflexões sobre a narração de histórias. In: SOUZA, R. J. ...[et al] **A arte narrativa na infância**: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas: Mercado das letras, 2015.

SILVA, V.M.T. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2ª ed. – Goiânia: Cãnone Editorial, 2009b.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2ª ed. Curitiba: Positivo, 2005.

SOUSA SANTOS, B. de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 4ª ed. São Paulo: Cortez. 1995.

SOUZA, E.C. **Histórias de vida e formação de professores**. In: BRASIL, Histórias de vida e formação de professores. Salto para o futuro, TVescola, Ministério da Educação, SEED – MEC, Boletim 01, Março de 2007. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212Historias.pdf>> Acesso em 12 de Nov. 2014.

_____, E.C. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativa de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOUZA, R. J.; GIROTTO, C.G.S. Era uma vez... Uma caixa de histórias: Prosa no acervo do PNBE 2014. In: BRASIL. Ministério da Educação. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

VASCONCELOS, G. A. N. Puxando um fio... In: _____, G. A.N. (org.); JESUS, R. F.; FERREIRA, M. Z.; SANTOS, M. et al. **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P. 07–19.

VENDRAME, E. C. D. S. **Educar é tudo** [Internet]. Campo Mourão: editor. Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame. 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 Abr. – [citado em 07/02/2015]. Disponível em <<http://educartudo-eliandra.Blogspot.com.br/>>.

_____, E.C.D.S. **A intriga do gato e o cachorro**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q0kcBLFSDs0>>. Acesso em 24 de Jan. 2015.

_____, E.C.D.S. **Um jeito especial de aprender: brincar**. Itribuna, Campo Mourão. 06 Mar. 2013. Disponível em: <<http://www.itribuna.com.br/entretenimento/2013/03/um-jeito-especial-de-aprender-brincar/1056373/>>. Acesso em: 20 Fev. 2015.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaio comentado).

_____, L. S. Pensamento e palavra. In: **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.395-486.

VIVA LEITURA, **Lançamento do “Projeto Viva Leitura”**. Vídeo (3 min36s). 28 fev. 2011. Disponível em: <<http://vivaleiturfundacam.Blogspot.com.br/2011/02/lancamento-do-projeto-viva-leitura.html>> acesso em 20 fev. 2015.

VIVA LEITURA, **“Projeto Viva Leitura”**. Vídeo (3 min 10s). 01 set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KQ5xUTzc5fM>> acesso em 20 de abr.2015.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. SP, Martins Fontes, 1987.

_____, L.S. VIGOTSKI, **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WOOD, A. **A casa sonolenta**. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

YUNES, E. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1

E-mail enviado ao autor

Olá Professor Edmir

Depois de participar de sua palestra na semana literária SESC (16/09/2010), fiquei entusiasmada em compartilhar com meus alunos as bonitezas da vida. E para mim foi muito emocionante poder levar comigo um livro autografado pelo autor, que dedicou a nós com muito carinho. Logo que concluí a semana, fui em busca do Bordado Encantado e depois de ler e reler percebi em sua obra muitas coisas lindas e mais ainda na sua colocação de fazer chegar a todos as histórias e o quanto elas são essenciais para a transformação do ser humano.

O que me levou a pensar que não poderia apenas ler o livro às crianças, desejava algo mais, foi então que organizei uma proposta que os alunos fizeram com muito prazer. O livro: O cravo brigou com a rosa, se transformou em teatro, música e um lindo livreto que fomos produzindo dia a dia.

Como sei que muitas vezes seu trabalho fica sem um retorno tomei a liberdade de lhe enviar esse material, desejo imensamente que o senhor aprecie e possa nos dar sua opinião. As crianças com que compartilho meus dias têm 4 e 5 anos, e já conhecem o senhor, levei fotos, pesquisas e por ideia deles resolvi mandar o e-mail.

Primeiro com a música, cantamos e brincamos muito com ela, fizemos máscaras e dramatizamos:



Figura 21 - Momento de dramatização da canção
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 22 - Alunos em momento de produção do livreto
Fonte: Acervo Pessoal.

Em sala, realizamos questionamentos sobre a canção, então foi apresentado o livro, o autor Edmir Perrotti (amigo da professora) apresentando as fotos do encontro e a dedicatória às crianças. Partimos para a leitura e, em seguida, a produção do livreto, por partes, e entre os estudos fizemos uma análise das possíveis causas que levaram o Cravo e a Rosa a brigarem, sendo que foram muitas as opiniões e registramos em um cartaz. Os resultados foram muito gratificantes Professor Edmir, quando pegamos os livretos eles já dizem que foram baseados na obra do Edmir Perrotti.

Professor Edmir essa foi a maneira que encontramos para homenagear seu carinho e trabalho para com as crianças, a ideia deu tão certo que agora estou em busca das outras cantigas que o senhor produziu. Para encerrar gostaria de deixar nosso agradecimento por compartilhar conosco seu trabalho e dizer que foi significativo para mim educadora estar em sua palestra, e mais ainda por sua dedicatória e o livro que o senhor nos presenteou.

Que sempre haja muita sabedoria e entendimento para que o senhor possa continuar sua missão de encantar pelas palavras e ideias. Um abraço repleto de admiração da Professora Eliandra e as 36 crianças do Nível II.

As capas contaram com dobradura e pintura. Um exemplo está nas páginas seguintes:

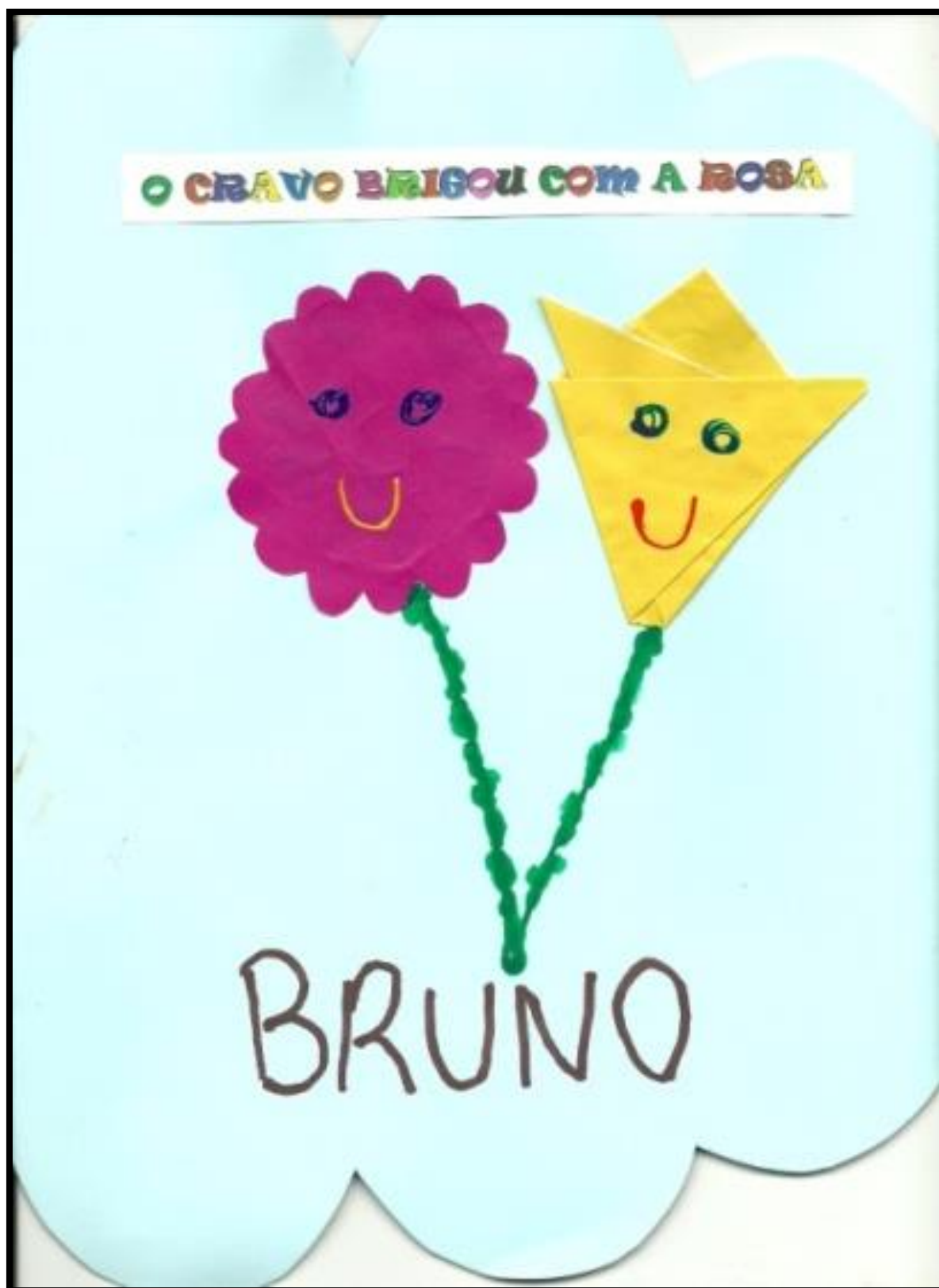


Figura 23 - Capa do Livreto produzido por Bruno
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 24 - Atividade de registro com a canção O cravo brigou com a Rosa
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 25 - Dados e informações sobre a produção - Ficha catalográfica produzida com as crianças.
Fonte: Acervo Pessoal.

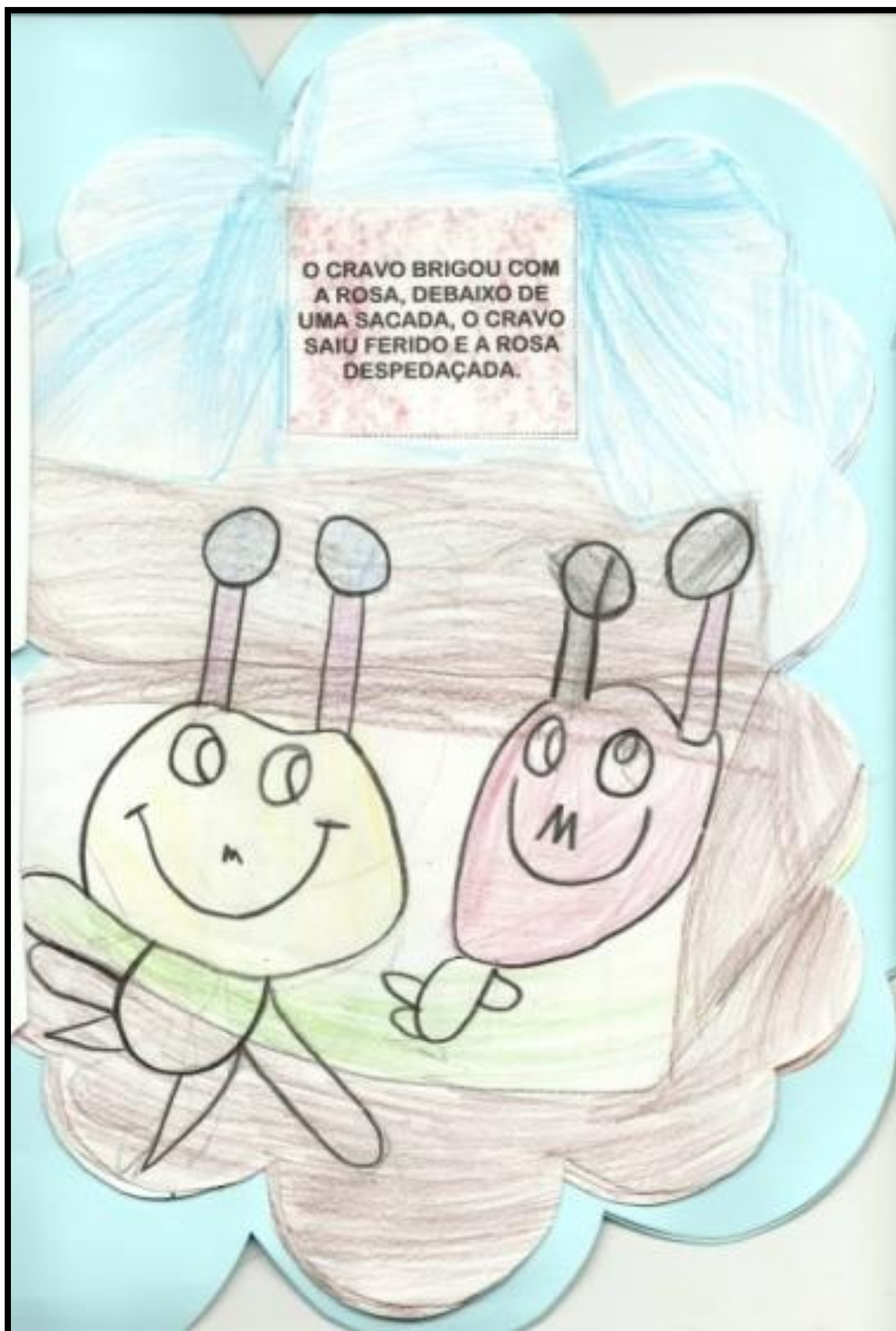


Figura 26 - Ilustração trecho da canção
Fonte: Acervo Pessoal.

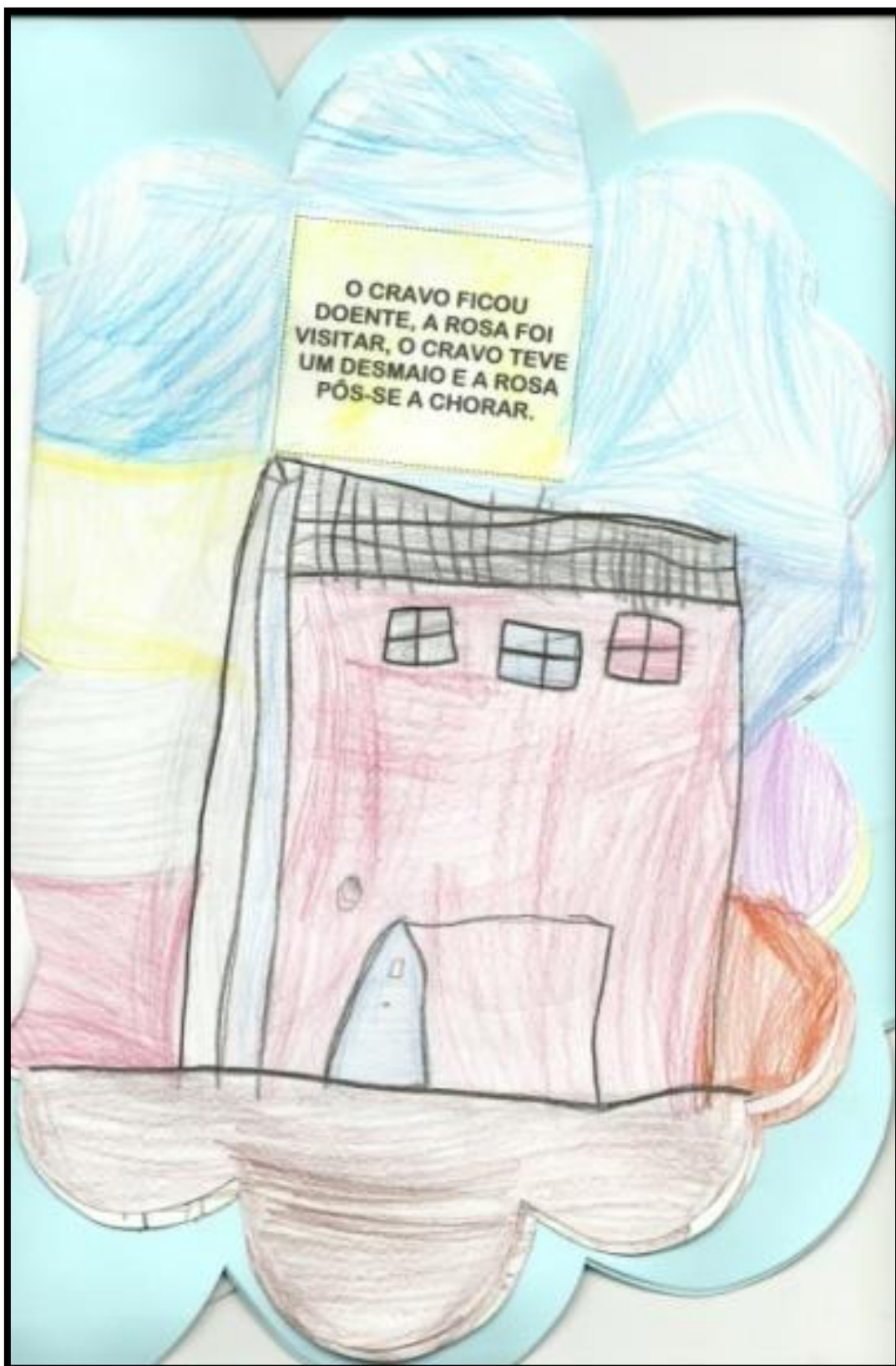


Figura 27 - Registro ilustrativo
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 28 – Ilustração
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 29 - Informações sobre Edmir Perrotti
Fonte: Acervo Pessoal.

²⁹ No material, onde está "AEC/USP", a forma correta é "ECA/USP", Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP).